

GAIL CALDWELL

VENCEDORA DO PRÊMIO PULITZER

# Um Longo Regresso a Casa

A HISTÓRIA  
DE UM AMOR  
SEM LIMITES



## **Ficha Técnica**

Título original: Um Longo Regresso a Casa

Autor: Gail Caldwell

Design de capa: Maria Manuel Lacerda

Revisão: Fernando Milheiro

ISBN: 9789722050050

Livros d'Hoje

Publicações Dom Quixote

uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2010 by Gail Caldwell

© Publicações Dom Quixote, 2011

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.livrosdhoje.leya.com](http://www.livrosdhoje.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

Este livro foi escrito segundo  
o novo Acordo Ortográfico de 1990

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Para Caroline*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

*Na torrente da vida, os momentos dourados passam por nós  
e nós não vemos mais do que areia; os anjos vêm visitar-nos  
e só os reconhecemos depois de eles terem partido.*

George Eliot,  
*Scenes of Clerical Life*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

Esta é uma velha história: eu tinha uma amiga com quem partilhava tudo, até que ela morreu e também isso nós partilhámos.

Um ano depois de ela ter partido, quando eu julgava já ter ultrapassado a loucura daquele sofrimento inicial, caminhava no parque de Cambridge onde durante anos Caroline e eu passeámos os cães. Era uma tarde de inverno e o local estava vazio – a estrada fazia uma curva, não havia ninguém à minha frente nem atrás de mim e eu senti uma desolação tão grande que, por momentos, os meus joelhos ficaram imóveis. «O que estou aqui a fazer?», perguntei-lhe em voz alta, habituada agora a conversar com uma melhor amiga morta. «Devo seguir em frente?» Ao seu lado a minha vida fizera sentido: durante anos jogámos diariamente ao jogo fácil do apanha que uma ligação íntima implica. Uma bola, duas luvas, a mesma alegria no atirar e no apanhar. Agora, ali estava eu, sem ela: uma luva, nenhum jogo. O sofrimento é o que nos define quando estamos sós.

## .1.

Ainda consigo vê-la de pé, junto à margem, com uma toalha à volta do pescoço e um cigarro pós-exercício na mão – metade Gidget <sup>1</sup>e metade atleta de eleição<sup>2</sup>, os braços de remadora num contraste provocador com o horrível fato de banho cor-de-rosa que ela descobrira não sei onde. Era o verão de 1997 e Caroline e eu tínhamos decidido trocar desportos: eu iria ensiná-la a nadar e ela ensinar-me-ia a remar. Era por isso que eu estava aninhada no barco de competição da minha melhor amiga, estreito como uma agulha, trinta centímetros e meio de largura no máximo, parecendo menos uma remadora e mais uma aranha embriagada. Estávamos no lago Chocorua, em New Hampshire, uma massa de água com cerca de mil e seiscentos metros de extensão, próximo das Montanhas Brancas, e a única pessoa também presente para observar os meus progressos era o nosso amigo Tom, que se encontrava de férias connosco.

«Excelente!», gritava Caroline de cada vez que eu conseguia fazer a mais pequena manobra, ainda que débil. Eu agarrava os remos num aperto tenso. Com trinta e sete anos de idade, Caroline remava há mais de uma década; eu tinha quase mais nove anos, fora nadadora durante toda a vida e imaginava que ainda tinha capacidade física para captar os princípios básicos de um *scull*<sup>3</sup> em cima da água. Mas de tanto desejar imitar Caroline, cuja cadência da remada tinha a precisão de um metrónomo, nem percebera que o simples facto de me sentar no barco me fazia sentir tão instável como se procurasse o equilíbrio numa folha flutuante. Como é que eu a deixara convencer-me?

Habitualmente, os principiantes aprendem a remar num barco com o triplo da largura e do peso do de Caroline Van Dusen; mais tarde, confessou-me que mal podia esperar para ver o barco voltar-se num movimento súbito. Mas equilibrada à beira da água, gritando instruções, ela era só bom ânimo e entusiasmo férreo. E pode também ter estado a calcular o meu sucesso, fugaz como era, com um cronómetro. Tendo os remos como única força de alavanca, comecei a inclinar-me em direção à água e depois fiquei imobilizada num ângulo precário de sessenta graus, suspensa mais por paralisia do que por um qualquer sentido de equilíbrio. Na doca, Tom ria a bandeiras despregadas; quanto mais eu tombava, mais ele ria.

«Vou ter com vocês!», disse-lhes, a chorar.

«Não», respondeu-me Caroline friamente, como um treinador numa temporada perdida. «Não vens nada. Mantém as mãos juntas. Fica calma... não olhes para a água, observa as tuas mãos. Agora, olha para mim.» A voz consolou-me e as suas instruções foram o suficiente para que eu me endireitasse e retomasse a posição, e então consegui dar cinco ou seis remadas naquela água rasa antes de sair do barco a voar e mergulhar no lago. Quando voltei acima, alguns segundos depois e cerca de nove metros à frente, Caroline ria e eu fora contemplada com um vislumbre do êxtase.

Tínhamos ido os três para Chocorua durante o mês de agosto depois de Tom ter colocado um anúncio para um aluguer de verão: «Três escritores com cães procuram casa perto de água e trilhos para caminhada». O resultado da sua pesquisa foi uma quinta decrépita do século XIX à qual regressámos durante anos. Rodeada de prados ondulantes, o lugar tinha tudo o que podíamos ter desejado: quartos enormes com cobertores velhos e rodas de fiar, uma cozinha de campo e uma lareira de pedra maciça, e janelas altas que davam para as Montanhas Brancas. O lago ficava a algumas centenas de metros de distância. De manhã, e por vezes à noite, Caroline e eu deixávamos os cães para trás, que ficavam a olhar-nos através das janelas da frente, e caminhávamos até à água – ela remava a todo o comprimento do lago e eu nadava ao longo do seu perímetro. Eu era a lontra e ela a libelinha, e eu parava várias vezes a vê-la voar, para trás e para a frente, durante nove quilómetros e meio. Por vezes, ela encostava-se aos pântanos para poder examinar as minhas viragens na água. A nossa amizade durava há dois anos e entre nós existia o espírito competitivo próprio de duas irmãs ou adolescentes – cada uma ambicionando alcançar uma qualquer proeza que a outra possuísse.

O colorido dourado daquele lugar e os dias simples que oferecia – passeios junto ao rio, flores silvestres e tarte de ruibarbo – eram muito mais sublimes do que Caroline podia ter imaginado: para ela, a maioria das férias eram marchas forçadas para fora da cidade. Eu era apenas ligeiramente mais aventureira, desejando poder descer de para-quedas nas viagens de verão sem ter de me preocupar com o cão ou em comprar quilos de produtos. Como duas escritoras a viver sozinhas, Caroline e eu partilhávamos uma irascibilidade geral no que tocava à interrupção das nossas rotinas: os passeios diários em Cambridge, no Massachusetts, os

programas de exercício que partilhávamos ou comparávamos, as refeições, os telefonemas, e as horas de trabalho solitário a que nos referíamos como «as nossas pequenas vidas». «Paris está sobrevalorizada», gostava Caroline de reclamar, em parte para me fazer rir. Uma noite, um amigo meu que conhecia os seus livros perguntou-lhe se ela costumava passar muito tempo em Nova Iorque. «Estás a brincar?», respondeu-lhe. «Raramente vou a Somerville.» Presas à santidade de tudo o que é familiar, decidimos sair da cidade apenas para tirar as férias da lista e depois regressar às alegrias e horrores da vida comum.

\* \* \*

Tenho comigo uma fotografia de um desses verões em Chocorua, onde se vê o dorso da minha cadela e o da cadela de Caroline, *Clementine* e *Lucille*, e as suas silhuetas perfiladas num assento junto à janela, contemplando o exterior. É uma fotografia clássica de cães, que capta a vigilância e a lealdade: duas caudas lado a lado, dois animais grudados no seu posto. Durante anos não me apercebi de que a meia distância da imagem, visíveis através da janela e pelos campos fora, se adivinham duas pequenas figuras – o contorno de Caroline e eu caminhando na encosta. Dirigíamo-nos provavelmente para o lago, e os cães, já habituados à nossa rotina, tinham assumido as suas posições. Morelli, o namorado de Caroline, apercebeu-se da beleza do instantâneo e agarrou na câmara.

Descobri esta imagem no ano a seguir à sua morte, e pareceu-me sempre uma pista num quadro – um jardim secreto apenas revelado depois de desaparecer. A própria Chocorua ganhou um brilho idílico: lembro-me da noite em que Caroline quase bateu Tom numa luta de braços; o rato que me fez saltar para cima da mesa de jantar enquanto ela ria a bandeiras despregadas; os prémios *Best Camp* que instituímos (e que ela ganhou sempre). Encobri os mosquitos, o dia em que Caroline se zangou quando a deixei num caiaque mais lento e remei em direção à neblina sozinha. Como a maioria das memórias tingidas com o capítulo final, a minha transporta o peso físico da tristeza. Aquilo que nunca ninguém nos diz sobre o sofrimento é que perder alguém é a parte simples.

\* \* \*

Depois daquele primeiro verão, continuámos a remar juntas, uma atrás da outra, durante cinco anos. Vivíamos próximo do rio Charles, uma labiríntica massa de água que serpenteia através da região de Boston ao

longo de cerca de catorze quilómetros, desde a zona norte de Newton, passando por Cambridge até entrar no porto de Boston, com curvas suficientes e água consistentemente rasa para poder ser considerada uma Meca para remadores. Devido à pequena estatura de Caroline e porque o seu corpo conseguia pressionar mais do que o seu próprio peso, acabei por lhe chamar Brutita, ou «brutinha». Os ancoradouros de onde partíamos ficavam a mais de três quilómetros de distância e eu conseguia reconhecer a remada de Caroline quase a uma centena de metros – esperava por ela junto da ponte Eliot ou próximo da ponte pedonal Weeks Footbridge, em Harvard, preparada para enchê-la de perguntas sobre a forma e a velocidade e onde posicionar o polegar. Quando ela saía horas antes de mim, disparava *e-mails* sem pontuação assim que chegava a casa: «despacha-te a água está rasa». Fizemos centenas de quilómetros, juntas e sozinhas, entre abril e novembro, aguentando ela os meus telefonemas, naqueles primeiros verões, para discutir a mecânica do remo: «Quero falar sobre confiança», dizia-lhe, com uma veemência insensata, ou «Sabes que a cabeça humana pesa *treze quilos?*» «Ummmm-hmmmm?», respondia, e subitamente eu começava a ouvir atrás um suave *clique-clique*, sinal de que ela iniciara um jogo de computador solitário, o seu equivalente a um bocejo telefónico. No final do dia, quando íamos passear os cães, comparávamos os calos das mãos e dos dedos – cicatrizes de batalha de um bom remador – da mesma forma que as adolescentes comparam o bronzeado ou umas pulseiras bonitas; como ela era e será sempre a melhor remadora, eu aceitava a sua permanente presunção e prometia vingar-me na piscina. Uma vez, no Natal, ofereci-lhe uma fotografia da década de 1940 com duas mulheres remadoras num *double scull*<sup>4</sup>, tirada em Oxford, em Inglaterra. Ela pendurou-a numa parede próximo da cama, por cima de um díptico emoldurado que dizia «O ZELO É UM FOGO ÚTIL».

As duas imagens estão hoje por cima da minha cama, junto da fotografia dos cães. Caroline morreu no início de junho de 2002, aos quarenta e dois anos de idade, sete semanas depois de lhe ter sido diagnosticado cancro do pulmão na fase 4. Durante as primeiras semanas no hospital, enquanto tentava escrever um testamento, disse-me que gostaria que eu ficasse com o seu barco, o velho Van Dusen, no qual eu aprendera a remar e de que ela cuidara ao longo dos anos como se fosse um cavalo amado. Estava

sentada na sua cama de hospital quando me manifestou o seu desejo, durante uma daquelas conversas sobre morte precoce em que sabemos o que vai acontecer e tentamos forçar o caminho. Respondi-lhe então que só ficaria com o barco se pudesse cumprir a tradição de mandar pintar o seu nome na proa: seria o *Caroline Knapp*. «De maneira nenhuma», retorquiu, com o mesmo brilho nos olhos do dia em que me ensinou a remar. «Tens de chamar-lhe *Brutita*.»

\* \* \*

Antes de entrarmos neste espetro de desgosto, que altera até a cor das árvores, há uma assunção cega e ousadamente errada que, provavelmente, nos permite deambular pelos dias. Pensamos que o espetáculo não acaba nunca – ou que a perda, quando chega, é próximo do fim da estrada, não no meio. Eu tinha cinquenta e um anos quando Caroline morreu, uma altura da vida em que supostamente já assistimos a tantos funerais que sabemos de cor os versos do *Eclesiastes*. Mas no dia em que soubemos que Caroline estava doente – o dia em que os médicos proferiram aquelas palavras terríveis, «Podemos fazer com que se sinta mais confortável» – lembro-me de descer a rua, uma rua resplandecente de abril cintilando vida, e de dizer para mim própria com uma espécie de inocência chocante: «Pensavas mesmo que podias escapar, não era?»

Acreditava que, de alguma forma, conseguiria contornar a crueldade de uma perda intolerável, uma perda que chegara sem os sinais premeditados ou naturais de uma overdose de drogas, do suicídio ou da velhice. Estes eu enfrentara antes, mas havia ainda a questão habitual de uma ação trágica (se tivesse tomado lítio; se não tivesse tentado passar cocaína clandestinamente) ou da aceitação triste – teve uma vida boa e longa. Porém, ninguém que eu tivesse amado – ninguém que eu incluísse nos pilares fundamentais da vida – morrera subitamente, tão novo e determinado a não partir. Ninguém recebera do laboratório o relatório cruel, ninguém perdera o cabelo, ninguém tivera de pôr os seus assuntos em ordem. E, o que é mais importante, não a Caroline. Não a melhor amiga, a irmã mais nova, aquela que, durante anos, dissera a brincar que, no final da vida, quando eu já estivesse demasiado velhinha e debilitada para cozinhar, haveria de me levar a sopa.

Havia, desde o início, algo intangível e até mesmo arrepiante entre nós, algo que podia levar os mais estranhos a confundir-nos com duas irmãs ou

amantes e que fazia com que os amigos, por vezes, nos trocassem o nome: um ano após a morte de Caroline, um amigo comum gritou por mim em Fresh Pond, o parque por onde passeávamos – «Caroline!» – e depois as lágrimas brotaram-lhe quando se apercebeu do erro. A amizade deve ter anunciado a sua profundidade pela afeição óbvia, mas também pelas nossas semelhanças, contidas ou aparentes. As nossas histórias de vida tinham seguido o seu percurso uma em direção à outra em caminhos correspondentes, e isso fazia parte da ligação inicial. Conhecer Caroline fora como procurar um amigo imaginário através de um anúncio pessoal e depois recebê-lo à porta de casa melhor e mais divertido do que alguma vez imaginara. Além disso, ambas tínhamos sido consumidoras de álcool assustadas, aspirantes a escritoras e amantes de cães; juntas, tornámo-nos uma pequena corporação.

Tínhamos muitos sonhos, alguns ridículos, todos parte do código privado partilhado por pessoas que planeiam viver por muitos e bons anos. Um deles era o centro *tatting*<sup>5</sup> que planeávamos abrir na zona ocidental de Massachusetts para cães de raça *border collie* e *corgi*, porque então seríamos demasiado velhas para termos cães grandes ou rebeldes. Os *border collies* treinariam os *corgi*, era esse o nosso desejo, e os *corgis* seriam aquilo a que carinhosamente chamamos cães de bolso. A noção de *tatting* surgiu durante uma das nossas intermináveis conversas sobre se estaríamos a viver corretamente as nossas vidas – um diálogo permanente que ia do sério (a escrita, o isolamento, a solidão) ao mundano (o tempo perdido, as idiotices da vida urbana, o lixo televisivo). «Não te preocupes», respondi-lhe, quando me perguntou se eu achava que ela perdia muito tempo com as reposições de *Lei e Ordem*. «Pensa bem – se vivêssemos há duzentos anos, estaríamos a jogar às cartas ou a fazer espiguilha em vez de vermos televisão e teríamos a mesma dúvida.» Seguiu-se uma pausa prolongada. «O que significa espiguilha?», inquiriu, timidamente, como se o velho ofício de fazer renda fosse algo de grande importância, e então também isso se tornou parte do léxico privado – «*tatting*» era a palavra de código para as coisas em que nós e, provavelmente, todas as pessoas, desperdiçávamos tempo.

Foi este tipo de apontamentos desgarrados que chegou a voar até mim, num vento forte de angústia, quando ela estava a morrer: lembro-me de

tentar explicar o centro *tatting* a alguém que nos conhecia, depois perceber como aquilo soava absurdo e então parar. É claro que ninguém compreendia a razão de um centro *tatting*; tal como a maioria dos códigos de intimidade, também este resistiu à tradução. Em parte, o que o tornava divertido é que ele permanecia apenas nosso.

\* \* \*

Uma das coisas de que gostávamos sobre a prática do remo era a sua beleza quase mística – as remadas elevando-se na água, o silêncio cintilante do próprio remo. Dias depois da sua morte, sonhei que estávamos as duas de pé, juntas, numa garagem de barcos escura, tendo como única fonte de luz uma linha de *sculls* de um azul incandescente suspensos sobre nós como um banho de constelações. No sonho eu sabia que ela estava morta, estendi-lhe a mão e disse-lhe: «Mas vais voltar, não vais?» Ela sorriu e abanou a cabeça; o seu rosto emanava tristeza.

1 Gidget é uma personagem criada pelo escritor Frederick Kohner, em 1957, mais tarde retomada no cinema e em séries de televisão. A história conta as aventuras de uma adolescente e os seus amigos surfistas na praia de Malibu. (N. da T.)

2 No original *splendid splinter*: referência a um famoso jogador de baseball norte-americano, Ted Williams. (N. da T.)

3 Barco a remos para um remador, com dois remos. (N. da T.)

4 Barco a remos para dois remadores, com um par de remos para cada um. (N. da T.)

5 Espiguiha, renda de bicos. (N. da T.)

## .2.

Tudo começou de facto com os cães.

Conheci brevemente Caroline Knapp no início da década de 1990, numa altura em que ela era colunista no *Boston Phoenix* e eu redatora no *Boston Globe*. Acabava de ser publicada uma compilação das suas crónicas e alguém nos tinha apresentado num encontro literário que eu classifiquei de insuportável. «Caroline tem um novo livro!», disse, entusiasmada, a nossa anfitriã, certa de que ambas teríamos algo a oferecer uma à outra. Depois de a mulher nos ter deixado, trocámos olhares e meios sorrisos. Gostei logo disso em Caroline – não havia nela nenhum tipo de autopromoção. Parecia envolver a sua descrição como uma armadura de seda: as unhas arranjadas à francesa, na mão um copo de vinho branco, a voz tímida e sonora. Trocámos algumas palavras amáveis de reconhecimento mútuo e depois separámo-nos para as voltas obrigatórias.

Alguns anos mais tarde, quando voltei a vê-la de pé junto ao lago de patos em Fresh Pond Reservoir, em Cambridge, a nossa aparência já não era a mesma. Ambas possuíamos dois cães jovens e uma treinadora de cães que eu conhecia falara-me recentemente de Caroline. «Conheces a Caroline Knapp?», perguntou Kathy. «Ela também tem um cachorrinho. Acho-vos parecidas – deviam encontrar-se.»

Murmurei um consentimento vago, embora no íntimo não percebesse a semelhança. A figura de Caroline que eu recordava era demasiado cuidada para combinar com a forma como eu me apresentava naquela altura. Tinha um samoiedo com cerca de vinte e sete quilos e passeava-me com relva no cabelo e fígado liofilizado no bolso. Passava a maior parte do tempo deleitando-me com o prazer selvagem de educar um cão, não dando muita importância à minha aparência. Mas a mulher que encontrei no lago naquela tarde de final de verão estava muito longe do requinte inicial da Caroline que a minha memória evocava. Continuava tímida e eu julgava que ela não se lembrava de mim. O véu de traje elegante fora substituído por ténis e uma trança descuidada; sempre à volta de *Lucille*, a sua cadela raçada de pastor alemão que tinha a mesma idade de *Clementine*, parecia tão apaixonadamente absorvida por ela como eu pela minha.

Soube também, por razões que eram tão pessoais quanto públicas, que o vinho branco que Caroline bebia naquela noite em que, pela primeira vez, nos tínhamos encontrado fora o seu cetro e punhal mágicos. Razões

públicas, porque a própria Caroline as revelara no seu livro de memórias *Drinking: A Love Story*. Estávamos no verão seguinte à publicação do livro e ela participara em tantos *talk shows* e aparecera em tantos artigos de fundo que já era considerada uma jovem escritora de sonho. E «tinha boa presença», como se dizia no meio: a longa trança loura, uma voz bonita, a sobriedade que sugeria um fundo sombrio por detrás daquela pose educada. Habitualmente, pensamos que a maioria dos escritores deseja apenas o tipo de sucesso que os livros de Caroline haviam alcançado. Eu tinha uma perspetiva diferente, que derivava da minha experiência e intuição. Se existe alguma característica comum aos escritores é a de que eles tendem a ser egomaniacos tímidos; a publicidade é o holofote que têm de suportar para alcançarem o reconhecimento a que aspiram.

A empatia pessoal derivava do meu passado igualmente enclausurado: eu deixara de beber há doze anos, em 1984. Mas enquanto Caroline fora aceite com a sua dependência, eu pertencia à velha guarda e agia de forma profundamente privada na minha luta contra o álcool. Acreditava que o «anónimo» de Alcoólicos Anónimos (AA) funcionava como um escudo protetor e durante anos usei-o como tal.

Naquele dia, trocámos uma tentativa de olá junto ao lago enquanto os cães se apresentavam de forma mais exuberante. «Caroline, lembras-te de mim?», perguntei-lhe, e ela sorriu e respondeu que sim. «Meu Deus, tens passado por tanto ultimamente – estás bem?», continuei. Ela pareceu surpreendida, mas depois sentiu-se aliviada. Contou-me mais tarde que andara a vaguear exausta, meia perdida pela exposição a que estava sujeita, e que aquela conversa comigo fora como um bálsamo, pois eu estava mais interessada na sua cadela do que na venda dos seus livros. Também ela: parecíamos duas jovens mães no parque, trocando informações vitais sobre os nossos dependentes, o que só para nós era fascinante. Falei-lhe num parque estadual com dois mil hectares a norte da cidade, chamado Middlesex Fells, onde eu treinava o meu obstinado cão de trenó a correr sem trela, e Caroline quis saber como se chegava até lá. Como o caminho era complicado, expliquei-lho discretamente, receando que ela estivesse a ser delicada e eu uma tagarela. O local ficava a meia hora de distância, era difícil de encontrar mesmo sem trânsito e só alguém

que gostasse muito de treinar, como eu, se daria ao trabalho de o descobrir.

Uma semana depois, no Fells, ouvi alguém chamar pelo meu nome em Sheepfold Meadow e vi Caroline à beira do parque acenando e sorrindo – efetivamente, ela deve-se ter lembrado das minhas indicações bizantinas e seguiu-as. Acabei depois por perceber que estar atenta era uma das coisas que Caroline fazia. Uns dias mais tarde, ligou-me para me propor um passeio; quando não conseguia encontrar-me, voltava a ligar. Sendo uma introvertida com a afabilidade típica de qualquer texano, eu tinha boas intenções mas falhava no acompanhamento; não era em vão que um velho amigo se referia a mim como a eremita gregária. Desejava o calor das relações espontâneas e a liberdade de ser deixada a sós. Caroline bateu delicadamente na porta da frente do meu espaço interior, esperou, e depois bateu de novo. Era persistente, parecia inteligente e calorosa, e – para minha satisfação – estava a escrever um livro, revelou-me mais tarde, sobre a ligação emocional das pessoas aos cães. Parecia ser alguém com quem eu não me importaria de quebrar as minhas regras monacais.

O livro viria a intitular-se *Pack of Two: The Intricate Bond Between People and Dogs*, e seria publicado dois anos mais tarde; Caroline chamou-me Grace e transformou *Clementine* num malamute do Alasca de nome *Oakley*. Nas semanas que se seguiram ao nosso encontro em Sheepfold Meadow planeámos saídas todos os dias; o Fells tornou-se um dos nossos destinos regulares. Passeávamos os cães durante horas nos bosques fora da cidade, e noutros, à procura de reservas deslumbrantes de florestas e campos por todo o Massachusetts oriental. Naquele outono, deambulámos pelas praias e, no inverno, pelas estradas corta-fogo, munidas de lanches de fígado para os cães e bolachas integrais para nós. Caminhávamos até ficarmos os quatro mudos de fadiga. Os cães investiam pelos trilhos que serpenteavam as encostas enquanto Caroline e eu passeávamos e conversávamos – com o tempo, as nossas conversas tornaram-se tão demoradas e profundas que começámos a referir-nos às nossas longas caminhadas pela tarde como digressões analíticas.

«Vamos pelo caminho mais longo», dizia ela quando chegávamos ao carro, e então seguíamos o nosso percurso pelo tráfego diário de Somerville ou Medford, sem pressa de nos separarmos. Quando chegávamos ao fim da volta de carro, com a *Clementine* a ressonar

baixinho no banco de trás, sentávamo-nos no exterior da casa de uma das duas, aquela que fosse a primeira a sair, e continuávamos a conversar. Cada uma seguia então para sua casa e depois prosseguíamos a conversa ao telefone.

«E o gelo nos lagos?», indaguei uma noite, depois de uma caminhada no início do inverno, quando os cães ainda se divertiam na água alheios a tudo exceto ao seu próprio prazer. «Preocupa-me o gelo estar tão fino e os cães pode rem cair quando vão à caça de pássaros – sabes que todos os invernos isto acontece. O cão sai a correr em direção ao gelo, o dono vai atrás dele e o cão consegue escapar, mas o dono afoga-se. E tu sabes que ambas iríamos atrás dos nossos.»

Caroline escutou a minha retórica – acabei por perceber que a sua forma de ouvir podia ser tão atenta que quase produzia um som – e suspirou antes de responder. «Vamos ter de começar a andar com uma corda e um machado, não é?», proferiu. Sabia sempre como me convencer.

Penso que todas as amizades têm estes indicadores – os freios e contrapesos da relação, que a tornam mais forte ou mais generosa do que qualquer um dos seus elementos sozinho. Para nós as duas, de formas diferentes, o volume do mundo tinha aumentado um pouco. Quer esta sensibilidade funcionasse como uma fraqueza ou uma vantagem julgo que a reconhecemos uma na outra desde o início. Mesmo naquela primeira tarde que passámos juntas – um passeio de quatro horas pelo bosque, num final de verão – lembro-me de me sentir *impelida* por Caroline: era uma resposta diferente da simples afeição ou camaradagem. Ela era tão calma, tão cuidadosa e, além disso, tão inteiramente presente, que estar com alguém cuja intensidade parecia encaixar na minha e, por vezes, até ultrapassá-la me pareceu uma libertação sem peso. A sua hesitação era o que prendia a sua sinceridade: por muito que Caroline se revelasse nos seus livros, ela era uma pessoa profundamente privada que se entregava às relações com grande intencionalidade. Na minha vida, conhecera um número suficiente de escritores, incluindo eu própria, para reconhecer esta característica: o que chega à página nunca é a história completa, mas sim a versão do próprio escritor – uma narrativa que o seu criador controla totalmente.

Naquele primeiro dia pensei também, mais do que uma vez, que Caroline gostaria de estar noutro lugar qualquer, porque verificava

constantemente o seu relógio – deve ter olhado para ele, acreditava secretamente, uma meia dúzia de vezes. Com o tempo, aprendi a viver com este pequeno ritual, que nada tinha a ver comigo. Era um indicador do grau de ansiedade de Caroline, uma forma de ancorar o seu lugar no mundo independentemente de quão flexível fosse o seu plano. Mas, naquele dia, aquilo pareceu-me irritante, e acabei por lhe perguntar se ela tinha de estar em algum lugar. Creio que ficou embaraçada; pediu desculpa e caminhámos até o anoitecer nos empurrar para fora do bosque. Vigiar o passar do tempo, particularmente depois de ter deixado de beber, era o substituto de Caroline contra a queda livre dos dias.

Um outro gesto repetido tocou-me naquele dia de uma forma que então não pude articular. Determinada a acompanhar *Clementine*, eu tornara-me uma pessoa dedicada que adorava passear com cães; também tivera poliomielite em criança e, por isso, seguia no mundo com um ligeiro coxear e desequilíbrio. Por muito que compensasse desbravando o meu caminho, a minha fragilidade no terreno era maior do que eu gostava de admitir. No final de setembro, o chão da floresta estava coberto de bolotas acabadas de cair e eu escorregava nelas permanentemente, chegando mesmo a tombar mais de uma vez. Estava habituada à minha deselegância de toda a vida e referi-o, desvalorizando-a; o que eu não disse foi que me familiarizara com reações embaraçosas. Quando explicava o meu coxear dizendo que tinha tido pólio, as pessoas tendiam a ficar excessivamente preocupadas ou desconfortáveis. Caroline, que nem por um momento pareceu desconfiar das minhas capacidades, não reagia de nenhuma destas formas. Depois daquele primeiro tropeção, e sempre que eu escorregava, ela estendia um braço para me ajudar; agarrar-me a ela tornou-se tão natural como procurar um ramo. Se eu andava tranquila mente, pela minha natureza e capacidades, Caroline era uma *sprinter* – rápida, ágil e sempre com pressa, fosse ou não necessário. Mas quando se apercebia da minha forma habitual de andar, abrandava a passada para me acompanhar e mantinha-se a meu lado.

Exceto o facto de as duas termos tido irmãs, a nossa infância teve pouco em comum. Caroline nasceu gémea, uns minutos antes da sua irmã Becca, e as duas mantiveram-se próximas ao longo da vida. Tive uma amiga no Texas que era gémea e, por isso, reconheci em Caroline os traços semelhantes que parecem resultar daquela díade original – ela tinha uma

capacidade para a intimidade que, por vezes, podia parecer privada e absoluta. Eu tinha uma irmã mais velha dois anos e crescera habituada a ser ora mandada ora alvo dos seus cuidados. Era filha de uma quarta geração de texanos que descendiam de famílias de agricultores esforçados; os meus pais tinham-se fixado na desolada região de Texas Panhandle e o meu pai fora sargento-chefe na Segunda Guerra Mundial. Caroline tinha tido aquilo a que ela chamava uma existência protegida no seio do meio intelectual de Cambridge. O seu pai, que morrera alguns anos antes de eu a conhecer, era um psiquiatra e psicanalista reconhecido; Caroline identificava-se com ele e adorava-o. Contou-me no início da nossa amizade, sem qualquer ar de gozo, que quando tinha seis ou sete anos, ele se sentara à beira da sua cama com um bloco de notas, caneta em riste, questionando-a sobre os seus sonhos. A mãe era uma artista e uma introvertida, que morrera um ano depois do pai. Caroline perdera ambos para o cancro quando tinha pouco mais de trinta anos, uma dupla lesão que se revelara catastrófica para ela; continuou a beber durante mais um ano, e depois submeteu-se a uma cura de desintoxicação em 1994.

Fiquei a saber muitas destas coisas através do seu livro, e outras pelo que me contou naquela nossa primeira longa tarde no bosque. Naquele dia, soube também que Caroline acabava de se separar do namorado, com quem estava há seis anos – um homem generoso conhecido pelo sobrenome, Morelli. A rutura acabou por ser temporária, e depois de ambos nos termos tornado amigos, Caroline e eu chamávamos-lhe muitas vezes «o último namorado americano bom». Toda esta história aos bocados – a narrativa que se revela no início de uma amizade – pertencia a uma mulher solene e vigorosa que me parecia o tipo de pessoa que escolhemos para conduzir o trator de regresso a casa num dia de tempestade de granizo. Era forte, modesta, e penso que a sua segurança decidida, que me foi revelada em mais do que uma crise, resultava em parte da prática: tendo sobrevivido à anorexia e ao alcoolismo, ela já tivera a sua versão de piores medos.

\* \* \*

Eu acabava de percorrer a minha própria encruzilhada. Estava no início dos meus quarenta anos, uma idade em que o que vemos a partir da encosta da vida pode ser igualmente claro e pungente. As vistas imaginárias tornaram-se caminhos percorridos, e hoje penso que podemos

viver no presente durante aqueles anos mais do que em qualquer outra altura desde a infância. Passara os meus trinta anos na sala de redação de uma grande cidade, onde a adrenalina e a testosterona estavam tão infiltradas quanto os prazos, e abandonara recentemente o cargo de redatora para voltar à minha função habitual de crítica literária para o *Boston Globe*. Esta transição, juntamente com as mudanças tecnológicas recentes, permitiam-me trabalhar a partir de casa e vaguear com o meu cão, o qual rapidamente aprendeu que ler era o meu equivalente a roer um osso. Durante muito tempo pensei que os deuses me tinham oferecido um trabalho à medida pelas minhas idiossincrasias: eu era demasiado obstinada para ser uma simples jornalista de informação e demasiado inconstante para ser uma académica. Era sonhadora, rebelde e seletivamente fanática; a minha ideia de um dia produtivo, em criança ou como adulta, era ficar a ler durante horas e olhar pela janela. Tinha muita sorte em ter encontrado uma ocupação que exigia apenas estes dois talentos; agora, com *Clementine*, podia passar dias inteiros quase em silêncio, a ler, escrever ou falar no mais simples e genuíno vernáculo entre um humano e um cão.

Os primeiros meses que Caroline e eu passámos juntas retornam agora à minha memória com o aroma do inverno: a aura nítida e distinta da neve, das estradas da cidade e do calor dos radiadores na Costa Oeste. No seu aniversário, em novembro, ofereci-lhe umas luvas de lã sem dedos forradas a pele; umas semanas mais tarde, ambas pedimos para sermos dispensadas de outros planos para o Dia de Ação de Graças e cozinhámos uma galinha no forno depois de um dia no bosque com os cães. O tempo piorou e ficou mais frio e nós tivemos de reajustar o nosso programa. Ela ensinou-me a andar por entre trilhos gelados e de lado nas ladeiras íngremes, cravando os pés no terreno. Eu ensinei-lhe o estilo livre numa piscina interior, convencendo-a a colocar o rosto na água para aprender a controlar a respiração enquanto ela continuava a praguejar e a tremer.

Hoje, acho que Caroline estava sempre com frio. Depois da anorexia dos seus vinte anos, ela ficara no limiar da normalidade e aparecia para as nossas caminhadas enfaixada em camadas de lã cardada. Sempre que possível, seguíamos até ao bosque ou ao parque mas, por vezes, à noite, nos dias em que o sol da Nova Inglaterra desaparecia cedo, esgueirávamo-nos pelos campos de atletismo de Harvard, próximo do local onde então

eu morava, para que os cães pudessem ter um espaço aberto para correrem. Os campos terminavam junto de um complexo de habitação social separado por uma cerca em malha metálica, alta e degradada. Chegar aos terrenos sagrados era trabalho para duas pessoas: uma de nós levantava a cerca no local onde ela se soltara sobre uma vala, enquanto a outra passava por baixo com os cães e depois erguia-a do outro lado. A transgressão era tão ilegal quanto grosseira – era o tipo de coisas que eu sempre fizera como rapariga do Texas – e agradava-me que Caroline também alinhasse; apesar de todas as suas façanhas no mundo da bebida, ela ainda conservava a qualidade de boa rapariga que eu nunca conseguira. Ficávamos ali na escuridão fria, os cães iluminados contra o céu noturno pela brancura de *Clementine* e as luzes dos campos de baseball. Era como se estivéssemos reclusas numa cave de silêncio e frio, e ficávamos até não conseguirmos suportar mais, contando histórias uma à outra – Caroline nas suas botas novas Ugg, tiritando e fumando, e eu a apanhar baforadas de fumo ilícito mas ainda assim agradável – tinha deixado de fumar quatro anos antes. Por vezes, baixávamo-nos no chão e encostávamo-nos à velha cerca destruída deixando os cães procurarem biscoitos nos nossos bolsos antes de se precipitarem novamente no escuro. Costumávamos rir por saber que as pessoas de bom senso ou sem cães estariam algures num restaurante quente ou a viajar, ou então a viver o tipo de vida que todos nós, de tempos a tempos, pensamos que devíamos viver ou pelo menos ambicionar. Mas eu não pretendia estar em nenhum outro lugar a não ser ali, sentada na terra dura sob um céu noturno, a contemplar os cães e a conversar.

Foi também naqueles campos que tivemos o nosso primeiro desentendimento ou confrontação, ou seja lá o que for que se chama às falhas empáticas, aparentemente triviais, que servem de teste e porta de entrada para a intimidade. No final daquele inverno, era óbvio que nos importávamos uma com a outra e com as rotinas que tínhamos estabelecido tão rapidamente; menos reconhecido era o papel crucial que estávamos a construir na vida de cada uma. Durante alguns dias, eu suportara em silêncio uma ferida que tinha a ver com o nosso respeito uma pela outra enquanto escritoras: algo tão crucial para mim que ainda hesito em recordar o meu desconforto. Enquanto crítica literária de um grande jornal diário, eu era a escritora mais velha e mais experiente; Caroline era

a jovem rebelde do jornal alternativo que gozava de uma súbita atenção do público pelo seu livro de memórias. Como já estávamos informadas uma sobre a outra antes de nos conhecermos, confiávamos naquela assunção implícita entre escritores sobre o reconhecimento dos sucessos alheios; na maioria das relações, esta comunhão de objetivos era mais do que suficiente. Mas Caroline nunca fizera um comentário direto sobre o que eu fazia ou sobre o que ela pensava em relação ao êxito do meu trabalho, apesar de me ter dado um exemplar do seu livro de memórias e me ter perguntado repetidamente se eu tinha gostado.

Hoje olho para tudo isto de forma diferente: acredito que ela me via como alguém que tinha um ego mais forte e com menos necessidades ou exigências. Naquele dia no campo, eu não tive esse discernimento. O *Globe* acabava de publicar um longo artigo meu e eu estava exausta. Estávamos a passear quando Caroline murmurou algo sobre o facto de reconhecer que eu tinha trabalhado bastante, mas nada sobre o texto em si. No final, deixei escapar: «Tenho de fazer-te uma pergunta difícil – preciso de saber o que pensas sobre o meu trabalho.»

Ela olhou para mim aterrada. «Meu Deus!», disse. «Pareço a minha mãe. Assumi que sabias como eu me sentia, mas nunca to disse.» Apressou-se a tranquilizar-me e durante o resto da caminhada conversámos sobre como o facto de tudo parecer um pântano: o mundo de invejas, rivalidades e dúvidas pessoais (entre mulheres, escritores e mulheres escritoras), a insegurança e a diferença de capacidades. Naquele dia, percebemos rapidamente como era grande e complexo o afeto que sentíamos uma pela outra. Apercebi-me também, pela primeira vez, de algo fundamental sobre Caroline que se tornaria um pilar na nossa relação. Quando confrontada com alguma dificuldade emocional, fosse ela grande ou pequena, a sua resposta era de a abordar em vez de fugir. Ficava até que a questão se resolvesse, e o rescaldo emocional estava isento de qualquer tipo de ressaca ou recriminação. Os meus instintos quanto à resolução eram semelhantes: sabia que o silêncio e a distância eram muito mais perniciosos do que o compromisso frontal. Foi esta compatibilidade que ajudou a garantir que não havia entre nós qualquer pedra no sapato nos anos que se seguiriam.

De tão aliviada que estava naquele dia com aquela conversa, eu sentia-me incomodada com a minha própria vulnerabilidade. Era como se

Caroline e eu tivéssemos atravessado um território onde tudo importava e nós estávamos juntas. «Meu Deus!», disse, meio a rir, mas com lágrimas nos olhos. «O que é?», indagou, preocupada. E eu respondi: «Eu *preciso* de ti.»

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

### .3.

Caroline retorquiu, julgo, que a necessidade era maior do seu lado. Iniciava aquilo que seria uma separação de Morelli por dois anos, com quem estivera envolvida durante vários anos e mais tarde viria a casar, perdera pai e mãe recentemente e via-me, provavelmente, através de umas lentes idealizadoras, como uma mulher competente que construía uma vida sozinha. A verdade mais complexa era que também eu me encontrava num ponto crucial: desistira de muito daquilo que não funcionava, e beber era apenas o princípio da lista. Um outro amigo dissera-me, «tu escolheste a solidão». «Bem, penso que foi a solidão que me escolheu a mim», respondi. «A velha história da noiva de Cristo.» Ainda assim, sempre me sentira confortável na minha própria companhia, por vezes para descontentamento de alguns amigos ou parceiros românticos. O meu último interesse amoroso sem importância terminara mal alguns anos antes. Um dos meus amigos mais chegados da última década, um artista e realizador de cinema, acabava de trocar Cambridge por Nova Iorque. Eu tinha uma série de velhas e sólidas amizades, masculinas e femininas, mas naquela altura a maior parte das amizades locais pertencia ao segundo círculo de intimidade – aqueles que contactamos quando somos atropelados por um autocarro, mas não necessariamente se apenas torcemos um tornozelo.

«Os homens não entendem realmente as amizades das mulheres, pois não?», perguntei uma vez à minha amiga Louise, uma escritora que vivia no Minnesota. «Não!», respondeu-me. «E nunca lhes podemos dizer isso.» O facto é que eu fora influenciada por amizades intensas e corajosas entre mulheres, graças ao meio em que crescera, no Texas. Inicieei os meus vinte anos durante o apogeu do movimento antiguerra e do surgimento do feminismo na década de 1970, acontecimentos que em Austin estavam intimamente ligados. As mulheres que conhecera naquela cidade tinham quebrado as velhas regras: a de que elas iam às compras em vez de conversarem e a de que competiam pelo macho independentemente dos meios, ou a de que protegiam os seus medos e os anseios umas das outras como se fossem segredos profissionais. Fiz parte de uma banda de *rock'n'roll* feminina e fomos presas em conjunto; confiámos umas nas outras em todas as experiências que a década nos apresentou, desde a Faculdade de Medicina até à dependência de drogas. Quando troquei

Austin por Nova Inglaterra, em 1981, tencionando tornar-me escritora, toda a coragem que possuía resultava em parte dessas ligações intensas.

As mulheres em torno de quem gravitara no Nordeste tinham a sua própria versão sobre os anos tumultuosos das décadas de 1960 e 70, mas as exigências da idade adulta contiveram as suas paixões. As minhas amizades em Boston tendiam a ser mais distantes, menos profundas. No território predominantemente masculino da sala de redação do *Globe*, onde trabalhei em meados da década de 1980, a maioria das mulheres que conheci estava demasiado ocupada a fazer a cobertura de guerras ou questões de política – o doce preço da vitória! – para dedicar muito tempo a relações próximas. A minha independência e solidão provaram-no: investira a maior parte dos meus recursos emocionais na construção do meu percurso como escritora, o que solidificara a minha vida e, provavelmente, até a salvara.

Percebi também, gradualmente mas sem margem de erro, que não queria ter filhos. Julgo que vislumbrara cedo essa possibilidade, apesar ter crescido na região conservadora de Texas Panhandle onde o casamento e a maternidade eram tão implícitos como a oração e o futebol. Os meus pais descendiam de famílias numerosas – o meu pai era o nono de dez irmãos, a minha mãe a mais velha de seis – e as suas infâncias apinhadas de gente tinham-nos convencido de que uma família pequena significava um luxo mais tranquilo. A minha mãe, Ruby, teve sempre um irmão mais novo pendurado em si durante toda a juventude e presumo que ela estivesse farta da sua tarefa quando deixou a quinta, aos dezoito anos, no auge da Grande Depressão. Fez o seu percurso no mercado de trabalho durante uma década, antes de casar com o meu pai, e depois esperou até ao final dos seus trinta anos para ter filhos – uma atitude radical na América de meados do século XX. Celebrou todas as vias para a felicidade: quando a minha irmã teve a sua filha, Ruby exultou de alegria; quando troquei o Texas pelo Leste e me tornei escritora, reagiu como se eu tivesse subido ao Kilimanjaro.

Quaisquer que fossem os caminhos alternativos que a minha mãe pudesse ter desejado para mim, o feminismo converteu-se numa autoestrada de quatro faixas. Conheci muitas mulheres cujas escolhas emocionais estavam intimamente ligadas à ideia de maternidade; como isso não tinha lugar no meu sonho, eu sentia-me livre para basear a minha

necessidade de um parceiro apenas no amor. Fazendo parte da enorme vaga de mulheres que já não precisavam de casar para garantir um estatuto social, económico ou para terem filhos, concedera a mim própria o direito aos vastos e suaves pastos do não-compromisso. Esta era a boa notícia e, por vezes, também a má. Fizera a minha pequena odisseia para o Leste sozinha e desimpedida, e sabia que tinha evitado o jugo de um casamento infeliz ou ficar cativa do cheque de alguém. Nos dias bons, sentia-me livre, forte e orgulhosa de mim própria; nos maus, estava terrivelmente sozinha. Cansada da minha firmeza calvinista, uma velha amiga do Texas enviou-me um postal onde rabiscara uma divisa de quatro palavras: «BAIXA A TUA BITOLA».

Emocionantes ou cansativas, as narrativas de amor escritas por mulheres solteiras tendem a ser histórias sem nexos: caro leitor, eu segui em frente. Tive diversos relacionamentos ao longo dos meus vinte e trinta anos que oscilaram entre o drama profundo e o cómico tiro falhado, mas todos pertenciam ao meu período de liberdade demagógica – eram fugazes e intensos, ou falsos revolucionários e frustrantes, ou uniões adequadas num tempo errado. A maioria estava envolta na bruma âmbar do álcool, o que significava que a possibilidade de enganar a minha afeição pela garrafa era ínfima. Com uísque por perto, era quase sempre um *ménage à trois*.

Mesmo depois de estar sóbria, mantive durante algum tempo uma tendência para escolher mal e apaixonadamente. Não dei importância às investidas de um jovem repórter que, até conseguir uma missão numa delegação estrangeira, cirandava pela minha secretária no *Globe*; assim que soube que, daí a seis semanas, ele iria chefiar uma zona perigosa, onde permaneceria durante anos, tive um caso com ele. Depois conheci um jornalista que trabalhava para um diário numa grande cidade e vivia a cerca de oitocentos quilómetros de distância; quando me contou que sofria de trauma de guerra após um divórcio difícil, decidi que tínhamos sido feitos um para o outro.

Se não estivessem indisponíveis ou prestes a deixar o país, eu elegia o efeito morte lenta de Pigmalião, escolhendo um mentor inteligente, habitualmente narcisista, que quisesse puxar-me para a sua órbita. A minha última relação séria, com um homem chamado Sam dez anos mais velho do que eu, encaixava neste modelo de forma tão perfeita que provavelmente me libertou desta tendência para sempre. Ficámos juntos

dois anos, uma pequena eternidade de drama intenso, e embora eu goste de pensar que teria sido capaz de reunir forças para o deixar por minha iniciativa, foi a sua mudança para outra cidade que acabou por ditar a separação.

Na noite em que o deixei, despedi-me num aeroporto cheio de gente, as lágrimas a caírem-me pela cara, e depois apanhei um pequeno autocarro de regresso a Boston. Na manhã seguinte, ao acordar, em vez de devastada, senti-me segura pela primeira vez em meses. A sensação era física, como se terminasse uma viagem de barco em que enjoara, num dia de mau tempo. Naquela noite, tinha uma festa de aniversário – vesti uma blusa de veludo, calcei botas de *cowboy* e passei a cara por água fria. Quando a anfitriã me veio receber à porta, franziu a testa preocupada e eu retorqui simplesmente: «Deixei-o.»

«Estás bem?», perguntou-me.

«Não», respondi, já sem o meu sorriso trágico. «Mas vou estar.»

Acabei por encontrar um bom terapeuta: um homem de voz suave, tão generoso e inigualavelmente irónico que a minha afeição inicial por ele rapidamente cresceu e se transformou em confiança. Era um jovem judeu de Brooklyn que citava Baudelaire e o *Cântico dos Cânticos*; ria-se das minhas piadas, mas não quando eu me armava em sabichona para esconder a minha dor. Quando chorei e lhe contei que receava ser demasiado intensa, excessiva, ele interrompeu as minhas lágrimas e disse: «Se alguém descesse do céu à terra e me dissesse que apenas podia guardar *uma coisa* sobre si, eu escolheria a sua excessividade.»

Foi assim que começou uma das melhores relações da minha vida, a qual traçou, e por vezes guiou, a minha viagem em direção à luz. Fiz quarenta anos e dois dias, depois deixei de fumar – um hábito de um maço por dia durante vinte anos. A minha vida parecia espartana, mas sólida: Freud prometera trabalho e amor às pessoas equilibradas, e eu procurava alcançar uma versão moderna dos dois. O trabalho era a minha base; o amor pertencia a uma constelação de amigos em vez das preocupações e do conforto de um parceiro romântico. A noite era um pouco mais difícil de suportar, mas do alto da montanha que eu escalara até aqui nesta minha viagem ainda alcançava uma boa vista.

\* \* \*

Então, na primavera de 1995, surgiu um cão de nome *Clementine* – uma experiência emocionalmente tão humilhante que abalou o meu mundo austero. Sempre desejara ter um samoiedo – cheguei a encontrar um guia de treino sobre a raça, um livro que eu tivera em criança –, mas como eram cães de trenó de grande porte decidi que era injusto manter um na cidade. Também tinha relutância em deixar um cão sozinho enquanto passava longos dias na sala de redação. Na mesma altura em que comecei a trabalhar em casa, os meus vizinhos de baixo, um jovem cirurgião e uma advogada, trouxeram para casa uma cachorrinha *labrador* com seis semanas. Ofereci-me para lhe fazer uma breve visita durante o dia e depressa me habituei a trazê-la para cima todas as manhãs. Ela adormecia no meu colo enquanto eu lia, um acordo de recompensa mútua que abriu a porta à minha velha fantasia de ter um cão de trenó. O meu velho gato persa tolerava o *labrador*, receção que me convenceu de que era possível introduzir outro cachorrinho no seu domínio. E assim começou a expedição em busca de um samoiedo, que me levou a viajar por toda a Nova Inglaterra. Falei com treinadores de cães que me asseguraram ser possível ter um samoiedo na cidade; procurei ajuda sobre a raça e criadores de referência que me interrogaram incessantemente para saber se eu corresponderia às expectativas. De cada vez que via um samoiedo na rua, abordava o dono e chateava-o com perguntas. Conduzi durante cerca de cento e sessenta quilómetros ao encontro de um criador cujos cães premiados eram campeões nacionais; os seus canis estavam tão cheios, e obviamente orientados para o lucro, que fugi angustiada. Depois fui a Connecticut: mais interrogatório, desta vez agradável pelos cinco samoiedos adultos que disputavam o meu colo. Por fim, depois de vários contratempos e pequenas confusões inesperadas, encontrei uma mulher no Norte de Nova Iorque que possuía uma ninhada de sete com cinco semanas. Disse-me que tinha uma longa lista de espera de um ano para os seus cachorrinhos, mas que alguém desistira naquela manhã, duas horas antes de eu telefonar. Nunca soube se foi o destino ou a arte de vender. Mas dois dias depois, conduzi durante cerca de trezentos quilómetros até Kingston, Nova Iorque, com uma reserva para o Holiday Inn local, quase deserto. O meu coração deixara já a estratosfera.

Aquela viagem era apenas para *conhecer* os cachorros e para que a criadora me pudesse conhecer a mim – para ver se eu era digna de fazer

parceria com um dos seus cães. Ninguém que tivesse feito a viagem labiríntica ao mundo dos cães de raça pura reconheceria isto como um comportamento normal entre criadores, embora para os principiantes fosse simultaneamente intimidador e emocionante. Eu tinha conseguido empregos e hipotecas com mais facilidade do que a *Clementine*. A criadora deixava os candidatos escolherem dois cachorros e depois associava-os ao cão que lhe parecia ser o mais adequado. Escolhi uma cadela refilona e provocadora que tomou de assalto o meu colo no momento em que a conheci, e, uma cachorrinha pacata que dormitou durante a maior parte da visita. Ri-me quando a criadora me chamou para me dizer que eu ficava com a provocadora.

Duas semanas depois, voltei a Kingston. Regressei no mesmo dia com uma amiga que conduzia o seu Saab enquanto eu viajava no banco de trás com *Clementine*, que pesava perto de cinco quilos e num ano haveria de pesar cinco vezes mais. Trouxe-a para casa e dei início à frenética reorganização que um animal novo implica sempre: parecia que deixara um filhote de lobo à solta em casa. Ela não parava, era teimosa e não mostrava medo de nada; quando um cão-lobo irlandês com cerca de cinquenta e quatro quilos nos veio visitar, *Clemmie* colocou-se debaixo dele a ladrar furiosamente e não se deixou intimidar pelo facto de ser ultrapassada por um fator de dez. Após as primeiras vinte e quatro horas de privação de sono depois da sua invasão, sentei-me na varanda de trás com ela a dormir esparramada no meu colo – *Ela tem pestanas brancas!*, pensei –, e as lágrimas começaram a cair-me pela face. Toda a vida tivera animais, mas nunca o meu coração fora conquistado por um amor tão inequívoco.

Interpretei este vínculo pelo que ele representava: sentimentos instintivos e profundos, provavelmente maternais, por um ser que depende de nós para a sua sobrevivência. O meu respeito pela relação homem-animal era bem merecido: o meu pai sempre tivera cães a gravitar em torno de si e eu crescera com animais. No Texas, a minha irmã tinha um *airedale* e um *border collie*. Por isso, não estranhava o vínculo entre espécies e o momento e a forma como a *Clementine* surgira – *mulher solteira, que não deseja filhos e adora cães* – foi uma resposta providencial às relações primárias que todos desejamos. Este animal

misterioso e inteligente que eu introduzira na minha vida parecia-me não um substituto, mas uma bênção.

A minha vida mudou da forma mais gratificante e banal. Em vez de sair para jantar fora com amigos, juntava-me à noite no parque com grupos de vizinhos que também tinham cães e vagueava com um conjunto de gente cujos caminhos provavelmente nunca se cruzariam num mundo sem eles. Como uma coruja noturna incorrigível, comecei a acordar às seis da manhã para manter as rotinas de treino; o meu apartamento, outrora um mundo ordenado de velhos tapetes persas e estantes, estava agora atulhado de brinquedos estridentes e lémures de peluche. Adiei a ideia da viagem ao estrangeiro que andava a planear e, em vez disso, aluguei uma casa junto de um lago em Wellfleet, onde ensinei *Clementine* a nadar. Tendo crescido em Panhandle, onde o cheiro das reservas de gado se sente a mais de uma dezena de quilómetros de distância, eu perdera aquele estilo de vida rústico desde que me mudara para o Nordeste. Agora, voltava a vestir o uniforme – calças de ganga, botas e sujidade nos joelhos – e sentia-me como se tivesse regressado a um porto seguro há muito esquecido.

Os meus novos amigos – o enclave subterrâneo de gente ligada a cães – entretinham-se durante horas a falar do comportamento de medo/agressividade ou das técnicas de socialização; se éramos vistos como pessoas loucas ou enfadonhas pelos nossos amigos que não tinham cães, lamentávamos o que eles estavam a perder. Agora, as longas noites de verão eram passadas no exterior, refastelados no campo a ver jogar baseball ou em passeios pela vizinhança. As minhas prioridades tinham mudado, muitas vezes para desconsolo de outros: numa elegante receção a que assisti em Newton, irritei os meus anfitriões por ignorar os convidados e ter ficado no jardim das traseiras a jogar com o seu *retriever* dourado. Inscrevi-me em aulas de treino de animais, depois num segundo e terceiro ciclos, e aguardava-as ansiosamente todas as semanas, divertindo-me com a clareza de comunicação inerente ao treino de um cão de trenó. A coação revelou-se desde logo inútil, tal como os sinais mistos, a ironia ou a indecisão. Os cães ansiavam e respondiam a instruções precisas, ao reconhecimento e ao elogio, tudo aquilo que é a linguagem clara e direta do coração. Para uma escritora, que todos os dias passava horas a pensar por entre a complexidade e beleza das palavras, esta ligação entre espécies era um espaço de conforto e libertação.

Assim, quando Caroline me contou, pouco depois de nos conhecermos, que estava apaixonada pelo seu cão, não precisei de explicações. Enquanto eu estivera imersa nos desafios de *Clementine*, a vida de Caroline era virada do avesso por *Lucille*, uma experiência mais tarde retomada em *Pack of Two*, o livro que ela tinha acordado escrever. Também ela assumira o treino como se estivesse a cumprir uma missão da NASA. Eu passei pelo Concord Armony, em Cambridge, para duas séries de treino com um antigo fuzileiro naval que estava convencido de que *Clementine* era um macho insubordinado; de cada vez que ela se portava mal ele gritava comigo, como se estivesse a falar com um batalhão: «Diz-lhe que é um patife!» Caroline estava tão encantada com os monges de New Skete, em Nova Iorque, mestres em pastores alemães e autores de reconhecidos guias de treino, que encontrou o número de telefone do mosteiro e suplicou-lhes que a deixassem levar *Lucille* até lá. Éramos particularmente pretensiosas em relação ao nosso conhecimento canino e fazíamos sinais uma à outra, engelhando o sobrolho, de cada vez que víamos alguém a cometer erros com os seus cães – dizendo «não» quando queria dizer «senta», ou usando o comando «vem» desregradamente. Porém, reservávamos para nós a nossa superioridade, exibindo-nos apenas uma para a outra. Mas Caroline superou-me no dia em que viu um bonito cão de pelo comprido que passeava em Fresh Pond, e gritou para o dono: «Esse é um *Nova Scotia duck tolling retriever*?»

Cada uma de nós pôs esta devoção à prova nos primeiros meses da nossa amizade: por coincidência, tínhamo-nos inscrito num campo de treino para cães, em Vermont, a decorrer durante uma semana em outubro. Uma multidão de gente apaixonada por cães reuniu-se em camaratas instaladas em extensos campos verdes, onde pessoas e cachorros passaram pela experiência de uma concentração total em treino, agilidade, refeições em grupo e diversões organizadas. Em meados da década de 1990, estes locais eram uma exceção, e Caroline tinha avaliado o local como uma oportunidade de estudo. Eu estava lá simples mente por brincadeira. Era como um campo de nudistas para adeptos de cães, onde podíamos gozar um estado natural longe das pressões inibidoras da sociedade. Se alguém quisesse vestir o seu animal de forma engraçada ou praticar exercícios de agilidade com um cão de caça afegão ninguém faria troça, pelo menos publicamente.

De um ponto de vista razoável, o campo era efetivamente uma confusão total. Cerca de oitenta pessoas e os respetivos cães compareciam para o encontro de outono e a atmosfera carnavalesca era, provavelmente, mais fácil para os humanos do que para os animais. *Border collies* lançavam-se em competições de *frisbee*<sup>6</sup>, os seus olhos brilhando com motivação evangélica. *Welsh corgis* marchavam colina acima determinados como soldados. Eu observava o meu cão a correr atrás de um chamariz a uma velocidade que parecia superior a sessenta quilómetros por hora; o programa da manhã da CBS estava lá a filmar, por isso *Clementine* pôde gozar do seu tempo de antena ao sol. À noite, Caroline e eu suportávamos um jantar de estilo cafetaria e depois escapávamo-nos antes das preleções agendadas e dirigíamo-nos aos nossos quartos no exterior para longas conversas sobre os absurdos do dia. Perto do final da semana, durante uma caminhada de grupo pelos terrenos ondulados de Vermont, olhei para trás e vi uns vinte cães descontroladamente enérgicos investindo colina acima, metade deles com coleiras e trelas reguláveis e os donos a tentarem, em vão, contê-los. Parecia um filme louco da Disney. Caroline e eu esgueirámo-nos, procurámos um trilho isolado em ziguezague, e deixámos os cães correrem. *Clementine* descobriu um veado na subida e desatou a correr atrás dele; para meu espanto e contentamento, parou quando ia no seu encalço assim que ouviu o meu assobio de longo alcance, que era o sinal para regressar. Olhou para baixo, para mim, depois novamente para o veado, e desatou a correr para trás na minha direção. Foi o suficiente para me convencer de que eu estava a fazer bem o meu trabalho. Naquela altura, eu já estava farta da agenda da colónia. Esquivei-me dos eventos do último dia, abdiquei de uma noite no B&B [alojamento e pequeno-almoço] mais próximo e dirigi-me a Boston. Caroline, sempre a melhor aluna, ficou irritada, embora impressionada, com a minha revolta e assumiu-a como uma deixa para a sua própria retirada, apesar de, delicadamente, ter procurado os organizadores (que não podiam ter-se importado menos) para os informar de que estava de saída.

Esta era uma das dinâmicas entre nós que acabámos por valorizar: ela era a menina bem-comportada e eu a rebelde, e cada uma de nós aprendeu o suficiente com a outra para expandir o seu respetivo território. Filha de intelectuais liberais que tinham venerado Freud e a arte em vez de Deus,

queixava-se frequentemente de que na vida não tivera muito com que se revoltar. Na região do «Cinturão da Bíblia»<sup>7</sup> abundavam os eventuais motivos para a minha revolta. A minha mãe fora educada num ambiente batista tão rigoroso que renunciava a jogar cartas ao domingo; o meu pai era um democrata apoiante de Nixon que patrulhava a nossa rua suburbana com uma espingarda – descarregada, mas verdadeira – para proteger as jovens filhas, particularmente quando a presa era um grupo de rapazes adolescentes. Caroline adorava ouvir estas histórias. O seu pai, enfrentando semelhantes rivais pelas suas filhas, ter-lhes-ia brandido com um teste de Rorschach em vez de uma arma.

Era outono e nós passeávamos pelas estradas corta-fogo próximo de Sheepfold Meadow, em Middlesex Fells; estava uma tarde de domingo magnífica e dezenas de pessoas tinham-se afastado dos limites, para lá das placas que indicavam Propriedade Privada, próximo da zona proibida, para aproveitarem a vista. Um polícia municipal aproximou-se e reuniu apenas aqueles que tinham cães, ignorando as famílias com carrinhos de bebé e os solitários que vagueavam por ali. Juntou-nos numa fila, como se fôssemos um grupo de delinquentes, e começou a redigir citações por invasão de propriedade. Eu planeava usar um nome falso, uma atitude que me parecia ser a mais óbvia, mas Caroline, que estava à minha frente, informou respeitosamente o agente sobre quem era e onde vivia. Suspirei e decidi fazer como ela.

Algumas semanas mais tarde fomos citados a comparecer em tribunal na cidade vizinha de Stoneham, onde todos – dezanove infratores – recebemos uma repreensão comicamente severa pela nossa transgressão e fomos sentenciados com uma pena de seis meses em liberdade condicional. («Onde *fica* Stoneham?», perguntara Caroline ao telefone na manhã anterior à da ida ao tribunal.) Levantei-me para me dirigir ao juiz e comecei a queixar-me de tratamento discriminatório, uma vez que só os donos de cães haviam sido citados. O juiz anotou sumariamente a minha objeção e Caroline pareceu ter ficado embaraçada comigo. O nosso amigo Tom, vendo o aspeto cómico da detenção de Caroline, ofereceu-lhe uma *T-shirt* com uma imagem estampada de *Lucille* atrás das grades, que ostentava a legenda: LIBERTEM OS ANIMAIS.

Kathy, a treinadora de cães que primeiro nos tinha sugerido que nos conhecêssemos, fizera-o baseada num pressentimento; era uma pessoa profundamente intuitiva que passava os dias a observar cães e pessoas para todo o tipo de dicas de comportamento. Uma mulher pequena e de voz suave que tinha dois pastores alemães e que conseguia travar um cão teimoso ou dominador com o seu temperamento calmo e a sua voz eficiente. Era igualmente perspicaz em relação às pessoas e tinha reconhecido algo em Caroline e em mim antes mesmo de nos tornarmos amigas. Um dia, alguns meses mais tarde, quando estávamos numa sessão de treino conjunta no jardim das traseiras de Kathy, estendi a mão para mexer na gola de Caroline e exclamei: «Meu Deus, tenho um colete igual!»

«É claro que tens», disse Caroline, pouco impressionada. «Porque não? Nós temos a mesma vida.»

Mais intensa do que a maior parte dos paralelismos mais óbvios que existia entre nós era a história que tínhamos em comum – aquele lugar vazio no coração que é a essência da dependência. Caroline e eu cedo passaríamos a contar tudo uma à outra, mas durante os primeiros meses da nossa amizade eu guardei a nossa maior semelhança para mim. No verão, antes de nos tornarmos amigas, li o livro de memórias de Caroline, *Drinking: A Love Story*, numa cabana ensopada de chuva em Truro, Cape Cod, para onde tinha ido uma semana com *Clementine*. Nadava nos lagos durante o dia e lia na varanda protegida até ao crepúsculo, e ainda me lembro de mim ali sentada, com a *Clemmie* dormindo a meu lado enquanto eu lia até, lá fora, o anoitecer ficar escuro como breu. Foi a época da primeira vaga de livros de memórias escritos por celebridades com vícios, quando Pete Hamill e alguns outros se revelaram em novas versões másculas de «Debaixo do Vulcão». Até então, a maioria das histórias sobre bebida pertencia ao clube masculino. Naquela noite em Truro, li o livro de Caroline de uma assentada. Percebi que era doloroso, honesto e revelador. E como tinha despejado a minha última garrafa de Jack Daniel's no lavatório da cozinha doze anos antes, sabia também que era verdadeiro.

6 *Frisbee* é um objeto em forma de disco, geralmente feito de plástico, cujo formato permite o voo quando lançado em rotação. O nome é também uma marca registada, mas é frequentemente usado para descrever

todos os tipos de «discos voadores» usados em jogos onde podem participar pessoas e cães. Estes jogos consistem em lançar o disco e depois apanhá-lo ainda no ar. (*N. da T.*)

[Z](#) Cinturão da Bíblia (*Bible Belt*, em inglês) é um termo informal que designa uma área dos Estados Unidos (grande parte do Sul) onde a prática fervorosa da religião protestante evangélica faz parte da cultura local. (*N. da T.*)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

#### .4.

Na altura em que me mudei para o Leste, em 1981, beber tornara-se uma panaceia e um problema, embora eu não percebesse logo que um quase assegurava o outro. Descendo de uma linha de apreciadores de *bourbon* do Texas protestante, que haviam incorporado o seu apreço pelo uísque na sua forma de vida. Uma exceção, pelo menos tal como eu a captava, era o meu avô materno, um agricultor dócil de olhos azuis que cantava *a capella* no coro da igreja e que amavelmente cedia a todos os desejos da minha intrépida avó. Anos depois de ambos terem falecido, quis confirmar com a minha mãe aquilo que eu sempre supusera ser uma união harmoniosa.

«A avó e o avô foram felizes?», perguntei.

«Claro, porquê?», respondeu-me. «Depois de ele ter deixado de beber.»

Fiquei atónita, não tinha memória de o meu avô alguma vez ter tocado em álcool. Mas, naquele dia, a minha mãe contou-me o que se passara num verão, quando eu tinha perto de quatro anos. De visita à quinta dos meus avós, próximo de Breckenridge, no Texas, o meu pai ficou furioso com o meu avô por ele me ter levado até um bar, a mim e à minha irmã, quando regressava a casa depois de umas voltas pela cidade. As suas farras eram pouco frequentes mas lendárias, contou-me. Bebia como um selvagem durante semanas e depois regressava à igreja e mantinha-se sóbrio durante meses. Tendo criado seis filhos à sombra deste comportamento, a minha avó, finalmente, ameaçou deixá-lo. Pouco tempo depois, ele parou de beber e, como eu na altura era tão jovem, já só me lembro dele como abstémio.

A restante árvore da família tinha as raízes empapadas em álcool, e as memórias não eram tão opacas como acontecia com o meu avô. Uma tia adormecera com o rosto em cima do puré de batata no jantar do Dia de Ação de Graças; a predileção de outra pela cerveja Coors era tão sólida que ainda hoje recordo o seu odor almiscarado e a frieza das latas. A maior parte dos homens bebia da mesma forma que todos os homens do Texas, ou pelo menos eu acreditava que assim era, o que significava que eram homens rijos que aguentavam a bebida até não poderem mais – uma capacidade que muitas vezes conduziu a alguma versão nebulosa de perdição, fosse ela a ruína financeira, o suicídio ou a traição menor do simples afastamento. Bebendo de forma social, os meus pais evitaram

estes fins trágicos; no Texas pós-guerra de subúrbios e *cocktails* bebiam de forma rotineira, mas tranquila.

Na minha primeira experiência com a bebida, numa festa do pijama quando eu tinha treze ou catorze anos, percebi que alinharia com os canalhas da família. A nossa anfitriã preparou-nos uma mistura perniciosa de uísque escocês e Coca-Cola Diet-Rite; todas as outras raparigas tomaram o suficiente para ficarem patetas ou sonolentas. Eu bebi seis copos daquela coisa e depois subi para cima da mesa de jantar e dancei enquanto os meus plácidos amigos dormitavam à minha volta. Praticamente à beira da adolescência, continuava uma rapariga tímida que preferia os trabalhos de matemática a rapazes. Não era ousada nem particularmente infeliz, mas o álcool acionou em mim um interruptor cuja existência eu desconhecia.

No liceu, era conhecida como aquela que tinha uma perna mais curta. Um bom amigo contou-me a história que circulava sobre mim. «Caldwell é a rapariga mais cara da cidade», disse-me, referindo-se ao que os outros rapazes comentavam. «Ela bebe muito mais do que qualquer um de nós e nunca se vai abaixo.» O meu pai teria sem dúvida apreciado ambos os traços como sinais de caráter. Em algumas das minhas memórias mais antigas, ele acabava os seus dias com um copo de *bourbon* com Coca-Cola, e esta poção mágica parecia torná-lo mais alegre e a sua voz mais aveludada. Quando mudou para *bourbon* com água, como ele dizia, eu era uma adolescente inteligente e rebelde que vivia numa cidade machista do Texas, e por mais que discutisse com o meu pai também competia com ele. O uísque pegou numa adolescência vulgarmente rebelde e revestiu-a de dourado. Aos dezasseis anos, eu tinha um BI artificial; no dia em que fiz vinte e um, passei a consumir álcool diariamente. Por essa altura, tinha passado pela universidade e pelo movimento antiguerra e experimentado todas as drogas e formas de insurreição que surgiam, mas o pêndulo regressava sempre às promessas dóceis do álcool. Quando voltava a casa, em Amarillo, o meu pai enchia o armário das bebidas com uísque e *bourbon* e depois dizia-me para manter alguma sobriedade – a excelente duplicidade da etiqueta texana dos consumidores de álcool, que aconselhava a beber como um homem e a agir como uma senhora. «Há duas coisas que um homem não admite», disse o meu pai depois do nosso primeiro par de bebidas fortes, a sua voz rouca e cheia de sabedoria

autossuficiente: «Uma mulher que vai com todos, e uma mulher que bebe de mais.» Acenámos os dois com ar sábio, e eu pedi-lhe que me explicasse a primeira parte. Ele fez um sinal assertivo com a mão e abanou a cabeça. Durante anos pensei que ir com todos era sinónimo de falta de carácter, porque ele foi sempre muito parco a explicar o sentido da expressão.

Mas o meu pai sempre soube, julgo eu, que o álcool seria o meu problema. Sabia porque eu ficava demasiado alegre e animada só por ver uma bebida, e porque partilhara esta afeição sombria e, no entanto, tinha conseguido superar o gêiser na fonte. Se metade das pessoas de ambos os lados da nossa extensa família tinham gostado assim tanto de beber, a minha tendência era para me rir, porque não suportava admitir as consequências. Graças à sua constituição física, os meus familiares viveram para além dos noventa anos e, no cálculo da negação, eu usava essa longevidade para contrabalançar a nossa miséria. «Na minha família», costumava referir, «se não formos apanhados pelo alcoolismo ou pelo suicídio, podemos viver para sempre.» Dizia isto com um copo de uísque na mão. («Mas tinhas sempre só esse copo», comentou a minha irmã anos depois de eu ter deixado de beber, tentando juntar as peças do passado. «Sim», respondi-lhe, «mas estava sempre cheio».) Uma vez que o meu grau de tolerância me deixava beber imenso, mas funcionalmente durante anos – consegui quase todos os meus diplomas com um depósito secreto de uísque –, cultivei uma imagem que oscilava entre a tragédia e a emancipação. O autoconhecimento foi construído para responder à necessidade: sendo o álcool o elixir obrigatório, arquitetei um conjunto de cenários para justificar a sua presença. Eu era a heroína sensível, a romântica condenada ou a boémia radical – era Hamlet, Icarus ou a Lily Bart, de Edith Wharton. Deus proibia-me simplesmente de ver quem eu era, alguém embriagado e assustado e a caminho de não ser ninguém.

A maior parte desta autoatualização desabrochou em Austin na década de 1970, quando as ruas se enchiam de cocaína e uísque; eu rodeava-me, de forma inconsciente mas provavelmente intencional, de pessoas que bebiam como eu. Algumas endireitaram-se, outras morreram e poucas conseguiram assentar, crescer e conformar-se com um martini em vez de sete. Eu cumpro a minha parte na crise coletiva da idade adulta entre a minha geração mudando-me para o Leste com a intenção clara de me tornar escritora – certamente, segundo o mito, uma forma de reinventar a

própria vida. Quando saí do Texas, levava duas garrafas de uísque na bagageira do meu velho Volvo, que deveriam chegar para os cinco dias de estrada que me esperavam. Tinha alguns amigos em Nova Iorque e conhecia duas pessoas na região de Boston, para onde me dirigia e, por mais assustada que me sentisse, sabia que encontraria uma loja de bebidas alcoólicas onde quer que chegasse. Tinha então trinta anos e aprendera que a coragem que uma garrafa transmite pode eliminar todo o tipo de portas e problemas e acabar com muitas noites solitárias e sem saída.

No início da década de 1980, hordas de pessoas trocavam o Nordeste pelas indústrias e climas mais amenos da região do Cinturão do Sol<sup>8</sup>. Avisaram-me de que a Nova Inglaterra era fria, escura e implacável; a verdade mais difícil era a de que eu não tinha emprego nem nenhum lugar para viver e que as minhas poupanças chegavam apenas para um ano. O meu currículo escrito consistia num par de rejeições oriundas de revistas conceituadas; a minha confiança advinha de alguns encorajamentos toscos por parte de professores. Mas por mais frágil que o andaime exterior parecesse, julgo que estava a tentar salvar a minha vida e não apenas a deslocá-la. Crescera a olhar o vasto e asfixiante horizonte do Texas Panhandle, uma região pela qual nutria um profundo amor do qual só me apercebi muito depois de a ter deixado, e conseguira libertar-me daquele lugar com uma espécie de terror enérgico. Se a conservadora cidade de Amarillo, com as suas plataformas de petróleo, igrejas e ranchos de gado, prometia uma vida provinciana, eu desafiara durante anos cada ditame da minha família. Uma década depois, tive de assumir uma postura igualmente decidida para abandonar Austin, deixando para trás o que amava e o que receava estar a aniquilar-me.

Julgo que era, em partes iguais, *bluff* e medo, pairando em equilíbrio à beira de uma vida em desenvolvimento, sem saber se saltava ou caía. Nos últimos dois anos em Austin, enquanto dei aulas na universidade e fingia estudar para provas orais de doutoramento, deixei que o coração me conduzisse ao limiar de uma vida de escrita – um santuário interno de uma tal força e conforto que me deixou atordoada com o seu alcance. Ocupava algumas divisões de uma velha mansão do Sul, com um pé-direito de aproximadamente três metros de altura e janelas de vitral, e à noite sentava-me em frente à minha máquina de escrever com um copo de

uísque e um maço de Winston. Numa dessas noites, antes da bebida começar a fazer efeito, eu escrevera algo que me excitara tanto – não recordo o que foi – que dei um pulo da cadeira e continuei a escrever de pé. Provavelmente todos os jovens aspirantes a escritores têm momentos assim, a glorificação do copo vazio que nos faz seguir em frente. Mas hoje olho para aquele momento como crucial e faustiano: a luz âmbar, a máquina de escrever sibilante, a jovem mulher cheia de anseio e alegria. Escrever era a força motriz e o uísque o perigo escondido. Enquanto pude, escolhi sempre os dois.

A juventude e o orgulho podem ser armas poderosas contra a desgraça do álcool, mas apenas durante algum tempo. Eu mantinha o meu trabalho, lavava a cara com água fria todas as manhãs, nadava para contrariar o efeito dos copos e depois bebia para apagar os ganhos da natação. Durante anos, o bálsamo psíquico da bebida – a certeza sagrada de que tudo era possível com a sua ajuda – eclipsou as ressacas e o medo emergente de que eu estava em apuros. Possuía uma garrafa de bolso em prata que enchia de uísque para ter de reserva; julgava que se conseguisse manter as aparências poderia continuar assim e sair ilesa. O álcool eliminava a pressão, e eu tentava corrigir a equação com café e proteínas e cinco miligramas de Librium para atenuar a queda. Era como uma máquina bem oleada, a melhor aluna, e ninguém sabia. Pelo menos, era o que eu pensava.

Porque é que bebia? Quando o terapeuta me fez a pergunta, vários anos depois de ter deixado de beber, pareceu-me uma das questões mais caricatas que jamais ouvira. E porque *não haveria* de beber? Não queria ferir os seus sentimentos, por isso, encolhi os ombros e respondi tão honestamente quanto pude. «*Poorque*», disse, com um pequeno desprezo. «O mundo inteiro ficava dourado.» Foi preciso ouvir as palavras em voz alta para perceber que a cor do sublime era em si mesma um indicador do problema.

Durante anos, alguns terapeutas fizeram tentativas frágeis de tratar a questão: no Texas da década de 1970, «abuso substancial» não existia ainda sequer como expressão. Durante os meus últimos dois anos na universidade, consultei uma psicóloga simpática para enfrentar, pelo menos assim pensava, o stresse do trabalho e do amor: estava integrada num programa académico exigente, terminara uma relação e tinha

dificuldade em dormir. Comíamos bolachas Milano juntas, a terapeuta e eu, e ríamos sobre a dureza da vida. «Acho que bebo de mais», disse-lhe um dia. «Despejo cinco ou seis copos de uísque numa noite. Talvez precise de ir para Shoal Creek.» Shoal Creek era um hospital psiquiátrico em Austin onde se faziam curas de desintoxicação. Um advogado com quem trabalhara, e que me ensinara a beber uísque escocês e comer ostras cruas, considerava-o o seu *spa*. «Eles nunca te aceitariam», respondeu-me a minha querida e serena terapeuta. «Tens demasiado bom aspeto.»

Com isso ela queria dizer que eu ainda me mantinha na vertical, o meu dinamismo continuava elevado e que ainda não sofrera nenhuma das adversidades externas que sugerem a existência de um problema: não tinha sido apanhada a conduzir com excesso de álcool e não tinha tido casamentos fracassados nem complicações no emprego. No mesmo ano, fiz um *check-up* com um internista que era menos benevolente e mais obtuso. Quando me questionou sobre a quantidade de álcool que eu ingeria respondi-lhe que eram cerca de quatro bebidas por noite, sem saber ainda que a prática da profissão, no caso de o consumo do paciente parecer excessivo, era a de duplicar qualquer quantidade confessada. «Terá de ter cuidado com isso», disse-me, recusando-se a olhar-me nos olhos. «Não há nada mais impróprio do que uma jovem que bebe de mais.»

Aquelas idiotices apenas estimularam o meu consumo. Estava perto dos trinta anos, uma veterana da contracultura e do movimento feminino, e convencia-me de que beber fazia parte da condição *sine qua non* de cada novo dia – era a forma como as mulheres como eu viam o mundo; um anestésico para uma sensibilidade à flor da pele e um lubrificante para a criatividade. A outra verdade era de longe mais cruel. Os alcoólicos – um mundo sobre o qual eu não conseguia sequer pensar sem sentir vergonha e terror – eram pessoas falhadas que tinham bebido até ao limite, e para quem a única saída era deixar de beber. Isso era impensável para mim, um espaço cinzento, muito cinzento, sem momentos de euforia, bem-estar ou mesmo mudança. E assim, durante anos, mantive-me fiel ao que julgava ser a fronteira entre uma pessoa alcoólica e uma outra que bebe em excesso. De cada vez que manifestava os meus receios fazia-o disfarçado de humor, machismo ou revolta indiferente. «Receio que se deixar de beber me possa tornar desinteressante», confidenciei subitamente a uma

amiga em Austin, uma enfermeira diplomada cujo pai falecera vítima de alcoolismo depois de ter passado décadas sentado numa cadeira rodeado de latas de cerveja. «Não tenhas tanta certeza», respondeu-me. «Dia após dia, é o tédio que comanda os alcoólicos.»

Ninguém cuja primeira lealdade seja para com a fonte do problema pode ouvir estas advertências, pelo menos não até se ter arrastado sobre alguns quilómetros de vidro partido. A ajuda, na sua forma mais benigna e não ameaçadora – se é que isto existe para um alcoólico – não estava exatamente atrás da porta; se estivesse, eu teria provavelmente saído a meio da noite. Não queria ajuda, queria reafirmação. O que significa dizer que eu queria a consolação, ainda que efémera ou artificial, de saber que seria capaz de beber para sempre e sair incólume. É como a velha história do homem que está numa ilha deserta apenas com um génio que lhe oferece dois desejos. Ele pede uma garrafa de cerveja. O génio concede-lha, diz-lhe que a garrafa nunca ficará vazia e que estará sempre fresca, e informa-o de que ainda dispõe de mais um desejo. Por segurança, o homem responde: «É melhor dares-me outra.»

\* \* \*

Quando ainda era jovem e suficientemente corajosa para desejar aventura, vim para a Costa Leste. Era adulta quando pisara pela primeira vez o solo de Nova Iorque, alguns anos antes, e a cidade oferecera-me o seu habitual elixir. Caminhei ao longo de mais de oitenta quarteirões, desde o Museu Guggenheim até Greenwich Village, estonteada de alegria. Parei a um canto, no meio da neve rodopiante, de frotas de táxis e todos os outros ícones da cultura *pop* que eu crescera a ver em filmes e no ecrã da televisão; a ideia de estas coisas serem reais – de que qualquer um de nós podia tropeçar nesta cena luminosa e tornar-se parte dela – era humilhante e transformava a nossa vida. Visitei o Museu de Arte Moderna, onde ainda estava *Guernica* de Picasso, e tive de me agarrar ao corrimão quando me virei na escada e a vi pela primeira vez. Por muito sofisticada que me julgasse, crescera com campos de trigo e subúrbios como horizonte constante e a arte era em geral algo que pertencia aos livros. Estar em Manhattan foi como correr precipitadamente em direção à própria vida ou descobrir a capacidade de voar. Afastar-me teria significado o fracasso de uma oportunidade não gozada.

Cambridge tinha a sua própria versão, magnífica embora mais reservada, de sedução. Na minha primeira estada na cidade fui ao Cinema Orson Wells, que passava documentários com pretensões artísticas e tinha uma máquina de *capuccino*, e vagueei por Harvard Yard num casaco de pele gasto tentando passar por habitante local – pressentindo, julgo eu, ter encontrado um lugar muito maior e mais insaciável do que os confins do meu coração triste. Talvez esta seja uma percepção própria da juventude, contendo o medo com o regozijo. Mas hoje olho para trás e vejo-me como sombras a esbarrar contra a luz. A luz procurava desesperadamente vencer, e parte do plano, pensava eu, era sair do Texas.

Naquele primeiro verão na Nova Inglaterra vivi numa casa desordenada de três andares com mais seis pessoas. Os restantes residentes incluíam um médico, um físico, uma bailarina e um casal que fazia marionetas, e de alguma forma esta fauna fascinante achava-me exótica – em parte, tenho a certeza, por causa da imagem de alguém que bebia bastante que eu tentava manter. Usava botas, tinha um semblante masculino e duas garrafas de uísque guardadas em sacos castanhos numa prateleira do armário, e os meus companheiros pareciam divertir-se com a texana de voz arrastada que invadira a sua contracultura distinta. A minha melhor amiga na casa era Jackie, a bailarina, que usava, para um passeio vulgar, chapéus de leopardo falsos e luvas cor-de-rosa até ao cotovelo, e todas as noites, à mesa de jantar, contava o seu dia começando: «Primeiro, levantei-me!» Adorávamo-nos uma à outra – ela era a revolucionária Dra. Joyce Brothers para a minha heroína trágica. Uma tarde, no dia a seguir a uma festa de verão que tinha havido em casa, estávamos as duas estendidas no jardim das traseiras a falar sobre as nossas experiências. Eu estava com uma ressaca pior do que o habitual e, num momento de franqueza, confessei-o. Além de bailarina e excêntrica, Jackie era também uma enfermeira diplomada; trabalhara nas trincheiras dos campos médicos e tratara vítimas de doença psiquiátrica nas décadas de sessenta e setenta. Estávamos deitadas ao lado uma da outra, de olhos fechados – a posição tipo analítica –, quando, inesperadamente, ela me perguntou. «És alcoólica?»

Bem podia estar a perguntar se eu era do signo Peixes, tal a delicadeza com que colocou a questão. E eu fiquei tão surpreendida que respondi

honestamente. «Não sei», disse-lhe, «sei que sou psicologicamente dependente.»

A conversa pairou na minha consciência durante os três anos seguintes em que ainda bebi. Jackie atrevera-se a perguntar o que eu não fora capaz; a minha resposta deixara mais alguém muito receoso, ainda que por um minuto. Uns meses depois, mudei-me para umas águas-furtadas mais abaixo na mesma rua, um lugar com todo o romantismo da vida com que sempre sonhara e todos os recantos sombrios daquilo que eu primeiro tivera de deixar para trás. Jackie teve a intuição e a gentileza de perceber esta escuridão e de ficar por perto enquanto eu fazia a travessia. Desbravava as ruas de Boston, conseguia alguns contratos para escrever em regime *freelancer*, voltava para casa e despejava copos enquanto martelava na minha máquina de escrever Adler. Arranjei um gatinho persa, ao qual chamei *Dashiell Hammett*, que se sentava nas almofadas da minha cama enquanto eu bebia, com os olhos enormes testemunhando o meu andar cambaleante e os desmaios pela noite dentro que eu não conseguia aguentar sozinha. O *Phoenix*, um jornal alternativo de Boston, contratou-me como colaboradora habitual e eu escrevia as minhas crónicas à luz da manhã quando estava sóbria; embora sendo alcoólica, era uma perfeccionista – duas características, creio, que acabariam por se equilibrar mutuamente. Sem que ninguém visse, trouxe uns panfletos sobre alcoolismo de um consultório médico e fiz o teste de vinte perguntas com um copo de *bourbon* na mão. No início da década de 1980, as perguntas ainda incluíam pressupostos tradicionais sobre mulheres; uma delas, que nunca esqueci, era «O seu marido ou os seus filhos alguma vez expressaram preocupação sobre a sua forma de beber?» Eu respondi, sem floreios: «Não.» Não havia marido, nem filhos, nem preocupações.

A verdade mais iminente era a de que aquilo que parecera uma libertação – a saída do Texas, as malas castanhas cheias de uísque, o reinventar de uma vida – se revelava um terror sem âncoras. A conselho de um clínico, consultei um psicoterapeuta e hipnotizador especializado em abuso de substâncias. Mandou-me sentar numa cadeira que reclinava, como se estivesse no dentista e, de cada vez que me hipnotizava, eu começava a chorar em silêncio, as lágrimas a correrem-me pela face até o cabelo ficar molhado. O facto, só por si, mostrava que alguma mágoa profunda procurava soltar-se, mas o hipnotizador parecia julgar que a

terapia de aversão era a adequada. Ordenou-me que fosse para casa e que bebesse o que conseguisse na semana subsequente, e que depois lhe trouxesse uma garrafa de uísque escocês para pagar a consulta seguinte.

Gosto de pensar que foi o meu estado comprometido – a bebida, os transe encharcados – que me impediu de fugir deste meio estranho. Durante semanas regressei, esperando que de alguma forma ele pudesse descobrir o interruptor mágico que poria termo à minha ligação paralisada. Então, um dia entrou na sala a sorrir. Disse-me que tinha tomado LSD na semana anterior e que tivera uma visão sobre mim, e que agora sabia que tudo acabaria em bem. E prosseguiu, descrevendo a atração sexual que ele acreditava existir entre nós, atração essa, foi cuidadoso a dizê-lo, que nunca se desenvolveria. «Numa escala de um a dez», disse-me, em jeito de confissão alegre, «atribuo-lhe nove.» Depois de lhe assegurar que esta afeição numérica ficava apenas com ele, fugi. Nunca paguei a fatura que me enviou por aquela última instrução mítica; nunca respondi às suas cartas lamuriosas. Durante anos, ponderei o perigo que ele podia ter provocado, ou pelo menos o fracasso que infligira em mim.

Como tinha o bom senso e o orgulho de não conduzir embriagada nem de aparecer arrasada em público, o meu mundo tornou-se cada vez mais pequeno. Tinha nódoas negras na parte superior dos braços de esbarrar contra as portas. Quando torci o pé, atei dois sacos de plástico aos punhos das muletas – um com gelo, o outro com um frasco de *bourbon* – e coxeava com o meu bar portátil da cozinha para a secretária. Numa daquelas noites excedi estes caprichos amadores e dei uma queda que me levou às urgências. Diante do espelho da casa de banho, num daqueles momentos trágicos à Leonard Cohen, fiquei prostrada, um peso morto, com um copo de uísque escocês na mão. Caí transversalmente contra a banheira e parti quatro costelas. Eram quatro da manhã. Mesmo para a minha mente atormentada e em negação, isto já não era beber socialmente.

As regras sociais de tempo e de espaço – do Texas e da sua cultura da bebida machista, do entendimento ainda provinciano sobre o que é a dependência – sempre me transmitiram que o alcoolismo era algo sem tratamento e repreensível. Acontecia a pessoas de alguma forma falhadas, fracas, ou que não tinham tido força de vontade para se endireitarem e voarem a direito, como o meu pai teria dito. O que esta versão sempre deixou de fora foi a luta interna – o desejo de beber que tenta eclipsar a

luz da sobrevivência – que alguém no auge da dependência atravessa. Todas as manhãs, ao acordar para o arrependimento de mais uma noite falhada, eu engolia o medo e jurava que daquela vez, naquele dia, tomaria apenas quatro bebidas. Passaria para a vodca, iria ao cinema ou telefonaria a Jackie, que agora vivia em Nova Iorque, contando-lhe como estava mal. A cassete repetia-se ao longo do dia – coragem/medo, decisão//ansiedade, negociação/rendição – e depois começava por abrir o frigorífico à procura de gelo e todo o meu corpo exultava de alívio e o ciclo recomeçava.

O pior legado psíquico desta espiral sem fim era o sentimento permanente de traição. Todos os dias tomava a decisão de não beber, e todas as noites, por volta das oito ou nove horas, quebrava-a. A erosão, como a água na pedra, era gradual e constante. Eu tinha sido abençoada com uns pais cuja força individual me fora transmitida: tinha a independência da minha mãe e a determinação pragmática do meu pai. E tinha uma confiança em mim que assentava em três décadas de bons resultados. Mas este adversário era muito mais cruel, muito mais forte e persistente do que qualquer outro desafio que eu alguma vez tivesse enfrentado. O último ano provara que isto já não era um beco sem saída; na verdade, eu tinha sonhado que estava num ringue com uma garrafa de Jack Daniels a levar uma grande sova. Durante mais de uma década negociara com os deuses uma forma de manter a bebida: cumpre o prazo, ganha a garrafa; consegue o contrato, toma uma bebida. No final do dia, quanto melhor me sentia sobre a prosa, maior era a recompensa.

Talvez isto explique o comportamento vertiginoso que assumia enquanto escritora, à procura de histórias que julgava que podiam, de alguma forma, legitimar o meu consumo. Tinham-me programado uma missão para dois dias, depois da minha queda, ao observatório meteorológico situado no topo do monte Washington, em New Hampshire, um posto avançado semelhante à Lua que podia gabar-se de estar sujeito ao pior tempo do mundo. Por causa das costelas partidas, adiei a viagem por seis semanas. Em fevereiro, quando fiz a viagem de três horas de autocarro para Gorham, em New Hampshire, no sopé da montanha, ainda tinha as costelas ligadas e na bagagem levava analgésicos e duas garrafas de uísque. Deixámos Boston às seis da tarde e o autocarro dirigiu-se para norte já escuro. Sentei-me naquele autocarro frio e vazio

com as costelas a doer e o meu *Percocet*<sup>9</sup>, a comer uma pequena sanduíche de fiambre que preparara para a viagem e tentando não pensar no estado assustador em que me encontrava. Quando chegámos a Gorham, no final do percurso, havia apenas mais um passageiro, um homem de aspeto sinistro que me deitava olhares à minha passagem e agia como se me estivesse a seguir. Saí do autocarro com um bastão para andar no gelo e dirigi-me à estalagem local. Assim que entrei no meu quarto despejei um copo alto cheio de *bourbon*. Na manhã seguinte, quando o Sno-Cat<sup>10</sup> chegou para me levar até à montanha, a mim e a um casal de geólogos, eu estava mais preocupada com as garrafas de vidro que tinha guardado na mochila do que com a minha própria anatomia fraturada.

De forma consciente ou inadvertida, escolhera um paraíso hermético para consumidores de bebidas alcoólicas no observatório. Os meteorologistas estavam habituados a ficar bloqueados pelo mau tempo durante semanas e, por isso, tinham uma reserva completa de bebidas alcoólicas juntamente com litros de molho de tomate e latas de condimentos de tamanho industrial. Os meus dois companheiros de casa atribuíram-me uma sala revestida a vidro com vista sobre o monte Washington; à noite, juntávamo-nos para preparar o jantar na companhia de algumas bebidas. O seu turno da manhã começava às cinco da madrugada, por isso, todas as noites, por volta das oito horas, eu podia retirar-me para o meu beliche e para a minha garrafa de *bourbon*. E todas as noites fazia um risco na garrafa para me certificar de que as porções durariam.

Os meses seguintes foram uma confusão de adrenalina e medo, um esforço derradeiro para manter a fachada. Consegui fazer uma reportagem sobre o Farol de Boston, um dos últimos ainda tripulados nos Estados Unidos, o que implicou passar a noite com o faroleiro e o seu cão na ilha de Little Brewster, no porto de Boston. Ainda senti os tremores matinais quando a lancha rápida da Guarda Costeira chegou para me levar até à ilha. Na lancha vinham três ou quatro indivíduos simpáticos e barulhentos, exibindo o motor e acelerando, e como eu não queria que eles percebessem que estava nervosa e maldisposta, recorri ao velho estratagema texano de aumentar a parada. «Então», perguntei-lhes, «que velocidade é que esta coisa dá?» Eles sorriram com ironia, e depois uns

para os outros, e conduziram-me a cerca de cem quilómetros por hora. Estava pálida quando pus os pés na ilha, mas eles julgaram que eu era rija – pelo menos, assim pensei – e, no meu baralhado sentido de mim isso era o que importava.

Mas o faroleiro sabia. Até então, o meu orgulho era uma camuflagem esfarrapada do problema. No final da tarde que passámos juntos, subi as escadas e despejei um copo de vodca em cerca de vinte minutos. Depois, voltei à cozinha para vê-lo preparar-me uma costeleta. Éramos os únicos na ilha; ele era um indivíduo alto, bem constituído e tímido, na casa dos trinta, e nessa noite sentámo-nos na sua cozinha luminosa a beber Pepsi e a comer costeletas enquanto ele me contava uma história, que parecia ter saído do nada, sobre como deixara de beber há alguns anos. Eu sorri e acenei simpaticamente. Tinha escolhido vodca, por isso ele não podia sentir o cheiro, mas sabia. Na manhã seguinte, ressacada, obriguei-me a subir as escadas vertiginosas até ao topo da torre de cerca de vinte e sete metros, e fui contando os degraus enquanto subia para poder pôr o número na minha história. Quando as pessoas dizem que os alcoólicos não têm força de vontade não sabem do que estão a falar.

Apesar de todas as minhas façanhas simuladas, as minhas constantes recalibrações do incentivo e da fachada, hoje sei que escrever foi o que me atirou a corda e me permitiu arrastar-me até à costa: a ideia de um mundo onde pudesse manter a bebida mas perdesse a escrita era ainda mais intolerável para mim do que um mundo sem álcool. Durante aqueles últimos meses lastimáveis, comecei a encontrar notas escritas num estado de embriaguez, meio incompreensíveis, que gatafunhara durante a noite. De dia, a minha prosa sóbria era no mínimo lúcida e legível; estas notas, vindas do meu lado mais sombrio, eram como se me deparasse com uma ex-galdéria da Broadway num bar que já conhecera melhores dias. Tinha trinta e três anos. Parecia-me demasiado cedo para o declínio trágico, por muito que o mito da romântica atormentada me tivesse sempre empurrado para a frente. Durante anos, cultivara uma galeria de celebridades embriagadas onde estavam aqueles escritores que agarraram o seu talento com uma garrafa de uísque: Faulkner, Hemingway e Hammett (curiosamente, as minhas referências eram na sua maioria homens). Convenientemente, o que eu deixara de fora nesta história para consumo próprio eram as notas finais que comprovavam a mentira: a disciplina de

Faulkner, a longa sobriedade de Hammett, a espingarda de caça de Hemingway. O uísque não alimentou a chama da criatividade; extinguiu-a, por vezes com uma gota lenta de cada vez.

As águas-furtadas onde eu tinha pensado acabar a minha fantasia de escritora ficavam num terceiro andar de um prédio sem elevador numa rua da cidade ladeada de árvores. Tinha a máquina de escrever na sala de estar e das janelas da frente avistava os telhados e o céu de Nova Inglaterra e, em baixo, na rua, as pessoas tratando das suas vidas – os carteiros, os indivíduos que passeavam os seus cães e estranhos familiares que constituem o pano de fundo da vida urbana. Numa tarde de inverno, quando ainda não podia sair de casa por causa das costelas partidas, desejando apenas poder deslocar-me à loja de bebidas para comprar uma garrafa de *bourbon*, fiquei ali a observar a neve que caía lá fora com o coração preso pela disparidade do sonho concedido: chegara até aqui, percorrera todo este caminho sem trabalho, família ou apoio, procurando fazê-lo como escritora, e agora estava detida num terceiro andar, na minha própria cela, uma cela pequena e completamente afastada das pessoas lá em baixo, à espera que o dia terminasse para poder beber. A queda livre em que vivera durante anos acabara, o medo tornara-se desespero e, simplesmente, já não conseguia suportá-lo mais.

As histórias de vitória são habitualmente muito simples: foi o que ouvi uma vez da boca de um homem num encontro dos AA: «Embebedei-me, a coisa piorou, cheguei aqui.» Na primavera, inscrevera-me em sessões de grupo sobre alcoolismo incluídas no meu seguro de saúde em Cambridge, onde um indivíduo chamado Rich, alto e descontraído, uns anos mais velho do que eu, falava todas as semanas sobre os malefícios da doença. Eu achava-o louco. Regressava a casa depois das sessões, despejava enormes copos de *bourbon* e matutava no que ele tinha dito. Era demasiado alto, demasiado simpático, demasiado jarreta. Só podia ter havido algum engano – a literatura médica esquecera-se de uma categoria para heroínas trágicas com futuros brilhantes que adoravam o seu uísque. Depois, na semana seguinte, eu voltava, cambaleante, para continuar a minha aprendizagem.

O meu simpático professor fez duas coisas de inestimável valor. A primeira foi que ele parecia não esperar nada da audiência: não nos intimidava, não tentava conduzir-nos à sobriedade, nem mesmo nos pedia

para voltarmos. A segunda foi o ter-nos dado uma interpretação de estilo budista sobre a forma de sobreviver a uma vida sem álcool que não figurava em nenhum panfleto dos que eu lera até então. Ao longo da minha vida como alcoólica assumira que a minha derrapagem para o alcoolismo era um fracasso *fait accompli* – que a batalha estava perdida e que eu, conseqüentemente, estava para além da redenção. Acreditava que o melhor que podia esperar era uma vida frágil e vigilante, repleta de uma ansiedade nebulosa. Rich ocupava um lugar na batalha, mas em mais nada. O conceito de AA, disse-nos na sessão final, era o da rendição. Revirei os olhos; já ouvira aquilo antes. E, prosseguiu, a rendição – decidir depor as armas e sair ileso – era uma forma de recuperar todo o nosso poder.

As luzes fluorescentes suavizaram um pouco, e aquela sala deprimente, onde durante semanas me sentara com outros céticos, transmitia uma aura de esperança, muito embora transitória. Reconheci aquilo de que ele falava: tratava-se do velho combate mítico que ao longo dos tempos definira o heroísmo. De alguma forma, naquela noite, o conceito de sobriedade tinha, pela primeira vez, uma marca revolucionária sobre a sua mensagem – a ideia era salvar vidas, ser contra a corrente dominante, até desafiar. Pode ser possível, pensei então, deixar de beber *e continuar a ser maravilhosa*. Para uma mulher assustada que passara uma década cultivando uma armadura *au courant* para mascarar a sua bebida, isto era tão radical quanto podia ser.

Salvou a minha vida, é claro, este homem compassivo e discreto, que se estava nas tintas para parecer perfeito, mas que se preocupava imenso em ajudar as pessoas. Tendo desistido da minha capa de desdém fui ter com ele uma tarde, depois da sessão ter terminado, com o propósito claro de falar sobre o alcoolismo na minha família extensa. E apesar de naquele dia estar sóbria, mais tarde não consegui recordar praticamente nada sobre aquela hora passada no gabinete de Rich. Sei que nos primeiros minutos me fui abaixo, para meu próprio espanto, e afirmei: «Acho que bebo de mais.» O resto foi uma lavagem da memória até ele se levantar, quase uma hora depois, e sair apressado para me marcar uma desintoxicação ambulatoria para a semana seguinte. Meses mais tarde, questioneei-o sobre aquele dia e sobre o que eu lhe tinha dito. Ele sorriu, pois já vira antes esta

amnésia-em-crise. «Acima de tudo», respondeu-me, «tentaste convencer-me de que não merecias ser salva.»

O facto choca-me agora como me chocou na altura, porque sempre me agarrara à ideia de que as oscilações de autoestima que eu assumira é que me tinham levado a procurá-lo. Mas o álcool, tal como o desespero e a exaustão que o acompanhavam, desgastara-me tanto que não me restava muito espírito combativo. Regressei a casa naquele dia para cumprir o prazo do *Village Voice*. Depois, conduzi até à loja de bebidas da vizinhança para aquilo que eu esperava ser a minha última dose escondida. Pedi uma garrafa de Jack Daniel's e uma de Johnnie Walker Red – esta, uma loucura para os meus honorários de trabalhadora *freelancer*. «Quer um embrulho de oferta?», perguntou o funcionário da caixa inocentemente. «Claro», respondi-lhe. «Porque não?» Três dias depois deitei fora o que restava e dirigi-me, cambaleante, ao gabinete de Rich, ressacada e com meia hora de atraso, para um encontro que me faria começar de novo.

Estávamos no verão de 1984, e naquela altura os AA ainda estavam afastados da ordem social – não tinham chegado às capas dos semanários, os *slogans* ainda não tinham sido transformados em autocolantes para carros e as confissões de redenção feitas por celebridades eram coisa do futuro. Munida de uma agenda com as reuniões locais, entrei disfarçadamente numa reunião em Cambridge uns dias antes da minha última bebida e sentei-me a chorar perto do fundo da sala até que uma mulher elegante e de voz suave me acotovelou nas costelas e sussurrou: «Não se preocupe, é bioquímico.» Achei aquilo animador, uma resposta de cinco palavras, dita de forma casual mas inequívoca, ao maior problema da minha vida. Sai e dirigi-me a casa, para o Johnnie Walker, mas regressei na noite seguinte, e na outra, e quando a manhã de segunda-feira chegou, a data marcada para me apresentar no gabinete de Rich preparada para iniciar o programa de uma vida nova, eu acabara com o uísque escocês, despejara uma enorme quantidade de *bourbon* por segurança e arrastara para a rua o equivalente a um bar de garrafas vazias.

Em parte porque os programas de doze passos ainda não tinham saturado a cultura, as reuniões a que assisti pareciam clandestinas e miseráveis; a maioria decorria em caves de igrejas. Havia algo incrivelmente romântico em tudo isto – era como um maçom com um mau

cadastro. Na faculdade, mergulhara nas memórias de escritores que tinham aderido ao Partido Comunista na década de 1930 e que se deslocavam furtivamente a reuniões secretas das suas células, fumando e conversando, convencidos de que estavam a mudar o mundo. Sempre invejei a sua dedicação apaixonada. Numa noite de verão, atravessei o Boston Common<sup>11</sup> em direção a uma outra cave de igreja e os campos estavam cheios de pessoas a caminho de algum lugar. Durante anos, senti-me afastada daquela corrente de humanidade, que se precipitava sobre os momentos do que parecia ser uma vida realizada. Hoje conheço a verdade mais diversa e profunda: a de que alguns membros da multidão se dirigiam a uma reunião de AA. Foi uma aprendizagem conquistada com dificuldade, mas brilhante: percebi, porque a vida está sempre a querer ensinar-nos, que o mundo tal como o vemos é apenas a versão publicada. As áreas subterrâneas, sejam elas igrejas, salas de hospital ou caves cheias de fumo, são parte daquilo que sustenta o resto. Tinha conseguido a chave-mestra e encontrara o meu caminho.

\* \* \*

Conheci alguém em Austin, anos antes, que entrara para os AA e que conseguira endireitar de novo a sua vida, mas o que ninguém me podia ter dito era as reuniões serem estrondosamente engraçadas. Estive em salas pobres com cadeiras desdobráveis e cafeteiras de café, onde as pessoas tomavam injeções de açúcar em biscoitos de mercearia e usavam velhas latas de atum como tabuleiros. Um tribunal do povo de bêbados! Os AA atravessam todas as fronteiras de classe que eu jamais esperara romper. Havia homens de fato e gravata, mulheres operárias de discurso pesado e pessoas inseguras que passariam despercebidas numa carruagem de metro; havia indivíduos de olhar amedrontado que, depois de começarem a falar, percebíamos que gostaríamos de ter para sempre a proteger-nos. As histórias que contavam eram dolorosas, chocantes, por vezes, profundas, e a maioria tinha finais mais felizes, pelo menos até então, do que aquilo que seria possível esperar da vida. Fiz amizade com uma mulher jovem e bonita, uma artista e realizadora de cinema que cortava copos de poliestireno em tiras nas reuniões. Fez isto durante cerca de um ano, enquanto eu fumava compulsivamente ao seu lado. Descobrira o *cocktail molotov* que o álcool representa quando era praticamente uma adolescente

e tinha-se formado recentemente em Harvard com classificação de *magna cum laude* enquanto bebia quase até à morte. Durante anos, sentámo-nos juntas nas filas da frente, imaginando que éramos a Thelma e a Louise dos AA de Cambridge, até que o emprego dela a transferiu para Nova Iorque, a sua cidade de origem. Eliza era rude, mas dentro havia uma mulher de uma tal delicadeza e intensidade que conseguia fazer baixar a minha pressão sanguínea só de entrar na sala. Também chegara aos AA através do Conselheiro Benevolente para o Álcool, e durante anos referíamos-nos a nós próprias como alguém que se formara na Escola Rich Caplan, onde aprendêramos a regra preciosa de como evitar uma garrafa de uísque de uma assentada, ou a não beber de todo.

Costumava julgar que esta era uma história terrível – vergonhosa, dramática e triste. Já não é assim. Hoje penso simplesmente que é uma história humana e, por isso, decidi contá-la. E de todas as palavras sábias sobre o álcool ouvidas e esquecidas ao longo dos anos, particularmente naquela primeira hora sombria no gabinete de Rich, nunca esqueci uma coisa que ele me disse então, quando eu me sentia atolada no medo e na vergonha pela ideia de ter bebido até me tornar uma alcoólica. Perguntou-me porque é que estava tão assustada e eu respondi-lhe, a chorar, a primeira coisa que me veio à cabeça: «Tenho medo de não voltar a ser amada.» Inclinou-se para mim, com um sorriso de uma enorme bondade estampado na face, as mãos apertadas à sua frente. «Não *sabes?*», perguntou-me docemente. «É a imperfeição que nós amamos.»

[8](#) Cinturão do Sol (*Sun Belt*, em inglês) é a região dos Estados Unidos que compreende o Sul e o Sudoeste deste país. (*N. da T.*)

[9](#) Analgésico comercializado nos Estados Unidos da América. (*N. da T.*)

[10](#) Marca de veículo com lagartas preparado para andar na neve. (*N. da T.*)

[11](#) Nome de um jardim público em Boston. (*N. da T.*)

.5.

Alguns dos efeitos de parar de beber foram imediatos e impressionantes. Eu limpava a casa, nadava cerca de um quilómetro e meio todos os dias e alimentava o meu recém-descoberto desejo de açúcar. Fui a muitas reuniões de AA e li pilhas de romances à noite quando não conseguia dormir. Arranjei emprego como redatora numa revista literária local onde, no primeiro dia de trabalho, encontrei Matthew, um homem alto e gentil, com um timbre de voz forte, que se tornou um bom amigo e que parecia personificar a minha vida de segundas oportunidades – com ele o mundo deixou de ser um caminho de obstáculos e transformou-se num parque de diversões. À noite, Matthew e eu ficávamos sentados no escritório até tarde, a fumar e a ler a pilha de manuscritos voluntários enquanto a neve caía do lado de fora das janelas que davam para a Avenida Massachusetts. Seis meses depois, o *Boston Globe* contratou-me como crítica literária. No meu primeiro dia na sala de redação, os colegas presentearam-me com uma garrafa de champanhe, uma cortesia tão perturbante que nessa noite levei-a para a mala do carro como se fosse plutónio e depois deixei-a em casa de um amigo a caminho de casa. Em 1985, a reputação de uma sala de redação como um lugar onde se bebia muito ainda era bem merecida e eu estava a aprender a cumprir os prazos sem uma bebida ao final do dia. Certa noite perguntei a um colega, que também era crítico literário, como é que ele conseguia acalmar depois de ter entregue o trabalho. «É simples, vou para casa, bebo alguns uísques escoceses e tomo dois Libriums<sup>12</sup>», respondeu-me. «Isso resulta comigo.» Acendi outro cigarro, entreguei a crítica que estava a escrever, e dirigi-me a uma reunião de AA.

A autotransformação: no meu primeiro ano de sobriedade, numa reunião de AA, ouvi uma mulher descrever o pacto diário com o tédio e o desespero que o alcoolismo significara para ela. «Eu saía para viver a minha vida», disse, «e depois regressava ao final do dia e bebia seis cervejas para fazer com que tudo desaparecesse. Era como preencher um quadro de ardósia todas as manhãs e depois, em cada noite, apagar tudo o que aprendera.»

Esta história acompanhou-me com um mantra e uma explicação. O que eu não podia ter sabido, durante os anos em que bebi, era o álcool ser o meu atalho para chegar às estrelas e que não existem atalhos, não sem um

preço. A bebida suavizara os problemas, não os resolvera; o álcool esbatera os ensinamentos de um dia mau ou de uma celebração ou de qualquer um dos sucessivos passos de tartaruga que constituem a experiência. Para me permitir beber durante todos estes anos e não ficar louca com os danos psíquicos que infligia a mim própria, criei um artifício tingido de uísque que adotou o mito. Agora, tinha renunciado aos adereços e, por muito assustador que isso pudesse parecer, foi um pouco como libertar um balão de hélio. Não fazia ideia de que o mundo podia ser tão leve, o voo impulsionado tão de dentro.

Ainda assim, a minha passagem pelo fogo não acabou de um dia para o outro. Dois meses depois de estar sóbria propus à *Globe Magazine* um trabalho sobre o lado sórdido de Atlantic City, o que implicou deslocar-me até à cidade e ficar a pé metade da noite a jogar *blackjack* e a beber água com gás às três da manhã enquanto as empregadas assediavam os jogadores com bebidas alcoólicas grátis. O meu padrinho nos AA tinha-me alertado para a loucura desta missão, mas eu cumpri-a incólume, particularmente depois de testemunhar a destruição da madrugada que percorria os casinos. Mas se a necessidade de um heroísmo falso diminuiu ao longo dos anos que se seguiram, continuava aterrorizada com a ideia de que alguém pudesse descobrir que eu era uma alcoólica. E até certo ponto ainda acreditava que as pessoas que conseguiam beber socialmente tinham acesso a um clube privado de risco gratuito, estados de euforia radiosos que me tinham sido para sempre barrados.

Este é um mito perigoso para um alcoólico, embora me pareça que todos temos uma versão sobre ele, a velha abordagem Gatsby em que a luz através das janelas é sempre mais encantadora quando vista da rua. É a habitual equação do desejo, e como eu desejei: *bourbon*, uma vida de anúncios de revista ao seu serviço, o bálsamo dourado e sempre esquivo que alimentara o fogo da dependência desde o início. Uma noite, tive de ir a um jantar seleta que simbolizava esta imagem: uma casa elegante, as bebidas servidas na biblioteca, a conversa de mesa aparentemente deslumbrante e o fluxo constante de vinho. Eu era a única pessoa que não bebia, e depois de consumir grandes quantidades de água Perrier, entrei no carro à meia-noite e fui-me abaixo. Em lágrimas, liguei para um amigo que trabalhava até tarde como DJ e que estava sempre acordado de madrugada. «Essas pessoas não *importam*», disse-me. «Tu és mais forte e

melhor do que todas elas.» Era o mesmo homem que, com atenção e paciência, me escutara um ano antes quando eu ponderava uma vida sem álcool. «Se parar de beber tenho receio de me tornar aborrecida, permanentemente ansiosa e desinteressante», dissera-lhe então. «Bem, isso pode acontecer», respondeu-me objetivamente. «A única coisa certa é que estarás muito menos bêbeda.»

Após algum tempo, muito menos bêbeda era o estado a que eu aspirava. Apreendi a navegar no terreno social alcoolizado e por vezes a evitá-lo totalmente; aquilo que outrora me atraía como uma vida encantadora tornou-se, com o tempo, menos invejável, e até estranho. Uma noite, na Baixa de Boston, numa altura em que fiz parte de um grupo de boas-vindas que recebia uma pessoa importante, soube que algo fundamental mudara. Encontrámo-nos no Ritz-Carlton e toda a gente – só homens – pediu bebidas vigorosas: vodca polaca e uísque escocês duplo. Sorri para o empregado. «Que tipo de água *gourmet* têm?», perguntei-lhe, e depois de ele apontar o pedido, a tal pessoa importante deitou-me um olhar de desdém. «Não *bebe*?», disse. «Que aborrecido.»

«Para mim, não», disparei em resposta. Em vez de me sentir exposta como a mulher frágil do clube da água gaseificada, fiquei pasmada com a indelicadeza do homem. Tinha deixado de me importar com aquilo que ele, ou quem quer que fosse, pensasse.

Na altura em que eu e Caroline nos tornámos amigas, estávamos as duas razoavelmente afastadas dos corredores do isolamento que acompanhava o álcool. Ela estava sóbria há dois anos e tentava manter o equilíbrio, particularmente pela exposição que o seu livro *Drinking: A Love Story* recebera. Alguma desta publicidade tinha sido tão absurda quanto penosa: uma equipa de informação de uma estação de televisão tentou marcar uma entrevista num bar e depois pediu-lhe para ela chorar em frente à câmara. Eu levava mais de uma década de reuniões e sobriedade – ambas tínhamos deixado de beber aos trinta e três anos – e ainda tinha bem presentes na memória aqueles esforços iniciais de pessoa inexperiente para reorientar a vida. Mas enquanto Caroline, em muitos aspetos, se protegera a si própria tornando-se figura pública, eu escolhera o caminho oposto; os únicos que conheciam o meu passado eram os amigos chegados e a família. Como não desejava que a sua candura ditasse as minhas revelações, esperei meses depois de nos termos tornado amigas até lhe contar. Estava sentada

na sua sala de estar, numa tarde de outono, quando lhe disse: «Há uma coisa que preciso de te contar.» Ela olhou-me com apreensão – *O que é que eu fiz de errado?* – e eu sorri à sua preocupação e continuei: «Provavelmente não te vai surpreender, mas há doze anos que não bebo.»

O seu olhar foi de alívio e surpresa feliz, um sorriso de entendimento ó-meu-Deus. Meses mais tarde falámos sobre a noite em que nos tínhamos conhecido, anos antes, quando alguém nos impingira uma à outra numa festa. O que ela desconhecia era que, naquela altura, eu estava sóbria há alguns anos. «Lembro-me de como eras tímida», disse-lhe. Ela riu-se da lembrança que tinha de mim, apesar de então eu ter passado a noite com um copo de água com gás na mão. «Lembro-me de pensar», proferiu, «aqui está uma mulher que provavelmente consegue beber o que quer e escapar ilesa.»

Isto é o que valem as primeiras impressões; aquela foi uma das poucas vezes em que vi falhar os instintos de Caroline sobre as outras pessoas. Se os nossos passados individuais com o álcool eram familiares, a verdade mais intrincada e sólida que partilhávamos era sobre a capacidade de mudar – a crença de que a vida é difícil e de que muitas vezes as suas piores batalhas são travadas em privado, a de que é possível atravessar o medo e sair chamuscado, mas a respirar. Esta era a versão melancólica de esperança, embora uma versão estudada, e nós carregávamo-la connosco quando confrontadas com as dificuldades reais ou as mossas da vida. Caroline utilizara o remo para escapar à anorexia, no final dos seus vinte anos; eu arrastara-me e depois coxeara para superar a pólio. Esta longa escalada tornara-me determinada e ao mesmo tempo obstinada, características essenciais no momento de ficar sóbria. Uma vez que Caroline e eu reconhecíamos nas duas esta forma de sobre vivência, cada uma dava à outra alguma margem de manobra – com os anos, aprendemos que era muito mais fácil sermos simpáticas uma com a outra do que connosco próprias. Quando Caroline insistia em passear *Lucille* durante quase seis quilómetros e meio, eu assegurava-lhe que dois era o bastante; quando eu insistia em tentar levantar um barco pesado, com mais de quinze quilos sobre a minha cabeça numa rampa inclinada, ela guiava até à garagem dos barcos para me ajudar. Chamámos Guerreiro Interior ao cruel capataz que cada uma de nós possuía em si, o que diminuía a pressão quando eu era vencida no rio ou quando ela se sentia esgotada na piscina,

e inventámos a personagem de Sarah Tonin para personificar o nosso ser quase dramático. Cada uma permitia à outra baixar a fasquia – eu telefonava-lhe da garagem dos barcos quando o vento era muito intenso, e ela convencia-me a *não* remar. Esta liberdade de ação estendia-se às nossas dúvidas internas sobre o tipo de vida que tínhamos escolhido, a ambivalência que partilhávamos por sermos umas introvertidas temperamentais que frequentemente preferiam a companhia de cães. Uma noite, sozinha na sua cozinha a fazer chá, Caroline sentiu-se invadida por uma sensação de bem-estar. Na manhã seguinte, relatou-me o facto com uma espécie de prazer confessional. «Meu Deus, eu sou a solitária alegre!», dissera então em voz alta. «E a Gail é a deprimida bem-disposta!»

Como de costume, Caroline escreveu uma crónica na epifania dessa noite – a solitária alegre tornou-se uma personagem no relato impresso dos seus próprios medos. «Isto dá uma crónica?», perguntava, no meio de uma conversa divertida ou profunda – o seu narrador onisciente sempre presente à procura de material. Como a maioria dos amigos de escritores, este escrutínio dual parecia-me alternadamente lisonjeiro, divertido e irritante, apesar de Caroline fazer todos os possíveis para proteger a privacidade da sua pessoa. Uma das piores discussões que tivemos aconteceu depois de ela me emprestar o seu barco para remar numa manhã de outubro. Ao retirá-lo do rio Charles frio e turvo, perdi o equilíbrio e o assento móvel tinha saído dos trilhos e saído a voar para o rio.

Estava desolada com a minha falta de jeito e Caroline teve de me dissuadir de mergulhar no rio imundo à procura do assento. «Não é como se tivesses perdido a *Lucille*», consolou-me. Mas ela estava aborrecida, e as duas levámos dias a recuperar. Ela estava irritada porque eu tinha feito com que o barco ficasse inoperacional durante umas duas semanas; eu fiquei zangada por ela estar zangada. Mas a última dissonância surgiu com os esforços de Caroline para me encobrir. Quando escreveu sobre esta tempestade – um ensaio sobre intimidade e conflito para uma revista feminina – substituiu o objeto perdido por um par de brincos de ouro. Agora era eu que estava aborrecida, apesar de nunca ninguém me ter podido confundir com alguém que costumava pedir brincos emprestados. Estava zangada porque achava que ela, na tentativa de tornar o texto mais atrativo, substituíra as nossas ferramentas. Nós não pedíamos joias

emprestadas; tirávamo-las ou deixávamos de as usar. Mestres do nosso próprio universo, éramos um país pequeno e autodeterminado.

Para mim, o território tinha sido ganho com dificuldade, o que é uma das razões por que eu o protegia tanto. Filha mais nova de um patriarca texano bondoso, adorava o meu pai e, no clássico conflito de Édipo, tentara encontrar um parceiro romântico à sua altura. Talvez estas tentativas carreguem sempre um vestígio de fatalidade; para uma agitadora que ora procurava imitar o pai ora o desafiava, eu sujeitava-me a obter resultados equívocos. Também Caroline tinha sido contemplada com a presença dominante de um pai psicanalista e saíra magoada das suas relações com homens. A exceção era Morelli que, em virtude da separação, só viria a conhecer mais de um ano depois de nos termos tornado amigas. Na primavera do ano da publicação de *Pack of Two*, demos uma festa do livro no meio do Middlesex Fells. Olhei sobre a colina e vi um homem de olhar doce, porte afável, aproximando-se com uma câmara a tiracolo. Quando *Lucille* desatou a correr na sua direção, ele ajoelhou-se para a cumprimentar. «Meu Deus, é o Morelli?», perguntei, e Caroline assentiu, com um sorriso rasgado de ansiedade que me era familiar – um sorriso que significava *O que te parece?* «Acho que debes casar com ele», retorqui, «e deixá-lo educar as crianças.»

O meu comentário inesperado continha em si uma grande dose de verdade, e era muito menos irrefletido do que parecia. Caroline escrevera sobre Morelli durante anos, em crónicas e nas suas memórias; mesmo durante a sua falsa separação, tinham-se mantido em contacto de uma forma que a maioria dos ex-companheiros não consegue. Por isso, eu sabia, pela sua história com os homens, que a sua generosidade e os seus cuidados a amparavam e simultaneamente confundiam. Mas naquele dia soube também, pela forma como *Lucille* reagiu à sua presença, e ele à nossa, que Morelli era diferente de todos os outros com quem Caroline se envolvera, particularmente do carácter terrível de Julian, o amante possessivo que ela retratara em *Drinking*. Costumávamos rir de alívio ao recordar as ciladas que tínhamos evitado; num incidente típico das nossas vidas em paralelo, acabámos por descobrir que até tínhamos escapado do mesmo homem anos antes. Quando o tipo começou a descrever os pores do sol que tencionava mostrar-me, eu revirei os olhos e quebrei o compromisso; Caroline tinha saído com ele no final daquele ano e acabou

a passeá-lo de carro pela cidade às suas custas (o velho argumento esqueci-me-da-minha-carteira). A nossa diferença de idades, juntamente com as circunstâncias, colocara-nos em pontos separados do mesmo percurso. Depois da morte dos pais e de ter deixado de beber, Caroline iniciava uma nova era de autoconfiança; tal como eu, descobrira que um cão suscitara em si um sentido de amparo e calor que ela nunca imaginara. De certa forma, a enorme bondade e persistência de Morelli atravessaram-se no caminho dessas revelações – suspeito que ela precisava que ele se afastasse durante algum tempo, mas não para muito longe, e foi o que ele fez.

Quando eu me debatia, angustiada, para deixar Sam, a minha versão do Julian de Caroline, ele olhou para mim uma noite enquanto estávamos sentados à mesa para jantar, atolado no seu próprio drama de derrota, e disse-me: «Sabes, por vezes, a luz que emana de ti é demasiado brilhante.» Foi uma tentativa airosa de contornar a velha e habitual fórmula não-és-tu-sou-eu, e depois da nossa rutura levei meses até conseguir separar as minhas necessidades dos seus lamentos primorosamente apresentados. O movimento feminino ajudara-me em todos os momentos difíceis e contudo, para meu desgosto, levava poucos destes recursos para esta relação. Os cacos do meu mito da heroína perdida eram parte do problema: jogando com a questão do género ao longo da história, confundira necessidade com amor e amor com sacrifício. Encontrar o meu caminho de saída daquela fenda rumo ao território sólido da minha vida tranquila fora algo tão libertador e repleto de esperança como deixar de beber cinco anos antes. Visto de fora, pode ter parecido um declínio, ou pelo menos uma retirada: nos anos que se seguiram à minha separação de Sam, recusei jantares de festa no centro da cidade – e tentativas sisíficas para me apresentar constantemente divina – para ficar em casa com o cão; hoje, preocupo-me com o trabalho, as amizades e as criaturas brancas na minha sala de estar, e nunca mais nenhum destes bens esteve sujeito a negociação.

Estas lições de vida – sobre a estima e a autonomia, sobre como amar sem ficar sem nada – ficaram cristalizadas para mim nos bosques com Caroline e os cães. Se a nossa confiança tinha sido abalada em relações infelizes, agora estávamos a reconstruí-la com ferramentas que nem sabíamos que possuíamos. Para nós, treinar um cão era uma experiência

partilhada tão recompensadora que os ensinamentos eram infundidos através da amizade. Muito do trabalho de treino é instintivo; é também um esforço complexo de paciência, observação e respeito mútuo. Caroline e eu podíamos passar horas a discutir condicionamento e complexidade de uma ligação; só duas mulheres que tivessem passado anos na luz reveladora da terapia podiam encontrar uma tão grande gratificação no uso equívoco, digamos assim, da palavra «não» na comunicação canina. Apoiámo-nos uma à outra durante quilómetros e meses de treino e interpretação; aquilo que tinha sido um prazer privado para cada uma de nós era agora um diálogo contínuo.

Uma educação menos consciente decorria juntamente com a educação explícita. A mulher em que eu sentia que me estava a tornar, com *Clementine* a meu lado, despertava em parte porque eu tinha algo a proteger. Foi então que percebi como é que uma mulher pode levantar um Volkswagen de cima do pé do seu filho ou todas as outras histórias culturais impregnadas de adrenalina sobre a força e o amor. Estava a aprender, pela primeira vez, que cuidar e ser firme eram a coisa menos importante uma sem a outra.

Enfrentei pela primeira vez esta verdade durante um período vulnerável na vida de *Clementine*, em que eu tentava submetê-la àquilo que é habitualmente conhecido como «*alpha roll*» – uma prática questionável prescrita habitualmente para cachorrinhos desobedientes, em que o humano faz rolar o cachorro sobre as suas costas contendo-o até ele parar de se debater. A maioria dos cachorros consente ao fim de uma ou duas tentativas; com *Clementine*, cujo temperamento era simultaneamente dominante e dócil, não acontecia assim. Eu fazia-a rolar pelo chão e ela lutava implacavelmente, e depois, uma vez libertada, levantava-se num salto e ladrava em protesto. Sempre ciente da necessidade de estabelecer a minha autoridade, eu tentava de novo. À terceira vez, no meio daquela minha luta, tive uma visão panorâmica do que estava a fazer. Agachada no chão, vi-me como se fosse o meu pai, que ficara desorientado e enfurecido com a adolescência da filha. Não podia impedir-nos de crescer e de nos afastarmos, por isso, gritava e ameaçava-nos e tentava ter-nos de volta, o que apenas piorava a situação.

A minha mãe perguntara-me uma vez, já eu era crescida, o que é que o meu pai podia ter feito diferente em vez de forçar o seu caminho através

da minha rebeldia. «Desejava que apenas me tivesse dito o quanto me amava», respondi-lhe. «Que apenas me tivesse dito: “És preciosa para mim; não vou deixar que coloques a tua vida em risco.”» Este diálogo surgiu-me num *flash* triste enquanto estava no chão com o meu pequeno e intratável cão de trenó. Precisava mesmo de o convencer de que era eu quem mandava? Eu era dez vezes maior do que ele; tinha uma língua, consciência e uma história pessoal – a minha espécie domesticava a sua desde há milhares de anos. Eu assumia o papel de sargento-chefe quando não era necessário nenhum exército permanente.

O meu plano desapareceu naquele momento e o temperamento exuberante de *Clementine* ganhou o espaço que precisava. Soltei-a e icei-a para o meu ombro, e ela caiu em cima de mim como uma criança que carregamos para casa depois da festa. A partir daquele momento tudo mudou entre nós. Para onde quer que eu fosse, ela seguia-me.

Contei esta história a Caroline numa tarde de outono no Fells, enquanto circulávamos pelas estradas corta-fogo. Na quele dia, conversávamos sobre a vida realizada contra a sua imagem externa: as suposições e projeções que todos fazemos sobre as vidas dos outros. Cada uma de nós tinha aguentado reclamações dos amigos que não tinham cães em relação ao nosso desaparecimento para os bosques, mas o que os nossos críticos não conseguiam ver eram os recantos admiráveis deste novo local: as cores e os cheiros e as notas sublimes que estas caminhadas asseguravam. Caroline, tantas vezes cativa da sua própria descrição, rolava agora no chão da floresta, rindo e lutando com os cães sem a menor inibição. Eu treinava *Clementine* sem trela, usando gestos para conseguir a posição «deita-fica» a cerca de nove metros de distância, e ela começava a ganhar após alguns segundos e depois quebrava a posição e desatava a correr na minha direção. Éramos uma matilha de quatro colocando bandeiras em todos os campos das nossas vidas renovadas. Muito do nosso valor jogava-se lá fora naqueles bosques, naquilo que construíamos com os nossos cães e uma com a outra. E então, no final daquele dia, eu olhei para Caroline e disse: «Sabes, acho que afinal nunca mais nenhum homem me vai tratar mal.»

Para os que passaram as suas vidas na abundância da generosidade de outros, a natureza da ligação é complexa, mas assumida. Para os introvertidos, é um território mais nebuloso. Eu conseguia ser efusiva e

afetiva nas minhas interações humanas porque sabia quando e como iriam acabar: fim do dia, fim da festa, fim da caminhada, fim da relação. Nos anos em que bebia, o *bourbon* era o companheiro solitário que me esperava no caminho, o objeto amado inabalável que me fazia evitar ou ignorar os outros. Mas as paredes, construídas de tijolo ou isolamento, não vêm abaixo sem trabalho. Sem sequer o sabermos, julgo que Caroline e eu nos persuadimos mutuamente a seguir na direção da luz. Fizemo-lo lentamente, e com tão grande atenção à autonomia de cada uma que ninguém teve de se mover um milímetro para se afastar da outra.

Hoje, penso novamente nas pequenas medidas de confiança ganhas naquele primeiro ano da nossa amizade, os caminhos que percorremos desde as cautelas mútuas até ao à-vontade inseparável, e muito disso parece agora uma troca cuidadosa, até mesmo silenciosa. Eu conhecia a história de Caroline com a anorexia e nas nossas longas incursões pelos bosques tirava do bolso duas bolachas integrais e estendia-lhe uma de forma pragmática, sem sequer olhar para ela. Devo ter percebido, em parte conscientemente, que Caroline era demasiado bem-educada para recusar; as duas estávamos no limiar e, por isso, a minha oferta, não constituía praticamente nenhuma ameaça para uma mente anorética. Depois comecei a acrescentar pequenas porções de chocolate ao tesouro. Hoje, o prazer primitivo e mútuo deste ato toca-me, embora na altura eu não tivesse conseguido articulá-lo ou até mesmo reconhecê-lo. Depois de anos a lutar contra uma voz interna cruel de negação e controlo, Caroline estava a deixar-me alimentá-la – primeiro com relutância, e depois com algum alívio. E eu, que durante muito tempo receara ter alguém que precisasse tanto de mim, dava voltas à procura de frutos secos e bagas para as trazer de volta à criatura que amava.

Contar uma com a outra tornou-se automático. Sempre que encontrava no Texas uma camisola de que gostava, comprava duas, o que era mais fácil do que ver o olhar de desilusão no rosto de Caroline se regressasse a casa só com uma. Quando ela partiu da garagem de barcos num dia ventoso, entregou-me o seu plano antecipadamente para mitigar os piores cenários de poder virar subitamente o barco, levar com um remo na cabeça ou deixar *Lucille* esquecida em casa. Ainda conservo comigo um conjunto de chaves da sua casa, de fechaduras e portas que já não existem, guardo-as no porta-luvas e elas têm mudado de um carro para outro nos

últimos anos. Um dia destes atiro-as ao rio Charles, o mesmo onde perdi o assento do seu barco e muito mais.

«O que estás a fazer?», perguntava ao início da tarde, quando lhe ligava depois de terminadas as horas de escrita e antes de começarem as horas de caminhada. «À espera da tua chamada», respondia-me, meio a brincar, e então começávamos a conversa: os jornais da manhã (dois cada), os registos do remo e da natação (cerca de oito quilómetros na água, mil e quinhentos metros dentro dela), a crónica diária de dramas e aborrecimentos que sustentavam os dias. Quando chegávamos ao lago, depois do telefonema e antes de anoitecer, Caroline dava-me o braço e dizia: «Entããã...?», e vagueávamos pelo parque, iniciando sempre mais uma frase na nossa conversação infinita. Segundo a velha norma, os homens praticavam desporto e as mulheres conversavam; Caroline e eu cultivávamos as duas coisas e descobríamos que o registo de quilómetros no rio ou em terra valorizava o terreno interno que percorríamos. E hoje, no entanto, acho que escrever sobre uma amizade que floresceu no domínio do relacionamento e da rotina tem todas as características de tentar apanhar o ar. O carácter diário da nossa aliança era simultaneamente contido e essencial: nós éramos a treliça que dava espaço à rosa.

12 Tranquilizantes. (*N. da T.*)

.6.

Se a compatibilidade é devida em parte à sorte e em parte ao esforço, a nossa determinação fora posta à prova pelas viagens que fizéramos durante o verão, quer juntas, quer separadas. Mais do que uma vez, essas férias transformaram-se numa missão de salvamento. Caroline livrou-me de duas semanas deprimentes e chuvosas em Truro, ao aparecer com uma cassete da série *Os Sopranos* e um pudim de pão do Formaggio. Um mês depois, devolvi-lhe o favor quando ela e Morelli estavam abandonados à sua sorte em New Hampshire, com mau tempo, enviando-lhes por correio expresso um vídeo do programa *Sobreviventes* – o prazer secreto de Caroline. Num ano em que Tom chegou a Chocorua um ou dois dias antes de mim, Caroline telefonou para Cambridge suplicando-me que fosse um dia mais cedo. «Tens de vir para cá», murmurou. «O homem fez-me caminhar durante mais de catorze quilómetros, hoje. Quase não me consigo mexer.»

Estava fora de questão deixar que Tom descobrisse as suas limitações: no ano anterior, Caroline por pouco não o vencera no braço de ferro. Eu era um parceiro mais fácil, pelo menos no que dizia respeito às caminhadas na montanha. Também tínhamos percebido que podíamos seguir caminhos paralelos, em silêncio. No início da nossa amizade, estivéramos numa casa pertencente à família dela em Gay Head, na ilha de Martha's Vineyard, no final de março. Naquela extremidade da ilha, a paisagem é agreste mesmo no pico do verão; no início da primavera, o lugar era frio e desolado. Foi uma viagem difícil. Havia imensas carraças novas nos pântanos à volta da casa e, depois de uma corrida, os cães emergiam da erva alta com o aspeto de terem sido polvilhados com sementes de papoila. Caroline e eu embrulhá-vamo-nos em camisolas de manga comprida, munidas de escovas e álcool, e sentávamo-nos no chão, na luz que enfraquecia, escovando dezenas de carraças do pelo dos cães. Ao fim de dois dias de chuva, eu estava com um tal ataque de claustrofobia que guiei trinta e dois quilómetros através da ilha para ir nadar na piscina de um hotel. Caroline passou a maior parte do tempo em que estive ausente a falar com Morelli ao telefone, atormentada pelas recordações que a casa lhe suscitava. Quando fechámos a casa e nos dirigimos a Vineyard Haven para apanhar o *ferry*, estávamos ambas esgotadas e incapazes de fazer um esforço para nos mostrarmos bem-

dispostas. Uma hora antes da saída, levámos o carro para a longa fila do *ferry* que faz parte da vida em Martha's Vineyard, e esperámos com os cães no parque de estacionamento até serem horas de partir.

Então, no passeio de tábuas do outro lado da estrada, vi uma silhueta que fez o meu estômago saltar até à garganta. Estava alguém sentado num banco a ler o *New York Times* e eu convenci-me de que era Sam, o homem de quem me tinha separado cinco anos antes – a cujas cartas nunca respondera e a quem não tinha voltado a ver depois do dia em que o deixara num aeroporto, noutra cidade. «Oh, meu Deus, Caroline», disse eu, «é o Sam!» Ela conhecia todas as histórias sobre essa parte dolorosa da minha vida, incluindo o facto de ele passar muito tempo em Martha's Vineyard, e percebeu ao primeiro olhar o quanto me sentia infeliz perante a perspectiva de o encontrar.

«Segura os cães», disse ela abruptamente, passando-me a trela de *Lucille*. «Tem calma. Sei o que hei de fazer.» Moveu-se demasiado depressa para que eu lhe pudesse responder, por isso, fiquei ali de pé enquanto ela marchava na direção do homem no banco. Pôs-se a cerca de nove metros à sua direita e gritou o seu nome, sorrindo e acenando para uma pessoa inexistente para além dele. Agia com base na suposição de que, se o homem fosse Sam, saberíamos imediatamente porque ele se sobressaltaria ao ouvir o seu nome; se eu estivesse enganada e ele a ignorasse, então não teríamos de passar as próximas duas horas a fugir dos fantasmas do passado.

O homem mal olhou na sua direção antes de voltar a ler o jornal. Mas todas as outras pessoas sim – bem, Caroline gritava e acenava e ninguém lhe respondia, mas havia um monte de gente, cerca de sessenta ou setenta pessoas, a fitá-la. Caroline era uma mulher tão tímida que mal conseguia suportar ser alvo de qualquer tipo de atenção mas, agora, deixara-me a rir até me doer o estômago e fizera figura de parva em público para me sossegar. Nunca gostei tanto dela como naquele momento. Voltou a passos largos para o lugar onde eu estava, orgulhosa das suas palhaçadas e contente por me ver rir. «Aquele tipo tem quase cem anos», disse, encolhendo os ombros. Agarrou a trela de *Lucille* e acendeu um cigarro.

Os cigarros. Gostaria de os deixar de fora desta história, mas não posso. Durante a viagem a Martha's Vineyard, eu aprendera a dar a Caroline o tempo de que ela precisava diariamente para resolver as palavras cruzadas

do *New York Times* – uma condição *sine qua non* para a qual necessitava de silêncio absoluto à medida que a semana avançava e as palavras cruzadas se tornavam mais complicadas. Se interrompêssemos a sua concentração, ela fuzilava-nos com um olhar de tal modo carregado de desprezo humilhante que era capaz de fazer parar um pregador. As minhas regras de proximidade numa relação eram tão exigentes como as dela. A única maneira de Caroline conseguir sobreviver a uma viagem de carro de três horas comigo era mastigando pastilhas de nicotina. O facto de eu ter entendido o seu gosto pelo tabaco e de ela ter tolerado a minha aversão era uma prova do afeto imediato que sentimos uma pela outra. Eu deixara de fumar há quatro anos e levava vários a tentar antes de conseguir, pelo que sabia que cultivar o seu desejo de deixar o tabaco era muito mais eficaz do que qualquer tipo de ameaça ou tática de intimidação que eu pudesse utilizar.

Mas nem sempre imperava esta equanimidade: quanto mais próximas nos tornávamos, menos eu conseguia suportar o facto de Caroline fumar. Um dia, comecei a gritar com ela ao telefone depois de a ter pressionado para deixar o tabaco, de ela me ter pedido que a deixasse em paz e de eu não ter sido capaz de o fazer, e proferi algo que me é penoso recordar. «Tens menos oito anos do que eu», gritei. «Não quero ter de assistir ao teu funeral.»

Esta preocupação não era só minha. Antes de morrer, a mãe de Caroline tinha-lhe suplicado que deixasse de fumar, e Caroline disse-me mais do que uma vez que não estava à altura da aliança existente entre mim e a sua irmã, Becca – com a pressão exercida pelas duas, ela sabia que teria de deixar o tabaco. Mas adorava fumar, tal como outrora o meu pai com o seu hábito de três maços de tabaco por dia durante décadas. Eu crescera com o cheiro do seu café e dos seus cigarros Camel produzindo em mim uma sensação de segurança, e sabia que esta ligação podia ser uma mistura de veneno e desejo. A maior parte das dependências, incluindo as de Caroline, são ao mesmo tempo complexas e previsíveis. O cérebro, eterno cúmplice, transforma o desejo numa narrativa: o cigarro, o *bourbon* ou a relação obsessiva tornam-se a corda a que nos agarramos, aquilo que conduz o nosso dia. Caroline acreditava que não conseguiria escrever sem um cigarro, que não seria capaz de suportar uma noite ou uma hora no interior das vastas cavernas de um mundo sem tabaco. Experimentou as

pastilhas de nicotina e tentou olhar para fotografias com pulmões de fumadores; pesquisou centros de tratamento para o vício da nicotina e, finalmente, conseguiu parar sozinha, mesmo antes de ser obrigada.

O tabaco não era uma fonte de problemas entre nós, mas antes uma fonte de angústia comum. Caroline e eu partilhámos alguns dos momentos mais idílicos das nossas vidas, mas a parte mais importante da nossa amizade resultou das expedições mais difíceis que suportámos juntas. Desde aquela primeira tarde de inverno nos campos de basebol de Harvard, o sentimento de «Oh, não!, preciso de ti» tornara-se uma confissão e um apelo estridente – o dogma da dependência que forma a teia da amizade. Precisávamos uma da outra, de modo a podermos contar com dias intermináveis de florestas e água rasa, mas a verdadeira necessidade foi soldada pelos momentos mais tristes e duros – momentos de discórdia, impotência ou medo – que ousámos revelar entre nós.

Levei anos a compreender que este desgaste e mal-estar num relacionamento são um indicador de proximidade, não o seu oposto. Aprendemos desde o início a lutar bem e de forma justa: ao assistir a um conflito direto entre nós, Tom pegou no livro que estava a ler e subiu as escadas. «Cresci com as minhas irmãs», disse, ao retirar-se. «Sei como isto vai acabar.» Caroline e eu tínhamos uma grande capacidade de nos magoarmos uma à outra e como reconhecíamos a existência desta arma tentámos não a utilizar nunca. Para além do tabaco, penso que nos zangámos por nada de importante. Ambas podíamos ser arrogantes e rabugentas e excessivamente sensíveis e, no entanto, perdoámos estas características uma à outra quase imediatamente e sem grande esforço.

A confiança existente entre nós permitia-nos abreviar a comunicação e ir direto ao assunto rapidamente. Caroline sabia que quando me recolhia no meu canto mais profundo de melancolia existencial esta se manifestava de uma forma ora cómica ora moderada. Durante anos, tive uma jovem e encantadora rapariga da Guatemala que me vinha limpar a casa de duas em duas semanas. Ela adorava *Clementine* e dizia muitas vezes: «Um destes dias levo-a comigo!» Uma tarde, depois de Lilian ter saído, numa altura em que me sentia ameaçada pelas pequenas traições da vida, convenci-me de que ela falava a sério. Num ataque de ansiedade maternal telefonei a Caroline, que conhecia Lilian e a sua atitude meiga e brincalhona. «Achas que ela estava a falar a sério?», perguntei. «Quer

dizer, realmente, achas que ela poderia levar a *Clementine*?» Caroline foi gentil naquele dia – não se riu nem fez troça – mas, durante os anos que se seguiram, sempre que eu começava a complicar as coisas a propósito do mundo e dos seus potenciais infortúnios, tudo o que Caroline tinha de fazer para me trazer de volta à realidade era dizer, com a calma de quem faz um diagnóstico: «Receio que a Lilian esteja outra vez a roubar o cão.»

Estes eram os dramas quotidianos que confessávamos uma à outra e aos quais retirávamos importância pelo simples facto de os expressarmos. Caroline telefonou-me, aflita, por causa de um jantar informal – era tão tímida que andava há dias a temer a data. Eu disse-lhe para comparecer e sair cedo e ela conseguiu ficar onze minutos. Apressava-me quando eu perdia tempo com ninharias e eu consolava-a quando se metia em sarilhos por causa da sua eficiência excessiva, como quando entrava a toda a velocidade num estacionamento coberto e quase arrancava do tejadilho do automóvel a grelha porta-bagagens destinada ao barco. Dividíamos o mundo conforme os nossos pontos fortes: eu tinha jeito para os computadores e para as tarefas de veterinária e Caroline encarregava-se das reparações domésticas e de qualquer façanha que exigisse força física. No que dizia respeito aos assuntos da alma e da mente, cada uma de nós sabia como cuidar da outra. Mas a capacidade de aceitação de Caroline era maior do que a minha, como o eram também as suas competências diplomáticas.

Em privado, e não inteiramente a brincar, acreditávamos que todas as pessoas podiam ser caracterizadas por uma raça de cães. «Meu Deus, ele é *mesmo* um *caniche* fulvo-alaranjado», dizia Caroline sobre alguém vaidoso ou importante, ou então, entre dentes, sobre uma mulher cujo riso parecia o zurrar de um burro: «*Beagle*.» Uma tarde, Morelli ouviu-nos a fazer isto durante uma caminhada e parou abruptamente, passando de divertido a incrédulo: «Vocês estão mesmo a falar a sério, não estão?» Esta taxonomia tornou-se um código para a personalidade humana e, sempre que alguém nos despertava a atenção, a questão inevitável era identificar a raça à qual pertencia. Gostávamos de classificar Morelli como um *labrador* cor de chocolate (coração grande, sentido de humor) e eu teimava que Caroline era um *collie* (esperta, nervosa, leal), mas durante anos cogitámos sobre qual seria a minha raça. Finalmente, um dia, no início de um passeio, Caroline declarou que a sua investigação terminara.

«Já decidi a que raça pertences», disse-me, com uma certeza mordaz. Engoli em seco – aquilo era um assunto importante. Caroline fez uma pausa antes de pronunciar o veredicto: «Um jovem pastor alemão fêmea.»

«Oh! Mas...» Eu estava abalada e um pouco nervosa. «Quer dizer, são uns cães ótimos», retorqui, «e sei que são espertos, e tudo. Mas são tão *sérios*. E são pastores – são tão mandões e dominadores.»

O sorriso de Caroline foi a sua resposta. «Bem, foi por isso que disse que és uma jovem fêmea», disse ela. «Para dourar um bocadinho a pílula.»

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

A competição que Caroline e eu alimentámos, juntas ou separadas, tornou-se um prazer em vez de um obstáculo: assumimos a nossa rivalidade e tentámos dominá-la. Sempre que ia nadar, eu escolhia uma pista perto de um adversário involuntário, de preferência um homem, que fosse mais rápido do que eu. Então, durante a meia hora seguinte, concentrava-me em fazer piscinas tentando apanhá-lo. Todos os anos, em outubro, após a mundialmente famosa regata *Head of the Charles*, Caroline ia para a água sozinha e remava os quase cinco quilómetros do percurso, cronometrando-se a si própria para ver em que posição ficaria colocada dentro da categoria correspondente à sua idade e ao seu peso. A corrida em si era demasiado angustiante para ela e não lhe interessava competir publicamente. Tal como eu, estabelecia uma média anónima e competia contra ela.

Caroline sempre disse que ela e a irmã tinham gerido a herança genética partilhando os seus talentos. «A Becca ficou com a Matemática e as Ciências, eu fiquei com o Inglês e a História», gostava de dizer, e nós as duas fizemos algo semelhante com o nosso currículo de escritoras: a nossa sublimação dentro do domínio mais seguro do atletismo permitiu que nos apoiássemos uma à outra na vida profissional. Segundo a nossa regra não explícita, Caroline era a colunista e eu a crítica: ela escrevia sobre o pessoal e o psicológico, enquanto eu assumia o departamento de análise e interpretação. Ajudava o facto de eu ser mais velha e de ambas adorarmos o nosso trabalho e termos sido recompensadas com o êxito. Penso que éramos suficientemente boas naquilo que fazíamos, pelo que podíamos aplaudir, na maior parte das vezes, inequivocamente, as vitórias uma da outra.

Quando uma de nós era claramente superior, isso atenuava a disparidade: diminuía a pressão exercida sobre o nosso Guerreiro Interior. «Serás *sempre* a melhor remadora», disse-lhe num verão, aliviada. Isso significava que eu podia realmente descontraír e deixá-la treinar-me. E o remo era o Éden partilhado que nos permitia esforço e vitória sem restrições, qualquer que fosse a corrida. A destreza graciosa de Caroline dentro de água era prova de anos de trabalho, manifestamente orgulhando-se ela desta façanha: um dos momentos felizes da sua vida acontecera na manhã em que Harry Parker, o lendário remador e treinador da equipa de

Harvard, a vira no rio e a elogiara perante a sua equipa de amadores, pedindo-lhe em seguida para demonstrar o seu estilo de remo. No inverno, desolada com a longa estação durante a qual o rio estava congelado, Caroline recolhia ao ginásio, onde era conhecida por fazer abdominais com um peso de quatro quilos e meio em cima do peito. Mais fraca, mas apenas um pouco menos fanática, eu quase me matei a tentar fazer a postura do arado no chão da cozinha – um alongamento de costas digno de um contorcionista –, apenas porque Caroline me tinha mostrado o exercício nessa tarde no caminho asfaltado de Fresh Pond. Fora da época de remo, eu frequentava o Gold's Gym, onde os homens que levantavam pesos faziam ruídos próprios de primatas enquanto eu sofria durante meia hora nas máquinas de remos do ginásio. À medida que caminhávamos pelos trilhos gelados de janeiro, fantasiávamos sobre a possibilidade de praticar desportos de inverno: seríamos demasiado velhas para começar a andar de tobogã? Quando a primavera inconstante da Nova Inglaterra chegava, escavávamos o chão como cavalos loucos. Sabíamos que andar às voltas na água durante o frio e ventoso mês de março podia ser frustrante e mesmo imprudente.

Mas um ano depois daquele primeiro verão em Chocorua, em que Caroline me tinha revelado a chama, também eu sabia que um mau passeio de remo é algo que não existe. O remo abria o mundo de uma forma tão poderosa e quotidiana que a sua simples promessa, fosse em fevereiro ou agosto, nos proporcionava um calendário pelo qual marcávamos a nossa paixão. Desde a minha primeira época completa na água, Caroline condescendeu ao meu fervor com um reconhecimento terno do que ela própria passara anos antes. Quando a água estava perfeita – cristalina e tranquila – desistíamos de qualquer coisa – uma consulta no dentista, um convite para jantar – para ir para o rio. Eu saía com frequência ao final da tarde, quando a vida selvagem acalmara e a linha da costa tinha passado de um brilho duro para um crepúsculo de Monet, e depois regressava à doca com uma luz dourada, enquanto os outros remadores se moviam como pirilampos na água.

A minha teimosia e a força que tinha na parte superior do corpo compensavam a minha perna fraca e em duas épocas conseguira obter um estilo de remo aceitável. Cada dia ficava mais forte, mais rápida, mais entusiasmada. Saía para o rio com chuva e vento forte e regressava

exausta e calma. Caroline avisara-me de que a minha relação com o rio ia mudar e dissera-me para ter cuidado a conduzir – com o rio Charles a serpentear junto ao Memorial Drive era fácil esquecer os carros que vinham em sentido contrário e ficar especado a contemplar o estado da água. «O rio vai converter-se numa personagem da tua vida», disse-me Caroline. «Vais ficar admirada com a influência que terá no teu dia.»

Por alturas do outono, eu já tinha traçado um mapa de toda uma zona de flora e fauna, grande parte da qual era invisível a partir de terra firme. Comecei a ajustar o meu relógio interno, que registava os quilómetros percorridos, pelos pontos de referência que encontrava. Havia o homem que tocava gaita-de-foles todas as manhãs numa curva do rio – «The Halls of Montezuma»<sup>13</sup> e, num dia de sorte, «Amazing Grace»<sup>14</sup> – e o rato-almiscareiro cerca de quatrocentos metros rio acima, que aparecia com tanta regularidade que quase podia acreditar que era em meu proveito. (Havia ainda, menos decente, o exibicionista na extremidade arborizada do rio, que se expunha às mulheres que remavam e acerca do qual Caroline me tinha avisado.) Acima de tudo, havia o arco e a geografia do rio e o meu lugar nele. Em setembro, as crias de ganso nascidas na primavera aprendiam a mergulhar sozinhas e os pântanos tinham passado do verde para um rosa-dourado. O todo proporcionava uma paleta no tempo e no espaço cuja beleza estava ancorada na mudança.

Costumava ver Caroline quando ela subia o rio: o rabo-de-cavalo louro, as costas de bailarina profissional, uma remada tão fluida quanto exata. (Ela nunca me via, até eu a chamar, e mesmo então tinha de piscar os olhos. Os óculos de que precisava, e que se recusava a usar, ficavam sempre no porta-luvas do carro.) Por vezes, encontrávamo-nos numa vasta área perto da linha de chegada da regata *Head of the Charles*. No instante em que colocava as pás dos remos em posição vertical dentro de água e parava, Caroline olhava para o relógio, por vezes disfarçadamente: mesmo no mais calmo dos passeios de remo ela media o tempo que tinha feito. Depois, observava a minha remada e dava-me um exercício para me ocupar durante alguns dias. «Usa os abdominais para a recuperação», dizia. «Para de olhar para trás – não há ninguém atrás de ti. Usa os polegares antes de colocares as pás paralelas à água!» Eu vibrava tanto com a linguagem como com a lição.

No verão do ano 2000, quando eu tinha quarenta e nove anos e Caroline estava quase a fazer quarenta e um, decidimos que tínhamos uma última oportunidade para realizar um sonho: remar num *double scull* do nosso grupo etário na regata *Head of the Charles*. Estávamos enganadas quanto à definição da idade, que aceita qualquer emparelhamento com uma média de idades acima de quarenta anos, mas a fantasia pegou e deu-nos uma missão para essa época. Era o tipo de objetivo que ambas adorávamos, um objetivo que podíamos discutir interminavelmente ao mesmo tempo que incorporávamos as exigências do treino necessário na nossa rotina diária. Como ambas pertencíamos à categoria de ligeiros, decidimos que nos denominaríamos Pesos-Leves Literários – julgámos ser um nome adequado para nos divertirmos no rio e talvez até obter o patrocínio de uma ou duas empresas. Morelli, que há muito desejava ver Caroline mostrar o que valia numa corrida, mandou fazer duas *T-shirts* com o desenho de um remador pequenino no peito e prometeu pendurar-se das pontes para nos fotografar durante os treinos. Sendo a remadora mais experiente, Caroline controlaria o barco, e eu remaria à popa, o que significava que ela teria de diminuir o ritmo da sua remada para se ajustar ao meu.

A desvantagem não a preocupava, mas tinha uma grande importância para mim. Acrescentei abdominais e elevações de perna ao meu regime de exercício e comecei a verificar a pulsação após cada período em que remava à velocidade máxima. Sujeitava Caroline a constantes relatórios sobre o meu progresso: velocidade da remada, pulsação cardíaca, avanços técnicos ou psíquicos. Ela suportava a minha determinação e apaziguava-me sempre que podia. «Tenho receio de te deixar ficar mal», disse-lhe um dia, muito séria – com o meu espírito de pastor alemão pronto a disparar, eu já convertera uma aventura divertida num desafio de uma enorme seriedade.

«Só farei isto contigo se for divertido», disse-me ela, e as minhas antenas ficaram em alerta. «Divertido» era um conceito pouco claro para ambas; o terapeuta dela estava sempre a tentar impor-lho. Era muito mais difícil entrar no espírito do «divertido» do que no espírito do «zelo». Mas, naquele dia, escutei-a e tentei refrear o meu ardor e, por fim, os meus rituais de treino tornaram-se um fim em si mesmo.

Naquele ano, perdemos a entrada no nosso grupo, que é decidida por um sorteio para os que concorrem pela primeira vez. Penso que ambas ficámos aliviadas, por duas razões. A primeira é que tínhamos começado a treinar já tarde na época e não estávamos prontas para competir. A segunda, mais reveladora, era que tanto Caroline como eu éramos tão motivadas e organizadas para atingir objetivos – ela disse-me uma vez que «mestria» era o seu sentimento preferido – que queríamos a época seguinte, e a outra, para ter a oportunidade de colocar as nossas esperanças e a nossa concentração no futuro. Como a maior parte das odisséias, a nossa, no rio Charles, tinha mais a ver com o caminho percorrido do que com a linha de chegada. A metáfora do remo pode ter sido o que nós mais gostávamos: a expectativa, os músculos exaustos, os quilómetros percorridos, a lua cheia em setembro. Já que ambas possuíamos aquela característica única que converte alguém num remador para toda a vida – a resistência – declarámos que havíamos de remar juntas na regata *Head of Charles* quando tivéssemos setenta anos e as outras equipas nos tivessem deixado o campo mais livre para termos possibilidade de ganhar. Esta fantasia havia de nos incentivar durante os dois invernos que se seguiram.

Depois de terminada a regata do ano 2000, no final de outubro, saímos no *double scull* para ver como teria sido o nosso desempenho. Foi um fracasso desde o início: o barco fora equipado para gigantes, pelo que ficávamos quase deitadas na fase final da remada. Só nos demos conta deste contratempo mecânico quando estávamos tão longe da margem que já não era possível resolver o problema. O vento aumentou, acompanhado por rajadas ao acaso que golpeavam o rio sem cessar. E então começou a chover – uma chuva fria de outono que nos empurrava pelas costas e nos ameaçava os nervos e a forma como agarrávamos os remos. Caroline reagiu a estas condições terríveis remando com mais força. A minha remada tornou-se desigual e depois irregular, até que ela acabou por me dizer para parar completamente de remar; se o meu ritmo se tornasse demasiado diferente do seu, ela estaria a lutar contra mim. Frustrada pelo meu desempenho, eu sentia um profundo respeito pelo dela: quanto mais a chuva piorava e mais forte era a corrente, mais firme ela se tornava. Completámos o percurso e aplaudimos quando cruzámos a meta deserta. Estávamos ensopadas pela chuva e pelas ondas, o ânimo exaltado pelo

riso e pelo esforço. Deitei-me no barco e deixei a *Brutita* remar até chegarmos a casa.

[13](#) Hino oficial do United States Marine Corps. (*N. da T.*)

[14](#) Hino cristão composto pelo inglês John Newton no século XVIII. (*N. da T.*)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

.8.

Naquele mês de dezembro, uma tempestade de neve e vento deixou-me pendurada durante dias no Texas, onde aproveitara os feriados para visitar a minha família. Finalmente, consegui lugar num voo, cuja rota fora desviada por Chicago, com destino ao Massachusetts. Caroline, com quem estivera em contacto por telefone durante a penosa experiência, levava *Clementine* para o meu apartamento uma hora antes da chegada do meu voo a Boston. No final de um dia de viagem longo e difícil, afundei-me no assento de trás de um táxi no Aeroporto Internacional Logan, desejando apenas estar na minha própria casa, sentar-me no sofá, sentir o tufo de pelo em volta do pescoço de *Clementine* e ouvir a voz de Caroline ao telefone. «Refém do afeto», recordo-me de pensar, as palavras surgindo sem saber de onde. Ter saído da cidade foi o que me mostrou, o que me recordou, o quanto estas duas criaturas me ajudavam a manter a minha estabilidade emocional. Embora, naquela altura, esta constatação fosse mais reconfortante do que desanimadora, ainda assim era um desvio radical da minha norma. Por mais reservada que Caroline fosse, eu era provavelmente pior – mais teimosa, mais orgulhosa, de uma forma refletida – quando me magoavam a sério. Numa situação de crise, fechava-me em mim própria, mais receosa de que alguém me desiludisse do que de ter de fazer as coisas sem ajuda.

Por razões que talvez tenham a ver, quer com temperamento, quer com hereditariedade, passara a vida inteira cultivando a independência, talvez um pouco exageradamente. Absurdo ou louvável, muito deste comportamento era desnecessariamente grave. Percorrera longas distâncias à boleia, sozinha, quando tinha vinte e poucos anos; durante anos, nadara nos lagos Wellfleet depois do *Labor Day*<sup>15</sup>, quando estavam completamente desertos, até que um temporal do início de outono me convenceu de que era má ideia. Tais proezas eram heroicas, pensava eu, em relação ao enorme sofrimento que a sua realização implicava. Mesmo depois de ter deixado de beber, nunca quis que a solidão limitasse a minha liberdade de movimentos, por isso oferecia-me para ir trabalhar para o Wyoming ou para Londres ou para qualquer outro sítio onde nunca estivera – rangendo os dentes perante a dificuldade de tais

empreendimentos e obrigando-me a continuar porque achava que devia estar disposta a suportar a dor e o isolamento para gozar a aventura.

Mas por muito que me queixasse da solidão, também precisava dela. Estar livre de compromissos, não ter de responder perante ninguém, era algo que me era muito caro. A minha irmã, casada e feliz a mil e seiscentos quilómetros de distância, ria-se de cada vez que eu expressava a fantasia de esperar até que surgisse o homem certo para casar. «Não sei, Caldwell», dizia, recorrendo ao nosso velho hábito adolescente de chamar a outra pelo apelido. «Não creio que sejas capaz. Ias precisar de uma trela muito comprida.»

A verdade era que eu sempre fugira. Os homens com os quais não casei, as relações que abandonara ou nas quais me envolvera com pouco entusiasmo – havia sempre um sinal de saída bem iluminado de acordo com as normas da construção civil em cada edifício que ajudei a criar. «Sejamos francos», disse-me um dia um amigo do sexo masculino, solteiro e com quarenta e tal anos, sobre o facto de vivermos sozinhos, «nenhum de nós chegou a este ponto sem uma grande habilidade e muito esforço.» Na altura ri-me, mas fiquei inquieta com a perspicácia do comentário e com o facto de isso ser mais óbvio para ele do que para mim.

Depois de o táxi me ter deixado à porta do apartamento, naquela noite de inverno, abracei o cão e liguei para o atendedor de chamadas de Caroline para lhe dizer que chegara. Já passava das oito da noite e não estava realmente à espera de conseguir falar com ela. «Já cheguei, está tudo bem», disse. «Não precisas de atender. Vou às compras e falo contigo amanhã.»

Passados vinte minutos, quando estava a pôr as mercearias no meu velho Volvo, um condutor descontrolado apareceu às guinadas pelo parque de estacionamento, a grande velocidade, e enfiou-se na traseira do meu carro. Tudo aconteceu tão depressa que, mais tarde, só me lembrava de ver uma mancha branca em movimento e em seguida estava a voar pelo ar. O Volvo salvara-me a vida: o impacto de um carro a embater no outro atirara-me pelos ares como uma bola de bilhar. Quando voltei a mim, estava de gatas no pavimento, a alguns metros do ponto de impacto, deitando sangue do queixo e praguejando. Havia várias pessoas de pé à minha volta. Alguém chamou o 112; outra voz sem corpo declarou reconhecer-me e recolheu o que restava das mercearias espalhadas para

levar a minha casa. Quando os paramédicos chegaram e me amarraram a uma maca, comecei a discutir com eles para não me cortarem as calças de ganga e as botas Lucchese. Ao chegar ao hospital estava excitada por causa da adrenalina e a contar anedotas: a exuberância falsa característica das trincheiras.

Estive uma hora na maca à espera para tirar uma radiografia. Quando me deram alta eram onze horas da noite. Os meus ferimentos não eram graves – pontos no queixo, algumas entorses e contusões, mas nenhum osso partido – mas gritei de dor quando tentei apoiar-me na perna. Assoberbado por emergências mais prementes, o pessoal do hospital deu-me uma bengala e chamou um táxi. Nas três horas que lá passei, com um telefone a pouco mais de um metro de distância de onde me encontrava, nem uma só vez me ocorreu ligar a Caroline, ou a qualquer outra pessoa, para pedir ajuda.

Ou deverei dizer que, quando efetivamente me ocorreu, rejeitei a ideia com o sangue-frio defensivo dos momentos de crise. Era domingo à noite e eu sabia que Morelli estaria em casa de Caroline para passar a noite. Não os queria acordar e sabia que, se telefonasse, eles se sentiriam obrigados a vir ao hospital. Satisfeita com a minha independência, subi as escadas para o meu apartamento, meio aos trambolhões, meio a rastejar.

Mas lá dentro, quando estava na sala de estar, à meia-noite, com *Clementine* a farejar as minhas calças de ganga manchadas de sangue, fui-me abaixo. Telefonara aos meus pais, que estavam no Texas à espera de saber se o meu avião chegara em segurança, e mentira-lhes com quantos dentes tinha na boca. Eles tinham oitenta e tal anos, o meu pai estava na fase inicial da doença de Alzheimer e eu não achava necessário alarmá-los. Então, toda a minha bravura desabou e marquei o número de telefone de Caroline. A minha voz quebrou-se quando ela atendeu. «Estou bem, estou bem», repetia, insistindo neste prefácio antes de contar a história para não a assustar. Ficámos a falar ao telefone até que ela me convenceu a arranjar alguma coisa para comer e ir para a cama.

O meu carro, um Volvo com dez anos, ficara muito danificado. No dia seguinte, Caroline veio buscar-me no carro dela e voltámos ao parque de estacionamento do supermercado. Ela foi à loja comprar algumas coisas de que eu precisava, enquanto eu tentava pôr o meu carro a trabalhar e retirar o livrete. Dez minutos depois, quando saiu, encontrou-me em pé, de

olhos vidrados, perto do local onde eu tinha aterrado; havia uma poça de sangue seco no asfalto. Durante a viagem de regresso a casa ela estava estranha mente calada e, por fim, de repente, disse-me porquê. «Não paro de pensar que, se ao menos tivesse atendido o telefone da primeira vez que telefonaste», proferiu, «isto nunca teria acontecido. Mais três minutos e estarias fora do caminho daquele carro.»

Eu conhecia este diálogo interior de autoculpabilização: era traiçoeiro e impossível de vencer. Caroline não estava apenas preocupada por não ter podido interferir com os estúpidos desastres do destino, mas com o facto de ser, de alguma forma, responsável pelo sucedido – preocupada que as suas tendências isolacionistas me tivessem colocado em perigo. Este era o tipo de ideia fixa a que ambas nos podíamos dedicar, por isso declarei que o oposto era verdadeiro: se ela *tivesse* atendido o telefone, insisti, eu poderia estar naquele momento a sair da loja, mesmo em cheio na trajetória do carro.

Apesar de todos os ensinamentos práticos deste incidente, o seu único momento indelével, que permaneceu muito depois das feridas terem sarado e do carro ter sido substituído, foi aquele que eu contara a Caroline nessa tarde: o pensamento que passou pela minha cabeça enquanto estava no ar. O mundo surge com um technicolor feroz durante uma crise e, dez anos depois, ainda recordo o arco visual descrito pelo meu corpo ao ser atirado pelo ar, a minha linha de visão cerca de sessenta centímetros acima do habitual. Mas aquilo que recordo melhor é o ataque territorial que senti, a indignação, à medida que deslizava pelo espaço. *Como se atrevem*, sentiam a minha mente e o meu corpo, ambos de acordo e furiosos. *Estou a viver a minha vida*. Sentia-me indignada porque andava há anos a trabalhar nesta história e sabia que ainda não estava acabada.

\* \* \*

Depois de uma década a viver no Leste, tempo suficiente para separar a realidade do sonho, conduzia pela Battle Street abaixo, numa noite de inverno, no início de uma tempestade, a neve *surfando* nas correntes de um vento suave, quando me surgiu o pensamento dissonante de que poderia envelhecer neste lugar – algo que antes nunca me tinha ocorrido acerca de nenhum outro local, e de certeza nunca durante o inverno da Nova Inglaterra. Mas Cambridge tocara-me desde o início. Adorava as típicas calçadas de tijolo, bem como a serenidade contida que a cidade

projetava: toda aquela história imponente, misturando-se com pereiras em flor e músicos de rua.

Durante anos, eu acalentara a ideia de ser proprietária, geralmente como uma realidade alternativa ao sítio onde me encontrava. Sonhei com um pequeno pedaço de terra em Truro, naquilo que era, à época, a extremidade deserta de Cape Cod. Pensei numa pequena casa em Austin onde poderia passar o inverno, ou numa quinta fora da cidade com espaço para um par de cães. À medida que a procura se tornara mais realista, comecei a ver casas por toda a região de Boston, consumindo-me com as possibilidades ou suspirando por propriedades que não podia comprar. Era como um lobo às voltas em torno das suas fronteiras, procurando em todo o lado exceto no epicentro da minha vida.

Estas falsas partidas provavelmente refletiam a minha tendência para fugir e depois desejar ardentemente. Deixa o Texas, depois sente-lhe a falta para sempre. Ama a tua família a mais de três mil quilómetros de distância. Recusa-te a casar, depois passa o resto da vida queixando-te que devias tê-lo feito. A característica enraizada a que a minha mãe chamara cisma tinha o caminho livre no que respeitava ao sítio onde eu imaginava pertencer. Podia explorar universos alternativos a meu bel-prazer dentro da geografia do mundo do «podia ter sido», onde o desenlace era sempre mais agradável e as propriedades imobiliárias mais baratas. «Devia ter ficado na região do Panhandle e estaria feliz, casada com um rancheiro e com cinco ou seis filhos», anunciei uma vez ao meu terapeuta, que geralmente não costumava rir às gargalhadas com tais declarações formais. «Acho que a palavra-chave aqui é ‘feliz’», disse ele, sempre pronto a destruir uma ilusão, se pudesse. Para dar seguimento à piada, enviou-me um mapa da verdadeira cidade de Happy, no Texas, uma pequena comunidade com cerca de setecentas pessoas a sul de Amarillo. Mantive o mapa de Happy na parede do meu escritório durante vários anos, para me lembrar dos Campos Elísios que todos nós imaginamos.

«Nem tudo o que luz é ouro.» Este era um dos ditados preferidos de Caroline, dito originalmente a respeito de uma amiga comum, uma mulher que tinha ido atrás de uma vida de sonho no estrangeiro e acabara enganada e infeliz. O ditado tornou-se um código para todas aquelas vidas aparentemente perfeitas que são vividas noutro lado qualquer, com melhores empregos, melhores companheiros ou estados de alma. Sempre

que eu perguntava (no inverno, no meio do trânsito ou num dia mau), «Por que razão vivemos aqui?», Caroline respondia imediatamente, «Fresh Pond e o Starbucks». Ainda não havia um Starbucks em todos os pontos da América, mas Caroline estava a resumir o todo indefinível: o poeta sombrio na esquina, o rio ao anoitecer ou o talho onde nos conheciam pelo nome. Vivíamos aqui uma pela outra, por toda a gente que amávamos dentro de um raio de cerca de trinta quilómetros e por todas as boas razões pelas quais as pessoas vivem onde vivem. Precisam de contemplar um campo de trigo ou o oceano; precisam do cheiro de uma trovoada ou do barulho da cidade. Ou precisam de partir, de forma a poderem inventar o que necessitam em qualquer outro lugar.

De acordo com os nossos respetivos passados imaginários, eu era a exilada e Caroline a filha que ficara. Eu fugira das terras desoladas da região do Panhandle, povoadas por quintas e ranchos, conseguira ir até Austin, oitocentos quilómetros para sul, e vivera em São Francisco durante alguns anos antes de me dirigir finalmente para leste. Caroline crescera em Cambridge, a alguns quarteirões do Radcliffe Quad. Quando chegou a altura, frequentou a Universidade de Brown, em Providence, a uma hora de distância. Regressou a Cambridge quatro anos depois, não se tendo afastado da casa da sua infância mais do que alguns bairros. O que era familiar para ela era exótico para mim – a sua Cambridge era a minha Amarillo –, e parecia fazer parte do preço a pagar pela urbanidade, tal como crescer em Greenwich Village, considerar que era uma cidade natal demasiado sofisticada para se fugir dela. No ano a seguir à morte dos pais, Caroline comprara uma casa vitoriana no centro de Cambridge, com um chão de tábua corrida em pinho, uma chaminé de tijolo e um pé-direito de três metros. Com mais de um século, a casa estava repleta de ângulos e elegância, com mobília confortável estilo Missão e os brinquedos de *Lucille* cuidadosamente organizados de modo a que ela os pudesse alcançar. Eu vivia a alguns quilómetros de distância, num apartamento situado num segundo andar cheio de luz, que arrendara por dez anos. Muita da ambivalência que sentia relativamente a assentar raízes era atenuada pela sensação de abrigo que eu sabia que a casa de Caroline lhe proporcionava. Quando o pragmatismo finalmente venceu a inércia, dei início à tarefa árdua de visitar as casas abertas ao domingo, através de uma imensidade de catálogos de propriedades – o longo e sinuoso percurso que

acompanha habitualmente a procura de casa. E Caroline, soldado intrépido, acompanhou-me durante toda a marcha.

Pondo de parte as limitações financeiras, uma mulher sozinha à procura de casa pode ser uma expedição de arrasar os nervos complementada com esquemas do *status quo*. Descobri que as propriedades residenciais, especialmente na Nova Inglaterra, ilustravam a demografia: as vivendas unifamiliares eram precisamente isso – casas coloniais e vitorianas construídas a pensar na família nuclear. Cada vez que visitava uma, o estômago caía-me aos pés e sentia um cansaço esmagador. Salas de jantar formais e quartos de dormir no primeiro andar? Apetecia-me chorar, de tal forma me sentia deslocada. A arquitetura para quem vive sozinho tinha os seus próprios problemas: espaços diminutos e características que pareciam ser um castigo subtil para quem decidia fazer as coisas sem ajuda. As casas eram opressivamente exíguas, com tetos baixos e quartos apertados – como se as pessoas que vivem sozinhas fossem necessariamente pequenas! Ou então andares em velhos prédios de três pisos ou grandes edifícios de apartamentos, o que significava que era preciso desistir do jardim, da privacidade e do estacionamento em troca de uma hipoteca razoável.

Caroline e eu analisámos todos os aspetos deste atoleiro. Eu regressava a casa depois de visitar as casas abertas ao domingo, exausta e com a cabeça oca, e ligava-lhe para um banho de realidade, ou então ela encontrava-se comigo no local combinado e caminhava pelos quartos, simultaneamente animadora e cética. Será que eu queria mesmo viver neste magnífico aviário situado num terceiro andar, perguntava, com a minha perna má e um cão que pesava vinte e sete quilos? Era a época da guerra de propostas e da corrida às propriedades e as casas vendiam-se num dia ou numa hora – um agente imobiliário maníaco telefonara-me às nove e meia da noite, para me convencer a fazer uma oferta por uma casa que eu ainda nem tinha visto. Estivera nesta fila desesperada (e perdera) algumas vezes, apenas para ser ultrapassada por aqueles que tinham mais dinheiro ou menos sangue-frio do que eu. O alto nível de risco da caça à propriedade alimentava a minha ansiedade. Naquela altura, o mercado era um autêntico jogo de cadeiras, com toda a gente a tentar freneticamente sentar-se antes de a música acabar. No início da primavera de 2001, fiz uma oferta para uma pequena casa situada nos subúrbios, que tinha um

jardim grande coberto de vegetação. Caroline trepara a vedação das traseiras no dia anterior à casa estar aberta para dar uma olhadela. Então, no último minuto, entrei em pânico. Vi o futuro desenrolar-se diante dos meus olhos, anos e anos de ruas bem arranjadas e serenidade contida, características da Nova Inglaterra, e a imagem horrorizou-me. Por mais confusos que pudessem parecer a quem estava de fora, os meus critérios tinham sido apurados por anos de reflexão sobre o que eu *não* queria e pelas linhas gerais daquilo que o meu espírito desejava. O que eu queria era um dormitório para adultos, algures onde houvesse flores e cães e pessoas que se parecessem comigo. Em meu benefício, uma colega descrevera este lugar inventado pela minha intuição. Era uma lésbica afro-americana jovem e moderna, com vários *piercings*. Tínhamos falado incessantemente sobre os perigos que uma mulher solteira corria ao adquirir um bem imobiliário e sobre o lugar a que cada uma de nós pertencia. «Deixa-me explicar», disse ela. «Não quero ser a coisa mais interessante do bairro no dia em que me mudar para lá.» A sua perspicácia irónica veio-me à memória quando assinei uma proposta para a casa dos subúrbios. O agente bem-parecido apertou-me a mão e disse: «Você parece uma pessoa muito *interessante!*» Dois dias depois, retirei a minha pessoa interessante do negócio.

E então, num dia de maio repleto de flores desabrochadas, quando eu praticamente já tinha desistido, vi num catálogo o anúncio de metade de uma casa da década de 1920, desengonçada e coberta de tábuas de madeira, situada numa rua ladeada de magnólias em Cambridge. O apartamento era menor do que eu pretendia. O proprietário pintara as paredes de amarelo-mostarda e pendurara cortinas de veludo vermelho na sala de jantar. Nada disso me importava. O que cativara o meu coração, mesmo antes de entrar na casa, tinham sido os enormes áceres que se elevavam acima do longo caminho por onde entravam os carros. O caminho conduzia a um jardim murado onde havia abrunheiros e lilases e um plátano-bastardo que se erguia a dezoito metros de altura no meio da cidade. Eu vivera na Nova Inglaterra durante duas décadas, mas ainda era texana, e sabia que a terra era mais importante do que aquilo que se encontrava nela. Decidi-me pelas árvores.

Caroline adorou a casa. Viu para além dos seus defeitos – a falta de um quarto de hóspedes, o vizinho no andar de cima –, certa de que este era o

meu lar. A casa ficava a meio caminho entre o rio onde eu remava e os bosques onde passeávamos. Havia um parque e um pronto-a-comer italiano e uma dúzia de pessoas conhecidas na vizinhança. A casa aberta durou uma hora e no final da tarde havia quatro ofertas de compra. Houve um casal que, estranhamente, suplantou a minha oferta, oferecendo dezenas de milhares de dólares acima do preço inicial; por certo, também tinham adorado as árvores. Dois dias depois desistiram do negócio e o agente telefonou-me para informar que a casa era minha, caso estivesse interessada. Disse-lhe que precisava de uma hora para pensar; desliguei e liguei a Caroline. «Sim», disse ela, de forma inequívoca. «*Sim.*»

Algumas semanas mais tarde, após as árduas diligências que geralmente acompanham a compra de uma propriedade, estava de pé na varanda da frente daquela que era agora a minha casa, brincando com as chaves, emudecida pelo cansaço e por uma vaga apreensão. Lá dentro havia um trabalho de remodelação que iria durar meses e que implicava uma renovação quase total do interior. Ouvi um carro percorrer o caminho atrás de mim e voltei-me para ver Caroline e Morelli na berma do passeio, no Toyota RAV dela, ambos com um largo sorriso, acenando-me para esperar por eles. Abri a porta ao mesmo tempo que Caroline subia os degraus de um salto. E, enquanto Morelli agarrava os cães e ria, levantou-me – eu pesava quase cinco quilos a mais do que ela – e carregou-me, como um saco de cereais, pela soleira da porta.

No final daquele verão, Caroline e eu tínhamo-nos habituado aos novos percursos do nosso caminho comum. O meu apartamento novo ficava situado a alguns quarteirões de Fresh Pond e os carpinteiros e pintores trabalharam durante todo o verão. Todos os dias dizia para *Clementine*, «Queres ir a Cambridge?», e ela respondia com um latido feliz, mais por causa da minha entoação do que por qualquer outra coisa. Então, pegava no carro, íamos ambas até ao local da obra falar com os operários que aí estavam a trabalhar e depois dirigíamo-nos ao parque para nos encontrarmos com Caroline e *Lucille* ao fundo da encosta. Eu levava geralmente uma coleção de amostras de tinta enfiadas no bolso de trás. Como a cor dos samoiedos é uma mistura de creme e branco-sujo, alinhávamos as amostras em cima do dorso de *Clementine* para podermos examiná-las. Eu ensinara-lhe a ficar imóvel e, por isso, ela permitia esta tolice, ficando quieta, pacientemente, enquanto nós imaginávamos a sua colorida

cobertura como, por exemplo, uma decoração para a sala de jantar. Uma tarde, passou por nós uma senhora junto ao lago dos patos onde Caroline e eu observávamos oito tonalidades da cor pêssego, olhou-nos com ar desaprovador e gritou: «O que é que estão a *fazer* a esse cão?» Foi um verão despreocupado, repleto de caminhadas sem destino e passeios de remo ao final da tarde e da certeza, cada vez maior, de que eu dera um enorme passo em frente e me dirigia de alma, coração e caixotes cheios de livros para o lugar a que pertencia.

Na manhã do 11 de setembro, acordei ao som de duas vozes simultâneas: na rádio, o locutor da BBC informava que o primeiro avião atingira o World Trade Center; e no atendedor de chamadas, o meu amigo Pete dizia: «A esta altura, provavelmente já sabes o que aconteceu.» Os dez minutos seguintes foram preenchidos pelo caos da percepção. Com a televisão e a rádio pública nacional em segundo plano, liguei a Internet e vi que tinha recebido um *e-mail* com duas palavras enviado por Caroline alguns minutos antes, ainda desconhecendo o que se passara: «Foste remar?» Disparei outro em resposta: «Torres de Nova Iorque atingidas por terroristas, desce e liga a televisão.» O escritório de Caroline ficava no sótão, no terceiro andar da casa, e ela estava geralmente sentada à secretária por volta das oito e meia, afastada do rádio e do telefone. Daí a poucos minutos estávamos a falar uma com a outra pelo aparelho, vendo o horror recorrente no ecrã do televisor, no mesmo limbo em que toda a gente se encontrava. Como os aviões tinham levantado voo do Aeroporto Logan, em Boston, pairava um receio adicional sobre a própria cidade: a maioria das linhas fixas e das comunicações por telemóvel estiveram bloqueadas durante parte da manhã. A nossa chamada estava sempre a cair e finalmente elaborámos um plano de emergência para o caso de os sistemas deixarem de funcionar. Se as coisas piorassem – se algo sucedesse em Boston – ambas arranjaríamos maneira de chegar a Fresh Pond, que ficava à mesma distância das nossas casas, pois sabíamos que aí conseguiríamos encontrar-nos.

Era um plano ridículo, como milhões de outros planos que foram feitos naquele dia. Mais tarde, rimo-nos dele – um riso frio e angustiado, semelhante ao humor de combate, que acompanhou os dias seguintes – e refletimos sobre o nosso mau planeamento: Fresh Pond não era exatamente um centro de evacuação da Cruz Vermelha. Mas o que me

impressiona hoje é perceber o absurdo daquele plano. Agimos por instinto, como cavalos que se dirigem para o celeiro ou pássaros que, espantados, levantam voo da árvore. Estávamos apenas a tentar encontrar um refúgio, a nossa própria área de segurança.

Mais tarde, ainda naquele dia, acabei por ir remar. Não sabia o que mais havia de fazer. A meio da tarde, a cidade estava mais sossegada do que alguma vez deverá voltar a estar: não havia aviões no céu e a maior parte do tráfego, pedestre e automóvel, fora interrompido. Já se sentia a dissonância que se haveria de revelar durante as semanas seguintes: vi um pateta no rio que me gritou: «Está um lindo dia, não está?» O cenário, aparentemente perfeito, era como uma paisagem bucólica na cena de abertura de um filme de terror, só que o horror já acontecera. Eu só pensava nas imagens finais do filme *On the Beach*, em que o vazio pós-nuclear de uma praia australiana é acompanhado pelos acordes de «Waltzing Matilda»<sup>16</sup>. Remava debaixo daquele céu que agora se apresentava infamemente azul, o seu vazio frio e inerte, e ouvi a melancolia lúgubre de «Waltzing Matilda» durante todo o percurso.

Mudei-me para a minha casa no início de novembro, no dia do aniversário de Caroline. Naquela manhã, enviei-lhe flores – ela estava a tomar conta de *Clementine* enquanto eu observava os funcionários da empresa de mudanças, que subiam e desciam as escadas. O outono da Nova Inglaterra, que em circunstâncias normais era impressionante e lúgubre, fora eclipsado e virado de pernas para o ar pelos efeitos secundários da história. Houve o suicídio, na casa ao fim da rua, de uma mulher cujo noivo morrera nas torres. O amigo do amigo cujo paradeiro nunca fora descoberto. Toda a gente tinha uma dúzia de histórias como estas, círculos concêntricos em torno da calamidade, pormenores tristes guardados entre o trauma e a perda. Nos primeiros dias após o ataque, em resposta a um plano que abrangeu toda a cidade, Caroline e eu ficámos de pé nas nossas varandas uma noite, segurando bem alto uma vela acesa, a falar ao telefone uma com a outra. Nenhuma de nós conseguia ver a luz de qualquer outra pessoa, o que nos fazia sentir alternadamente aborrecidas e consternadas com a nossa futilidade. Nas semanas que se seguiram, ambas caímos numa versão da síndrome do sobrevivente, o surgimento repentino da consciência que podia atingir-nos no meio de uma qualquer forma

instintiva de negação. Caroline podia estar a jogar um jogo de solitário no computador e ser dominada pela mágoa ou pela ansiedade; eu podia estar preocupada com a remodelação da minha casa num minuto, e no minuto seguinte pronta para despedir todos os pintores, conjecturando enviar o que me restava do orçamento das obras para o fundo dos bombeiros de Nova Iorque. Toda a gente seguia um curso intensivo sobre a ironia, aprendendo a lição de que o doloroso e o banal existem em órbitas paralelas. Um dia, disse-lhe que me sentia envergonhada por pensar na minha casa enquanto o mundo estava em farrapos, e ela colocou a mão no meu ombro e, encolhendo ligeiramente os seus, disse: «Amstras de tinta... Osama bin Laden», usando as mãos para abarcar toda a extensão da experiência humana. «É isto, afinal, que é a vida.» Naqueles dias, vivíamos todos dentro da visão de Ícaro descrita por Auden. Mesmo com um rapaz a cair dos céus, os navios seguiam calmamente o seu rumo.

Levei anos a compreender que a morte não acaba a história, apenas a transforma. Editar, reescrever, a falta de nitidez e a epifania do diálogo solitário. A maioria das pessoas deambula para dentro e para fora das vidas uns dos outros, até que a distância, não a morte, as separe – o tempo e o espaço e o cansaço do coração são os carrascos suaves das ligações humanas.

Tenho vários sonhos recorrentes com Caroline. Num deles, ela vive tranquilamente no bosque numa pequena casa em tons de verde e azul; noutro, estou a datilografar-lhe uma carta e, à medida que escrevo, a tinta insiste em desaparecer da página. Nestes meus sonhos, Caroline está sempre morta ou a morrer, mas eles não são horríveis nem angustiantes – a ligação entre nós triunfa sempre sobre a perda. E, no entanto, o meu único sonho insuportável é aquele em que ela está doente e em tratamento e eu não a consigo encontrar. Perdemos o contacto, o telefone desligou-se ou a minha chave parte-se numa porta fechada e ela está do outro lado. Tenho muitas variantes deste sonho, do qual acordo rasgando o espaço com as mãos, mas a mensagem permanece inalterada: foi a vida, não a morte, que se intrometeu.

«A santidade dos afetos do Coração», escreveu Keats, confiando apenas nisso e na imaginação; e hoje penso que Caroline e eu serenámos algo uma na outra, o que nos permitiu libertarmo-nos e dedicarmo-nos ao mundo lá fora. E, certa como estou dos factos e das recordações, e da

influência que cada uma teve sobre a outra, procurar os fios de todas estas histórias lançou-me numa insistência estranha e indiferente de que ela ainda não partiu. Todos os detritos da vida e da morte me dizem o contrário: a receita de batatas *au gratin*, escrita na sua letra pequena e cuidada que cai de um livro de cozinha; uma primeira edição da obra clássica de J. R. Ackerley, *My Dog Tulip*, que ela procurou para mim num Natal; e um CD misterioso que encontrei na casa dela depois da sua morte chamado «Música para Caroline», cada uma das suas canções, desde Norah Jones e Fiona Apple até Edith Piaf, um testemunho das paixões desconhecidas que todos carregamos em nós.

Uma vez, Caroline referiu-se às ambiguidades fulcrais da vida como «o lado sombrio da alegria», e aqui, nestes dias, tem sido o oposto: um limbo feliz no qual ela é a minha companheira de viagem. O estado de fuga que o escritor impõe a si mesmo. Caroline tem estado inteiramente viva nos prados e nos bosques com os cães, em cada lição de remo, em cada discussão e em cada telefonema despreocupado. Nestes dias, a sua morte está algures ao fundo do corredor, atrás de uma porta fechada mas não trancada. Por agora, porém, tem a pele bronzeada pelo rio, sorri e em breve o telefone vai tocar e uma de nós dirá, *O que estás a fazer?*, e tudo recomeçará de novo.

[15](#) Dia do Trabalho, feriado celebrado nos Estados Unidos na primeira segunda-feira de setembro. (*N. da T.*)

[16](#) Canção muito popular na Austrália, composta em 1885 pelo poeta australiano Banjo Patterson. (*N. da T.*)

## .9.

Caroline começou a tossir no inverno. Uma tosse seca, ainda não preocupante, que parecia ser um complemento áspero, próprio de fumador, à sua voz extraordinária. Tinha acabado um livro e estava exausta, bem precisava de ganhar uns cinco quilos. No Natal, ofereceu-me uma *mezuzah*<sup>17</sup> para pendurar na porta de entrada e abençoar a casa nova. Fomos jantar fora para comemorar o meu aniversário numa noite gélida de janeiro. Ela parecia apática, mas ambas atribuímos o facto ao trabalho e ao cansaço emocional. Se estava preocupada com a sua saúde – e estava, como se viu mais tarde – não disse a ninguém a não ser à irmã, Becca.

Dois incidentes, aparentemente díspares, seriam recordados mais tarde. Caroline tentou nadar as suas habituais quarenta ou cinquenta piscinas e só conseguiu fazer sete antes de ficar incapaz de prosseguir. E então, numa tarde fria e soalheira do início de março, em Fresh Pond, as pernas falharam-lhe sem qualquer tipo de aviso. Recuperou quase de imediato e sentou-se num banco do parque para me ligar, minimizando o sucedido enquanto me contava o que acontecera. Por alguma razão que não sei explicar, absorvi esta informação com uma urgência e um temor que eram desproporcionados face ao sucedido. Agarrei nas chaves do carro e voei para fora de casa, percorrendo de automóvel os poucos quarteirões que me separavam do lago para ganhar tempo. Ao avistá-la na elevação por cima do parque de estacionamento fui a correr; quando cheguei ao pé dela, abanava a cabeça para me dizer que não tinha sido nada – um colapso momentâneo, falta de açúcar no sangue, algo passageiro e benigno.

Grande parte do alarme que senti naquele dia advinha do facto de Caroline ser uma das pessoas mais estoicas que eu já conhecera. Raramente ficava doente e, quando isso acontecia, mal se queixava. Mas a tosse, funda e persistente, não passava. Reduziu os cigarros para metade, depois para metade disso. Estranhamente, na altura eu estava preocupada com a minha própria saúde. Em baixo de forma por causa de uma vulgar gastroenterite reagira, de uma maneira que não me era habitual, com um mal-estar sombrio do qual não me conseguia libertar.

Caroline fez uma radiografia ao peito, recebeu tratamento para uma pneumonia e os antibióticos deram-lhe algumas semanas de sossego. No final de março, num dia invulgarmente quente em que o rio estava

tranquilo, saímos com os barcos pela primeira vez desde o outono. Ela remou os oito quilómetros do costume. Uma semana depois estaria no hospital mas naquela altura, naquele dia, não havia vento e a água parecia um espelho. Quando caminhámos juntas ao final da tarde, disse-me que fora a única vez em quinze anos em que o primeiro passeio de remo da época lhe parecera fácil.

Aquela palavra continuou a vir-me à memória durante a brutal revisão dos dias que se seguiram. Duas semanas após aquele exercício perfeito, Morelli levou Caroline às urgências, num domingo à noite, já tarde. Ardia em febre e tinha novamente pneumonia. Durante alguns dias, os médicos pensaram que podia ser tuberculose e todos tivemos de usar máscaras no quarto do hospital. As máscaras: Caroline disse-me que percebeu que as notícias eram más quando as enfermeiras deixaram de as usar e começaram a tratá-la com uma gentileza atroz.

Estava presente, por acaso, quando o médico terminou a broncoscopia, um exame que revelou um tumor inoperável no pulmão, classificado como um adenocarcinoma na fase 4. Estivera absurdamente positiva nos dois dias anteriores ao exame, confortando Caroline ao assegurar-lhe que era demasiado nova para ter cancro, que as misteriosas manchas no fígado que os médicos tinham detetado não seriam nada de grave. Becca, que partilhava a compostura e a tranquilidade de Caroline sob pressão, disse-me, enquanto esperávamos na sala de recobro, que devíamos estar preparadas para o pior e eu fiquei aturdida. Ela era médica e eu tinha muito mais confiança nela do que no meu próprio otimismo desesperado. Então, o pneumologista entrou, atirou o seu corpo alto e magro para uma cadeira próxima, encolheu os ombros com uma réstia de bondade, e proferiu as palavras que fizeram desaparecer os comentários à nossa volta: «inoperável», «necrótico», «paliativo». E o eufemismo obsceno que, inadvertidamente, revela o fim: «podemos fazer com que se sinta mais confortável.»

Recordo, com uma clareza ofuscante, duas coisas do resto daquele dia. A primeira é a imagem de Caroline a chorar quando a abracei, depois de a terem trazido novamente para o quarto, quando a primeira coisa que ela me disse foi: «Estás zangada comigo?» Era a voz do terror inicial, uma resposta primitiva às más notícias, e até hoje não sei se ela o disse porque tínhamos discutido por ela fumar ou se por saber que ia partir.

A outra imagem é do final daquela tarde, depois de me ter ausentado do hospital o tempo necessário para passear *Clementine* e ir buscar algumas coisas de que Caroline precisava. Descia a minha rua a pé, a caminho do parque do bairro, quando avistei uma amiga e a sua filha de sete anos mais à frente, no campo de basquetebol. Olhei na sua direção mesmo na altura em que Sophie apontou a bola e fez o lançamento. «Mãe!», gritou. «Viste?» Era o seu primeiro triunfo no campo, eu fora a testemunha ocasional e a força daquela simples capacidade para alcançar a alegria cortou-me a respiração. A tarde resplandecia de luz, Caroline estava a morrer e Sophie tinha marcado. *Mãe!* Ali estava ela, a vida infundável, a jogar basquetebol.

Os dias seguintes foram uma confusão de relatórios negativos. Exames suplementares revelaram que o cancro se espalhara e que havia metástases no fígado e no cérebro de Caroline. No final da semana, um oncologista juntara-se à equipa e fora iniciada uma radioterapia de emergência para o cérebro e uma primeira (e desesperada) série de quimioterapia com a duração de cinco horas. Os antibióticos tinham curado a pneumonia secundária e houve um curto período, entre o diagnóstico e os efeitos debilitantes do tratamento, durante o qual Caroline não se sentiu doente. Estávamos todos em estado de choque, consumidos pelas tarefas exigidas pela situação de crise, fazendo listas de pessoas a quem telefonar e de objetos que parecia ser essencial obter: uma *T-shirt* preferida, um pente de tartaruga. Morelli descobrira uma forma de introduzir *Lucille* no hospital às escondidas, depois do início do turno da noite, e nós trepávamos para a cama com o cão e partilhávamos comida italiana do pronto-a-comer. Uma noite, Caroline começou a contar anedotas parvas enquanto eu e Morelli ríamos, e então ela parou a meio de uma frase e ficámos todos a olhar uns para os outros, uma cena tirada de um daqueles telefilmes piegas. Tudo parecia absurdo e precioso, filtrado através do breve esplendor que surge quando a morte está presente. Na primeira noite depois do diagnóstico, Caroline dissera-me que pedira a Morelli para casar com ela e que nós tínhamos um casamento para planear, e aqueles primeiros dias estiveram envoltos numa profunda ternura que ajudou a suportar as semanas seguintes.

Um dia, Caroline telefonou-me de manhã cedo, eu peguei no auscultador e disse, «Estás bem?», e ela respondeu, «Sim, fugi – estou a

pensar ir remar.» O hospital ficava junto ao rio e o seu quarto, situado nos andares de cima, dava para a curva do rio Charles onde os remadores passavam todas as manhãs e, da sua cama, ela podia vê-los à primeira luz. Daí a poucos dias Caroline haveria de pedir às enfermeiras para deixarem as cortinas fechadas. Mas naquela manhã ela ainda brincava, ainda era capaz de fingir que em breve voltaria lá para fora. «Tenho saudades de nós», disse-me, ao telefone, nessa manhã. «Sinto falta da nossa vida juntas.»

Sabíamos que tudo havia mudado, por isso a forma como comunicávamos este facto uma à outra era tão cuidadosa como real. Falámos sobre o testamento que tinha mandado redigir; numa noite, disse-me a mim e a Morelli que tínhamos de prometer passear os cães juntos uma vez por semana, para sempre. «O meu barco e a minha roupa interior», proferiu, referindo-se ao legado que seria para mim; anteriormente, nesse mês, eu pedira-lhe emprestado metade dos casacos que ela tinha no roupeiro para uma viagem a Austin que deveria fazer dentro de algumas semanas. A sua ironia prevalecia acima de tudo o resto. «Oh, meu Deus», exclamou, na segunda noite após o diagnóstico, quando estávamos a fazer a lista das pessoas a quem telefonar. «Agora vou ter de ouvir as pessoas a contar as suas histórias sobre como entraram em remissão.»

Mas à noite, depois de sair do hospital, eu vinha para casa e ficava de pé às escuras no jardim das traseiras onde o viburno estava em flor; enterrava a cara no seu perfume e chorava. Depois de passear *Clementine*, ligava-me à Internet e lia sobre o adenocarcinoma nas revistas médicas. O termo «prognóstico» ainda não tinha surgido nas nossas conversas, mas eu sabia. Telefonara a dois amigos, que eram médicos, e ambos tinham sido suficientemente amáveis para me darem a sua opinião sem eufemismos. Nenhum deles acreditava que ela tivesse mais do que alguns meses de vida.

Tirei imensos apontamentos durante estas chamadas – notas rabiscadas e detalhadas, citações dos meus amigos médicos, a minha forma de organizar o incompreensível. «O pior, o mais adiantado» escrevi, debaixo de «fase 4 – adenocarcinoma». «Tumores no fígado... a radiação ajuda a controlar a dor e o inchaço do cérebro.» E depois, numa caligrafia mais

pequena no final da página: «Não serve de nada para prolongar o tempo de vida.»

Os médicos de Caroline discordavam quanto à causa e origem do tumor no pulmão: um pneumologista tinha a certeza de que estava relacionado com o tabaco; um oncologista estava igualmente certo do contrário. Isto tinha uma grande importância para Caroline e nenhuma para mim, apesar de eu ter tentado protegê-la do veredicto do especialista em pneumologia, a quem o trabalho nas trincheiras possivelmente endurecera de forma a não ser afetado pelos destroços que era obrigado a ver todos os dias. Caroline deixara de fumar na semana anterior ao diagnóstico e agarrava-se a isto: a sua recuperação da anorexia e do alcoolismo fora uma longa batalha contra a autodestruição e ela precisava de saber que, também neste caso, tinha feito um esforço enorme para se salvar. A razão pela qual eu estava menos interessada na origem do tumor era pragmática: apesar de me ter preocupado com o facto de Caroline fumar, a atividade que originara o tumor não tinha qualquer efeito sobre o diagnóstico, não mais do que sermos afastados de um edifício nos protege de cairmos dele abaixo.

Na sexta-feira, a noite em que teve início a quimioterapia, Caroline estava na cama, com a *T-shirt* que eu lhe trouxera e uma injeção intravenosa no braço, quando eu entrei. Perguntou se podia ficar com a camisola – claro, disse eu. Pediu-me para acertar e programar o seu novo relógio desportivo subaquático para poder cronometrar as voltas na piscina quando saísse do hospital. Caroline sempre adaptara o seu ritmo ao meu e agora eu fazia o mesmo, diminuindo-o quando ela assim o indicava. «Se me tivesses falado, antes de tudo isto acontecer», disse-me naquela noite, «de alguém com cancro no pulmão e metástases em quatro sítios, eu teria dito “Oh, meu Deus, só tem seis meses de vida.”» Estendeu então o braço magro e musculado onde estava a injeção intravenosa, abanou a cabeça e sorriu. «Mas estes médicos não sabem o quanto eu sou forte.»

Tudo isto parece ter acontecido ontem, ou há uma eternidade, naquela fenda entre o espaço e o tempo que permanece imutável na nossa imaginação. Recordo-me de tudo porque me recordo de tudo. Quando há uma situação de crise com alguém que amamos, o diálogo fica tão gravado como uma cicatriz numa árvore. Hoje, é assustador constatar

aquilo de que me lembro, embora suponha que não deveria ser, porque tenho a voz de Caroline cravada no meu coração. Aquela voz: a entoação, o alcance, o humor admiravelmente oportuno. Algo que eu não podia perder.

Na segunda-feira os efeitos da quimioterapia tinham começado a fazer-se sentir. Caroline telefonara ao seu terapeuta – um homem que ela conhecera e amara durante duas décadas – nos primeiros dias após o diagnóstico, mas ele ainda não tinha ido ao hospital; é possível que ambos estivessem a tentar adiar a crueldade da situação. Naquele dia, ela perdera toda a serenidade física e psicológica que possuía. Estava terrivelmente doente, fraca, e eu passei a maior parte da tarde sentada ao seu lado, enquanto ela dormia. Passaram quatro ou cinco horas, durante as quais Caroline acordava e se sobressaltava para depois cair no sono outra vez. Eu trocava um pedaço de pano frio por outro e voltava ao meu lugar. Foi uma missão estranha que não exigia qualquer esforço, na qual tanto o tempo como o pensamento deixaram de existir. Mais tarde, Caroline contou-me que sonhara durante toda a tarde comigo e com o irmão, que também tinha estado a entrar e a sair do quarto.

Quando o telefone tocou, atendi de imediato para ela não acordar. «Caroline?», disse uma voz de homem. «Não», respondi, «é a Gail». «Ah, a Gail», disse o terapeuta de Caroline, reconhecendo o meu nome e sabendo que o dele me seria familiar. «Fala David Herzog.» Pus a mão em concha sobre o bocal do telefone. «Estava para lhe telefonar», disse-lhe. «Tem de cá vir. Agora.»

Ele foi nessa mesma noite e, mais tarde, Caroline e eu rimo-nos da ordem que eu dera sem contemplações – da minha capacidade de fazer o que ela não conseguira, chamar por ele através da barreira do medo. Era um homem enorme, de quem comecei a gostar intensamente durante as semanas que se seguiram, confiando na sua força e na sua bondade sincera quando o resto do mundo parecia obedecer a uma espécie de giroscópio louco. Foi com ele que falei quando a realidade médica e a emocional colidiram; foi ele que telefonou quase todos os dias para saber como eu me estava a aguentar. Com ele podia falar abertamente sobre o quanto Caroline estava a sofrer e sobre o tempo que lhe restava. Assumimos uma capa de intimidade instantânea que não podia falhar: a nossa ligação fora

forjada num túnel de vento. Sabíamos que ambos éramos essenciais na vida de Caroline e o que cada um de nós tinha a perder.

Este era um outro campo de familiaridade que Caroline e eu tínhamos partilhado ao longo dos anos. Herzog, como ela lhe chamava, tinha sido um pilar na vida que ela reconstruía do outro lado da anorexia. Devido à forte ligação que possuíamos a uma figura paterna poderosa, ambas tínhamos encontrado refúgio num psiquiatra do sexo masculino. Mais importante ainda era a crença partilhada na terapia psicodinâmica: a versão longa e montanhosa, frequente mente monótona, segundo a qual a pessoa permanece na sala com os seus medos e a sua história juntamente com uma testemunha que possa suportar a intensidade da narrativa. Vivíamos num meio cultural – a Costa Leste do pós-década de 1960 – em que a terapia era um dado adquirido, e ambas considerávamos que o trabalho terapêutico que leváramos a cabo fora crucial para a pessoa que éramos e para o progresso que tínhamos alcançado. Caroline e eu acreditávamos no poder transformador da terapia com a mesma certeza com que acreditávamos nos AA, em enfrentar a verdade ou na lealdade dos cães.

Caroline ficou no hospital durante o resto da semana, até estar suficientemente forte para ir para casa; Morelli mudou-se para lá para tomar conta dela. Os médicos queriam que ela estabilizasse com os remédios e a radioterapia, para que pudesse suportar a próxima fase de quimioterapia, nas semanas seguintes. A sua tribo de amigos e família alargada tomara conta de cada pormenor necessário para lidar com uma doença incapacitante: a cada render da guarda, havia quem passeasse o cão, quem cozinhasse e quem conduzisse. Caroline entrara naquela zona de debilidade que era difícil de encarar por aqueles que se preocupam mais com as doenças: andávamos todos à sua volta como galinhas inconsoláveis enquanto ela tentava simplesmente engolir um pedaço de pão ou fazer um telefonema. Por sua insistência, tentámos fazer um pequeno passeio a pé com os cães até Fresh Pond, talvez cerca de noventa metros à volta do troço superior da península – uma volta de cinco minutos, em circunstâncias normais, que agora demorava três vezes mais. Parámos num banco para descansar, demos um biscoito aos cães e recomeçámos. Quando ela cambaleou, usei o meu braço para a estabilizar, uma inversão de papéis tão dolorosa como fora automática.

Caroline começara a manifestar pequenos sintomas neurológicos, que julgo que a irritavam acima de tudo – por duas vezes, à minha frente, deixou cair uma toalha ao chão e recusou-se a deixar-me apanhá-la. Durante aqueles dias, mantivemos um diálogo que era parcialmente um código, mas que continuava tão firme como Caroline costumava ser quando atravessava um ribeiro. «Estás só a tentar fugir de me fazeres a sopa», dizia eu, referindo-me à antiga promessa que ela fizera de cozinhar para mim quando eu envelhecesse. Uma noite, depois de se ter encontrado com o oncologista pela primeira vez fora do hospital, Caroline ligou-me e começou a citar estatísticas sobre o seu prognóstico, que eram uma versão otimista do que eu lera: os ensaios clínicos em curso, a pesquisa mais recente no Hospital Geral de Massachusetts, as probabilidades remotas de viver entre dois a cinco anos. Falava com uma voz suave e animada durante a recitação e eu escutei sem dizer nada, consciente de como era cruel a luz na sala de estar.

«O objetivo é ganhar tempo», disse-me, e ficámos ambas em silêncio, contendo as lágrimas. Eu não queria que ela tivesse de tomar conta de mim e não sabia ao certo como tomar conta dela, à exceção de a levar de carro às sessões de quimioterapia, cozinhar comida inútil e estar atenta a todas as suas sugestões.

Mas Caroline foi-se abaixo quando começou a perder o cabelo. «Sei que isto é ridículo», proferiu. «Mas é a única coisa em que consigo pensar. O resto é demasiado para mim.» O homem que, durante anos, cortara o seu cabelo comprido veio a sua casa nesse fim de semana para lho rapar; trouxe uma dúzia de rosas e recusou ser pago pelo trabalho. Eu arranjei um folheto da American Cancer Society sobre os efeitos secundários e a queda de cabelo e encomendei meia dúzia de chapéus e lenços para ela usar. Um dia, na sala de espera da quimioterapia, estávamos a ver o catálogo juntas e a rir e as lágrimas começaram a correr-me pela cara abaixo, apesar de não ter vontade de chorar. Não conseguia parar. Sacudi a cabeça e tentei ignorar o facto de Caroline estar a tentar confortar-me.

«Tenho medo que percebas como isto é grave», disse-lhe. «Se te disser, tenho medo que penses que não sou suficientemente forte para aguentar e tentes esconder o teu medo.»

«*Gail*», respondeu. «Eu já sei como isto é grave. De certa forma, isto é pior para ti e para o Morelli do que para mim.»

Estávamos rodeadas por outras pessoas que aguardavam sessões de quimioterapia e nem uma delas olhou sequer de relance na nossa direção durante a troca de palavras, com exceção de uma mulher que nos passou uma caixa de lenços de papel e retomou a leitura da sua revista. Para mim, isto foi um alívio e uma lição: ninguém neste lugar parecia sentir-se incomodado com as emoções manifestadas por um desconhecido. Tínhamos entrado numa cultura subterrânea vivida *in extremis*, onde as pessoas estavam a morrer ou a tentar viver e o coração era posto a nu.

Estava uma tarde radiosa de princípios de maio e nós tínhamos chegado cedo ao hospital e tínhamos ficado sentadas do lado de fora, ao sol, de pernas cruzadas no chão e de frente uma para a outra. A vida profissional de Caroline estava suspensa, mas ela tinha um trabalho pendente que se esquecera de cancelar, um ensaio sobre ela e *Lucille* para uma revista de amantes de cães.

«Tenho de escrever sobre o quê?», perguntou-me. «Sobre o facto de a única coisa pior do que perder o nosso cão é saber que ele vai viver mais do que nós?»

A sua voz estava rouca e eu sabia que ela estava nalgum lugar para lá do medo onde eu nunca estivera, e também sabia que a melhor coisa a fazer, e a mais difícil, era ficar calada e escutar. Todas as promessas falsas capazes de lhe dar esperança ou de a tranquilizar estavam muito longe do ponto onde nos encontrávamos agora, sentadas ao sol, na relva do Hospital Mount Auburn, os meus dedos em volta dos seus pulsos.

Caroline casou com Morelli no início de maio, no jardim das traseiras da casa da nossa amiga Marjorie. Se era um casamento debaixo de fogo, os seus amigos transformaram-no num evento bucólico. A indómita Sandy, a melhor amiga e antiga chefe de Caroline no jornal *The Boston Phoenix*, era uma mulher ruiva e alta que agora vivia em Filadélfia. Gastou a estrada de tanto viajar durante as semanas em que Caroline esteve doente, e chegou na semana antes do casamento com cinco pares de sapatos vermelhos para ela escolher e uma taça gigante cheia de arroz-doce caseiro. A prima de Caroline, Monique, forneceu o espantoso vestido comprido vermelho-escuro que usara no seu casamento. Na manhã da cerimónia, a nossa amiga Terry – que geralmente animava a vizinhança criando galinhas no quintal – decorou todo o quarteirão que conduzia à casa de Marjorie com fitas de cetim e lírios. Morelli acumulou funções

como fotógrafo, um estratagema brilhante que lhe proporcionou uma forma de aguentar o dia ao mesmo tempo que o registava para os restantes. *Lucille* levou as alianças (Caroline arranjara-lhe um anel com uma almofada de cetim), comigo como sua humilde condutora. Caroline pediu-me que encontrasse um poema sobre o amor e o compromisso, que fosse fiel às circunstâncias. Procurei durante dias alguma coisa adequada: a maior parte dos poemas de amor não pressupõem nuvens de tempestade acumulando-se no céu. Mas compreendi o que Caroline pretendia: por muito que ambas ansiássemos por um final feliz, isso não significava que acreditávamos que ele pudesse acontecer. Agora, a vida mostrava que era muito mais dura, em todos os aspetos. Finalmente, encontrei um soneto de Edna St. Vincent Millay, tolerável e verdadeiro, que abordava a destruição da «gloriosa roda do destino» pelo Fado. Caroline ligou-me enquanto eu estava a lê-lo.

«Encontrei um poema», disse-lhe, «mas tenho quase a certeza de que é demasiado triste.» Então, li-lhe algumas linhas do início. «Peço-te, se me amas, suporta a minha alegria / por um pouco, ou deixa-me chorar as tuas lágrimas.»

«É isso mesmo», disse ela, repentinamente, a meio da leitura. «É mesmo esse. Tens de o ler.»

Tenho uma fotografia das duas tirada por Morelli naquele dia: estamos agarradas uma à outra como um par de adolescentes. Na noite a seguir ao casamento, Caroline, Morelli e eu estávamos estendidos no sofá, em casa dela, revendo os pormenores do dia. Caroline estava sentada a meu lado, «Como te sentes?» perguntei-lhe, e ela fechou os olhos e sorriu. «Consolada.»

Três dias depois voei para Austin, numa viagem que devia durar quatro dias; há meses que a minha presença numa cerimónia de atribuição de prémios numa universidade estava prevista. Já no aeroporto, telefonei a Caroline da porta de embarque e fi-la rir com uma história sobre os seguranças do mundo pós-11 de setembro que tinham desaparecido por alguns momentos com as minhas botas de vaqueiro. Chamaram então para o embarque e a minha voz ficou embargada. «Não te quero deixar», disse-lhe. «Vai», respondeu. «Não me vai acontecer nada na tua ausência.» Foi a última conversa que tivemos. Ela ligou para minha casa em Cambridge naquela noite para deixar uma mensagem dizendo que os médicos queriam

que fosse ao hospital no dia seguinte – estavam preocupados com alguns novos tiques neurológicos que julgavam ser temporários, uma consequência da radiação.

Eu tinha de estar no palco, para uma cerimónia de duas horas, às oito da manhã de sexta-feira; quando saí e verifiquei o telemóvel tinha três mensagens novas. Caroline fora levada de ambulância para as urgências a meio da noite, com aquilo que se revelou ser uma série de hemorragias no cérebro. Perdera a capacidade de falar e ainda não era claro até que ponto seria capaz de compreender o que ouvia. Eu estava no *campus* da Universidade do Texas quando soube a notícia, primeiro pela prima de Caroline, Suzanne, que era médica, e depois por Marjorie, que sabia o suficiente para me dizer que voltasse para casa. Consegui um voo via Chicago, que partiu de Austin na mesma tarde. Tinha recebido um prémio honorário nessa manhã e, ao correr para o carro, deixei cair a placa no chão e lasquei a moldura. Quase a deixei ficar lá. Foi um instante terrível, como se todos os pequenos símbolos da vida estivessem a ser arrastados pela corrente contrária de uma verdade mais sombria. Passava da meia-noite quando cheguei a Cambridge.

Parte do horror inesperado dos dias seguintes, para aqueles que amavam Caroline, estava no desconhecimento exato do que acontecera e do que ela sentira. Os seus olhos pareciam loucos de medo quando entrei no quarto do hospital. Quando alguém lhe disse que eu estava ali, emitiu um grito de angústia que, para mim, significava duas coisas. A primeira era simplesmente um reconhecimento. A segunda era que ela sabia o que a minha presença revelava e que a situação só podia ser grave para eu ter regressado, sobrevoando metade do país.

Retiremos as palavras e descobriremos todos os ornamentos que as rodeiam. A linguagem corporal, os gestos, a história que os olhos contam. Morelli, o irmão e a irmã de Caroline deveriam ter o seu testamento vital, mas os documentos, redigidos naquela semana, ainda não estavam assinados. Estávamos a tentar ver se ela conseguia entender a situação e segurar numa caneta. Peguei-lhe na mão e disse: «Caroline, sou eu. Se consegues compreender o que te estou a dizer, aperta a minha mão.» Ela respondeu imediatamente com um aperto firme. «OK», disse-lhe. «Precisamos da tua assinatura na procuração. Se achas que consegues...» A sua resposta interrompeu-me; ela quase me partiu a mão. Foi uma frase

inteira com significado, cheia de impaciência e eficácia. Mantive-me junto dela, enquanto rabiscava o seu nome nos formulários.

A partir desse dia, os seus braços passaram a ser a sua eloquência. Uma noite, quando estava sentada junto à cama, deitei a cabeça no colchão ao seu lado. Morelli viu como eu estava fatigada e levantou-se para colocar uma toalha debaixo do meu pescoço. Foi um dos incontáveis atos de boa vontade que ele providenciou nas semanas seguintes, quando já nada mais importava a não ser a luz no quarto e o número de inspirações. Caroline estendeu então o braço e passou a mão pelo meu cabelo, o que foi suficiente para me confortar durante alguns dias, e ficámos ambas assim até cairmos no sono.

Tínhamos passado anos a falar – falávamos quando outras pessoas teriam desistido, desemaranhando sentimentos e conversas e as complexidades da vida diária. Agora ela já não podia falar e, por isso, eu também não falava; a nossa narrativa tornou-se uma coreografia de silêncio. Passava horas aos pés da sua cama desconhecendo, durante uma grande parte do tempo, se ao menos sabia que eu estava ali. Mas Caroline e eu tínhamos começado a nossa amizade com uma ligação fiel às verdades elegantes da linguagem não verbal: a fisicalidade, os sinais de mão e o contacto visual necessários para estabelecer diálogo com um animal. Quando ela adoecera, eu levava para o hospital uma *T-shirt* que ela adorava do Barking Dog Café, em Nova Iorque, que tinha estampado atrás SENTA! FICA! Eu sabia tudo sobre o sentar-ficar, e como isso era uma posição simples e essencial, por isso, foi o que fiz. Sentei-me e fiquei.

[17](#) Pequeno rolo de pergaminho contendo duas passagens da *Torah* que se coloca à entrada de casa. (*N. da T.*)

.10.

Caroline tinha um coração grande – claro que levou imenso tempo a morrer. Os médicos colocaram um cateter intravenoso para administrar morfina nos primeiros dias após a hemorragia, por isso, quero acreditar que o medicamento ajudou a controlar a dor de modo a permitir que Caroline flutuasse algures, despreocupada e livre. Não tenho a certeza disso, da mesma forma que nunca poderemos compreender o universo adjacente dos que estão a morrer. Mas esta pergunta foi a que mais me assombrou, naquela altura e durante meses depois de ela ter partido. O que sei é que testemunhar o sofrimento de alguém é um mundo turvo e impotente: os que estão bem de saúde, armados com o seu entendimento, observam um cenário que não conseguem realmente compreender e que pouco podem fazer para alterar. O sofrimento é o fator que muda o final do jogo, muda a capa da morte do preto para o branco. É um corredor mal iluminado situado fora do tempo, um lugar de um cansaço esmagador, a única coisa suficientemente grande para obrigar alguém a segurar a porta para que a morte possa entrar.

Caroline viveu mais dezoito dias depois de ter sofrido a hemorragia. Morelli praticamente vivia no quarto do hospital, trazendo *Lucille* com ele. (Uma noite, para gáudio das nossas almas fatigadas, um auxiliar novo saiu para o corredor e disse, com um largo sorriso no rosto: «Está um raio de um cão naquele quarto!») Durante aquelas semanas, mantive um nível de energia inquietante; sabia o sofrimento que me aguardava e evitei-o durante tanto tempo quanto me foi possível. Levava o jantar a Morelli no hospital ou falava com Herzog pelo telefone com a testa apoiada na mão. Uma tarde, fiquei uma hora ao telefone com Louise, que morava no Minnesota, enquanto ambas líamos poesia. O telefonema consistiu sobretudo em longos períodos de silêncio, pontuados por exclamações como «Ah!» e «Oh!». Procurava apoio de uma forma transitória e intensa, chorava sem aviso ou não chorava de todo, era excessivamente delicada para com pessoas desconhecidas. Liguei ao meu amigo Matthew do telemóvel enquanto caminhava em Fresh Pond, e quando me respondeu a caixa de correio deixei uma mensagem longa e incoerente, contendo uma pergunta hesitante que me parecia ser profunda, um esforço infantil para compreender o universo. «E se...?», exclamei. «Quer dizer, sei que parece estúpido, mas e se a morte... não for uma coisa má?»

Por mais ingênua que a questão possa parecer, hoje sei que me dirigia, cambaleante, em direção ao território que fica para lá da perda. Aceitar uma sentença de morte é como cair por um lance de escadas em câmara lenta. Acontece aos poucos, uma contusão de cada vez – um embate, a aterragem num patamar, mais uma pequena descida. Eu estava à beira da exaustão, mas seguia em frente com uma determinação frenética, como se pudesse fugir do que estava a acontecer. Encontrara o número do telefone de casa de Herzog, após ter voltado do Texas e, nessa noite, telefonei-lhe do hospital. Ele entrou no quarto com um pequeno ramo de lírios-do-vale – sabia que, o que quer que fosse que tivesse acontecido, Caroline ainda podia cheirar –, aproximou-se dela e colocou-lho debaixo do nariz. O gesto espantou-me pelo rigor da gentileza e nas semanas seguintes falava com ele com uma angústia que eu controlava quando estava com a maioria das pessoas que amavam Caroline. Perto do fim, uma noite no corredor do hospital, perguntei-lhe o que achava que estava a acontecer e ele respondeu: «Diga-lhe tudo o que ainda não disse.» Eu sorri, aliviada. «Não há nada», retorqui. «Já lhe disse tudo.» No dia seguinte, os médicos suspenderam a administração de fluidos, tal como Caroline pedira, e quando Morelli me ligou a dizer que estava feito soltei um grito de dor na minha cozinha que mais parecia o lamento de um animal.

Os pormenores da morte são tristes e extenuantes: respirar e esperar, respirar e esperar. O organismo, uma máquina esplêndida, sabe como e quando deve deixar de trabalhar. Mas Caroline era tão forte e determinada que, mesmo nesta tarefa final, caminhou para o fim com uma força estimulante. Eu observara-a na água durante anos; agora ela estava no meio daquilo a que Anne Sexton chamara «o terrível remar em direção a Deus».

E Deus, na minha opinião, demonstrava ser um capataz incompreensível. Durante a maior parte da minha vida adulta eu fora uma protestante impenitente ou uma crente relutante; sempre me surpreenderam as pessoas que pareciam ter a certeza da resposta, fosse em que sentido fosse. Mas a minha crença em algo maior e mais inacessível do que a consciência humana nunca fora posta à prova a um nível tão profundo. Por vezes, ia até à pequena capela do hospital e sentava-me no escuro, o silêncio cobrindo-me como um xaile, e depois encolhia os ombros e voltava para cima, para o quarto de Caroline. Numa noite

particularmente má, recordo-me de olhar admirada para a luz no átrio exterior, sentindo a finalidade horrível daquele caminho – naquele momento, pareceu-me que o fim era somente o fim, o mesmo que conduzir um automóvel em direção a um muro que não tem nada do outro lado. Julgo que foi um dos instantes mais desoladores da minha vida, por isso senti que o único Deus presente naquela noite era a morfina administrada gota a gota. E ocorreu-me, num entendimento frio, que *isto* era o que significava contemplar o nada – um universo onde tudo era inútil exceto o instinto inato para sobreviver, resistir e finalmente morrer. O que eu testemunhava era tão vulgar como a manhã e agora era a vez de Caroline tombar, e eu achei intolerável a falta de luz e de significado daquela imagem. Não admira que alguém tenha inventado o mito da ressurreição, pensei. Oferecia uma brecha na escuridão, a única forma de tolerar o final.

Ao tentar retomar aquela vaga percepção, descubro que a maior parte da sua força me escapa. Estamos programados para esquecer. Temos de continuar: construir pontes, aprender línguas, ter filhos, bater com um pau numa pedra e encontrar uma cadência. Quando a morte surge, a fragilidade de tudo isto revela-se. Mas não por muito tempo. Recordar o apelo inexorável e a força da morte é como tentar reter a água nas mãos. O que aprendi naquele beco escuro foi que, no que respeita a Deus, eu precisava de não saber – precisava da ignorância humilde sobre a possível existência de algo para além daquele quadro sinistro. Nos meses que se seguiram, estava sempre a pensar na frase «mistério necessário», como se ela pudesse capturar a inevitabilidade da minha posição atual no universo, equilibrada na linha entre o Saber e o Não Saber, entre aquilo que me parecia a arrogância da certeza religiosa e o desespero de um mundo sem Deus.

No dia em que Caroline morreu, eu tinha um trabalho para entregar e cumprir o prazo. Não porque estivesse a fazer-me de forte, mas porque sabia que ela ia morrer nas próximas vinte e quatro horas, que eu sucumbiria em seguida, e que, até lá, a escrita me proporcionaria três ou quatro horas numa zona relativamente livre de dor. Escrevi naquele dia porque era a única coisa que sabia fazer, e suspeito que era o que ela teria desejado e o que ela própria teria feito.

Estivera no hospital até tarde na noite anterior, um domingo; deixara lá a irmã de Caroline, o irmão e Morelli, voltara a casa e dormira um sono de dez horas assustadoramente profundo. Caroline perdera a consciência três dias antes. Eu ficara sentada ao seu lado, contando as suas respirações até que os próprios números deixaram de fazer sentido. Quando a abracei pela última vez, ardia em febre e parecia estar a trabalhar com uma energia furiosa, apesar de completamente imóvel. Deixara-nos a todos há já alguns dias.

Na segunda-feira à noite, o meu telefone tocou alguns minutos depois da meia-noite. Fiquei sentada na cama, a olhar para ele enquanto a chamada ia para o atendedor, e quando ouvi a voz do irmão de Caroline pensei, por um instante, *Se não atender ela não estará morta*. Peguei então no auscultador e disse, «Andrew?», e ouvi a sua voz amável a dizer-me o que eu já sabia. Depois de desligar, apaguei a luz e fiquei no escuro durante algum tempo. Então, levantei-me, e liguei a Sandy, a amiga de Caroline que vivia em Filadélfia, que atendeu ao primeiro toque. Ficámos a falar durante muito tempo e acendemos velas juntas na mesma altura, como crianças capturando pirilampos num frasco.

Mantive-me calma durante os dias que se seguiram, de uma forma que me alarmou. Caroline conhecia imensa gente, em Cambridge e nas proximidades – pessoas com cães, escritores, remadores, colegas dos AA –, e naquela altura a sua doença era suficientemente conhecida e, por isso, as pessoas abordavam-me na rua para saber notícias dela. Na tarde do dia seguinte ao da sua morte fui até Fresh Pond com *Clementine* e houve duas ou três pessoas que me interpelaram e um senhor idoso que desatou a chorar quando soube. Com a calma desconcertante de um capelão, disse-lhe, colocando a minha mão no seu braço: «Lamento imenso. Ela faleceu ontem, à meia-noite.»

Aprenderia a aceitar estes períodos de serenidade por aquilo que verdadeiramente eram: uma suspensão temporária do vórtice. Mas na altura assustaram-me, tal como me assustou a memória enevoada que eu viria a ter destes acontecimentos mais tarde, juntamente com algumas outras respostas primitivas. Fui para casa e comecei a cozinhar feijão-preto em quantidade suficiente para um exército, embora não estivesse à espera de ninguém. Dei comigo a contar os amigos com o pragmatismo cruel de uma criança – quantos restavam na tribo? Quando percebi o que

estava a fazer, entoando uma lista para mim própria, rabisquei os nomes e afixei-os na porta do frigorífico. Eram estas as pessoas a quem podia telefonar às três da manhã. Nunca telefonei a ninguém àquela hora, talvez porque tinha a lista.

No final da noite, o feijão-preto tinha desaparecido. As pessoas começaram a surgir em minha casa e continuaram a chegar, deambulando pela cozinha até ao jardim das traseiras ou sentando-se nos degraus da frente. Marjorie, cuja sabedoria madura era fruto das suas próprias perdas, entrou no meu jardim com um lindo sorriso no rosto; Tom telefonou, a chorar – «Oh, meu Deus, estás bem?» –, e depois apareceu com sacos cheios de comida chinesa. Francesca, que não conhecia Caroline mas era minha amiga, trouxe uma madressilva trepadeira que ainda cresce no emaranhado do jardim. Kathy, a treinadora de cães através de quem nos tínhamos conhecido e que se tornara uma boa amiga, ficou na cozinha com o marido, Leo, chorando e rindo enquanto eu contava a história do lago Chocorua e a missão que Caroline assumira de me ensinar a remar. Houve cães e pessoas e pratos vazios por toda a casa até à meia-noite, altura em que finalmente tomei um comprimido para dormir. Lado a lado com todo este sofrimento havia uma ironia e um milagre. Caroline e eu tínhamo-nos aberto uma à outra a partir de refúgios semelhantes de calma e solidão. Agora ela partira e isso abrira as minhas portas de par em par, em todas as direções.

No que diz respeito ao sofrimento, a única educação que qualquer de nós recebe é um curso intensivo. Até à morte de Caroline eu pertencera àquele outro mundo, um lugar de inocência e expectativas lineares, onde julgava que o sofrimento era um reino simples e doloroso, repleto de tristeza e saudade que, aos poucos, iam diminuindo. O que a definição não contempla é o tremendo golpe que a perda inflige, bem como a loucura temporária e uma série de emoções menos simples cuja intensidade é chocante. Durante semanas, talvez meses, iria mover-me como se estivesse debaixo de água, mas aqueles primeiros dias, entre a morte e a cerimónia fúnebre, foram uma cascata ofusca de lágrimas e surpresas. Uma parte de mim fez o que tinha de ser feito com uma vivacidade assustadora: encontrar o poema para ler na capela na sexta-feira de manhã e praticar, lendo-o em voz alta. Mas a outra estava simplesmente convicta de que não seria capaz de me deslocar de A para B – de que deixá-la ir,

em espírito e em público, seria tão complicado e incompreensível como a Teoria das Cordas. O meu velho amigo Pete, que estava fora quando Caroline morreu, telefonou do Ohio para saber como eu estava. Disse-lhe aquilo que tivera receio de dizer para mim própria. «Acho que não consigo fazer isto», proferi, sobre estar presente na cerimónia do dia seguinte. «Não sei *como* fazê-lo.»

Pete ficou calado durante um minuto e depois pronunciou algo que me confortou tanto que hei de ouvi-lo para sempre. «Sabes, Gail», disse, «a nossa espécie faz isto há muito tempo. E é quase como se... é como se o corpo soubesse o que fazer.»

Caroline, que em parte acreditava que a sua existência discreta a mantinha relativamente desconhecida e, por consequência, protegida das massas, teria ficado espantada com a cerimónia. A capela do Cemitério Mount Auburn estava repleta e a deitar por fora. Caiu uma chuva fria e contínua durante toda a manhã e Kathy viera buscar-me a casa; quando o carro parou perto da entrada da capela disse-lhe que não sabia se conseguia entrar. Para seu grande mérito, ela não se apressou a tranquilizar-me nem presumiu que eu estava a falar metaforicamente. «Consegues ir até à porta?», perguntou. Ficava a pouco mais de três metros de distância. Assim consegui ir até à porta; Morelli estava lá à minha espera e a partir daí fiquei bem.

Naquela manhã, li um poema de Louise Bogan chamado «Canção para o último ato», cujas primeiras linhas diziam: «Agora que sei de cor a tua face, olho / menos para os seus traços do que para a moldura que os obscurece.» Nos dois dias que se seguiram à cerimónia, o ritmo do poema não me saiu da cabeça, uma agradável música de fundo que me acompanhava nas caminhadas, quando nadava, nos últimos pensamentos que tinha antes de adormecer. Era como se algum coro antigo se tivesse alojado dentro de mim, oferecendo-me este canto requintado, uma medida dos meus próprios passos e um acompanhamento para uma mágoa que, de outra forma, seria indescritível. Após esses dois dias, desapareceu tão naturalmente como a chuva no pavimento.

A devastação causada pelo sofrimento inicial constitui um enorme choque: selvagem, imprevisível, inconsolável. Se ao menos conseguisse progredir para a mágoa, pensava, a mágoa eu podia *suportar*. Não estava preparada para a fisicalidade pura do sofrimento, o sobretudo pesado

como chumbo, feito de uma dor surda, do qual levaria meses a desembaraçar-me. O que quer que fosse que eu julgasse saber a respeito da perda – o que eu conjecturara sobre o estado Depois-de-Caroline, quando não houvesse mais medo e o tormento tivesse cessado –, não suspeitei de que isso significaria entrar num mundo novo e imutável. Aparentemente, vivia na certeza da ausência de Caroline o tempo todo e, no entanto, por vezes, a realidade do facto quase me cortava a respiração. Uma noite, algumas semanas após a cerimónia, tentei fazer um jantar para dois amigos e consegui cozinhar metade da refeição antes de me dar conta de que não sabia o que estava a fazer. Eles sentaram-se delicadamente perante um prato espartano de galinha com arroz – não me lembrara de fazer mais nada – e eu pedi licença, fui para a cozinha e agarrei-me à bancada. Ela está *morta*, pensei. A própria palavra era brutal. Sempre me haviam desagradado os eufemismos que a civilização adotara para a morte: «foi-se», «partiu», «faleceu». Pareciam-me evasivos e sentimentais, uma forma de branquear o conceito de morte, retirando-lhe a sua força declarativa. Agora, eu sabia por que motivo o vocabulário fora suavizado. *Ela está morta*.

Li tudo o que podia para compreender o que me estava a acontecer. *Luto e Melancolia*<sup>18</sup>, W. H. Auden, Emily Dickinson. A poesia ajudou-me mais do que Freud. Meticulosamente, talvez de forma automática, comecei a desatar o nó górdio de uma dupla perda: a angústia que sentira por Caroline nas suas últimas semanas de vida era agora uma questão diferente da minha própria solidão torturada. Tudo o que sabemos sobre a morte é um cliché até se tornar realidade. Eu estava meia louca com a solidão que, muitas vezes, aparecia disfarçada de raiva. O que os livros não dizem é que, de repente, podemos ser invadidos por uma fúria primitiva, a única alternativa tolerável a estar com aqueles que morreram. A morte é um divórcio que ninguém quis; viver com ela é encontrar uma forma de nos separarmos daquilo que julgámos que não suportaríamos perder.

Dei por mim a duvidar da força da nossa amizade, ou até a recusá-la, como se pudesse rejeitar o amor e assim evitar a dor. Este subterfúgio funcionava durante uns vinte minutos, ou até eu dizer a alguém que ambas conhecíamos, «Bem, talvez não fôssemos assim tão próximas», e o

ouvinte desatar a rir. Comecei a tentar lembrar-me de todas as coisas de que não gostava nela. Não havia muitas. Ou então saía com o barco para o rio e falava com ela em voz alta – falava tanto e tantas vezes que comecei a referir-me a uma certa extensão de água como a Igreja de Caroline. Apresentava-lhe relatórios sobre *Lucille*, contava-lhe as coisas generosas ou tontas que as pessoas tinham dito ou feito e como todos nós nos estávamos a aguentar. Uma tarde, apercebi-me do meu provável aspeto – uma mulher sozinha num *scull*, sorrindo e falando com a sua amiga invisível – e o meu peito estremeceu com a potencial loucura e inanidade da minha conversa solitária. «O que é pior?», perguntei a Caroline. «Falar contigo e não haver ninguém a ouvir ou tu estares aí à espera e eu *não* falar contigo?» Pensei em quão impotente, provavelmente irritada, ela se sentiria perante o meu silêncio. Por isso, continuei a falar. Queixava-me de coisas que tinham acontecido anos antes. «Acho que não te devias ter zangado por eu ter perdido o assento do barco», dizia. «Foi um acidente!», ou «Estavas sempre com pressa. Porque é que estavas sempre com tanta pressa?»

Num dia calmo e encoberto do final do verão, Morelli e eu encontrámo-nos para transferir o barco de Caroline do Riverside Boat Club, do qual ela fora sócia durante anos, para o meu clube naval, que ficava a poucos quilómetros rio acima. Ambos tínhamos pensado sobre aquele dia durante semanas, talvez receando-o, porque sabíamos como era Caroline dentro de água e o que o remo significara para ela. Estacionámos o meu carro no Cambridge Boat Club e fomos no de Morelli até Riverside, onde um remador que conhecera Caroline nos ajudou a encontrar o barco e a levá-lo da baía interior para o rio. Eu trouxera o meu par de remos; Morelli queria ficar com o conjunto que Caroline usara. Ninguém disse nada enquanto púnhamos o barco na água e colocávamos os remos. Então, abracei Morelli e os dois empurraram-me para sair da doca, e Morelli ficou ali de pé, a olhar, enquanto eu remava para longe. Caroline amara este barco e fora nele que me ensinara a remar; na sua última década de vida, percorrera nele cerca de oitocentos quilómetros por ano. Ela fora a imagem da própria serenidade e conduzia agora a minha retirada. Eu não queria que Morelli me visse chorar e durante os primeiros quarenta e cinco metros procurei concentrar-me numa só coisa: tinha de continuar, ou ele não iria aguentar. Cheguei à primeira ponte e virei, logo a seguir ao último

local de onde sabia que ele me podia ver. Então, coloquei os remos em posição vertical, puxei o barco para as sombras, pus a cabeça nos punhos dos remos e chorei.

18 Obra escrita em 1917 por Sigmund Freud. (*N. da T.*)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

.11.

Morelli e eu tomámos conta da casa de Caroline durante aquele primeiro inverno a seguir à sua morte, antes de ela ser vendida, revezando-nos para ir buscar o correio, ligar o carro ou verificar o aquecimento. Foi um inverno particularmente violento e eu entrava no vestíbulo, onde a temperatura era de cerca de doze graus, e sentia a tristeza à minha frente – era como entrar no nevoeiro. A vida interrompida: os sapatos de Caroline ainda estavam alinhados junto à porta, os seus casacos – tinha vários, que usava conforme o estado do tempo quando ia passear o cão – ainda tinham biscoitos nos bolsos. Na porta do frigorífico havia uma fotografia de nós as duas, os braços à volta uma da outra, que Tom tirara naquele primeiro verão em Chocorua. Nunca consegui tirar a foto do lugar onde Caroline a colocara anos antes e um dia, quando a casa estava a ser desmobilada, ela simplesmente desapareceu – sem dúvida, tinha sido deitada fora com as especiarias fora de prazo e os sacos de plástico e tudo o mais que constitui o rasto deixado por uma vida. Desde a última ida de Caroline para o hospital, Morelli levava *Lucille* para viver com ele, por isso o seu cheiro desaparecia pouco a pouco. Quando ia lá a casa, eu levava sempre *Clementine*, que ladrou com entusiasmo e procurou Caroline e *Lucille* apenas na primeira visita. O seu faro deve ter-lhe dito o que eu não podia e, depois disso, ela ficava simplesmente a meu lado enquanto eu caminhava pela casa.

Por vezes, sentava-me na sala fria e dava livre curso à minha dor; era o único sítio que refletia o estado do meu coração. Todos os meus outros lugares no mundo – a minha própria casa, a minha ligação com os meus amigos, os meus dias com o cão, no rio, ou na piscina – eram uma versão distorcida do meu sofrimento; todos eles me continham, refletiam a história, até me ajudavam a esquecer durante algum tempo. Aqui era onde a própria história se encontrava. Aqui, na temperatura desconfortável e na quietude própria de um museu, estava Caroline, desaparecida. Este sentimento irrompeu através da minha incredulidade, da minha negociação com Deus, de todas as minhas outras defesas, e por esta razão eu precisava de lá ir e odiava ter de o fazer.

Uma tarde em que subira ao andar de cima para ver como estavam as coisas, comecei a vasculhar o armário de Caroline, tal como costumávamos fazer juntas e como eu e a minha irmã fazíamos quando

éramos raparigas. Vesti camisolas e blusas de que ambas tínhamos gostado olhando-me no espelho enquanto *Clementine*, deitada no chão, me observava. «Esta ficava-te melhor a ti do que a mim», dizia para Caroline, e o cão virava a cabeça e eu experimentava outra peça de roupa. Senti-me desesperada o tempo todo, confusa e culpada, e levei anos para me distanciar o suficiente da dor causada pelo episódio para compreender o que sucedera. Eu queria reclamar o que restava dela. Sempre ouvira histórias sobre famílias acometidas pelo sofrimento, que discutiam por causa de um candeeiro feio ou de uma máquina de café barata; agora percebia porquê. O desejo frenético que sentira não era frívolo nem ambicioso; era possessivo, no seu sentido mais primitivo. Ainda conservo o seu saco de ginástica e o impermeável e, durante algum tempo, até tentei usar as suas botas de inverno, um tamanho acima do meu, o que era absurdo, mas reconfortante.

*Memento mori*: a lembrança dos mortos. Penso que a razão por que ansiamos por estas marcas da história – as bolas de basebol, os adornos e as cartas de jogar deixados nas sepulturas das pessoas – é porque elas ocupam o espaço vazio deixado pelos que partiram. O vácuo físico deixado pela morte de Caroline era assustadoramente parecido com um fenómeno da física, como se a luz do dia tivesse mudado ou uma casa da rua tivesse desaparecido. Sempre que *Clementine* ouvia o som distintivo produzido pela buzina de um Toyota RAV, o carro que Caroline guiara durante anos, abanava a cauda e começava a dirigir-se nessa direção – condicionamento puro que me parecia um *haiku*<sup>19</sup> sobre o que faltava no mundo.

Ontem encontrei uma nota que escrevi para mim própria, entre os montes de planos e mapas narrativos que constituem o material de construção de um escritor. «Deixa-a Morrer», escrevera eu no cimo de um bloco de notas, um lembrete sumário para chegar àquela parte da história. Depois vi-a no dia seguinte e quase me faltou a respiração; por um instante, foi como se outra pessoa me tivesse dado aquela ordem. Deixa-a morrer: uma definição em duas palavras da longa linha curva do sofrimento, se é que alguma vez ouvi uma.

No primeiro verão depois de ter aprendido a remar, numa tarde no rio, em 1998, recordo-me de pensar que em breve perderia o meu querido pai

e que o remo e Caroline me ajudariam a superar a dor. Quando estamos assustados, todos contamos os membros da tribo. A sociedade ocidental moderna, na sua maior parte, encurralou esta tarefa dentro do reino da família nuclear: o marido limpa a garagem ou trata das contas; a irmã estará lá para ajudar depois do falecimento dos pais. Mas uma grande parte do mundo possui um outro tipo de lealdade, faz inconscientemente outro tipo de planos. Por força das circunstâncias e por vontade própria, Caroline e eu havíamos transferido um certo grau dessa dependência para a outra – juntamente com os nossos irmãos e com Morelli contávamos com a convivência diária, a proximidade emocional da vida quotidiana. Quem tem duplicados das chaves de casa ou contactos de emergência na carteira? Este é o tipo de lista que não se tem sequer em conta antes de chegar a uma certa idade, não enquanto se está a tentar fugir das responsabilidades em vez de as aceitar. Então, à medida que a ligação com outras pessoas aumenta, a lista toma forma. Caroline e eu tínhamo-nos insinuado tão completamente nesta posição primária que brincámos com o assunto durante anos, mesmo depois de ela se ter reconciliado com Morelli. Uma tarde, algumas semanas depois de Caroline ter partido, Morelli, Sandy e eu estávamos sentados num banco de jardim no lago, conversando, com a candura de combate própria dos seus três amigos mais chegados, sobre como seríamos capazes de continuar. «Oh, meu Deus», lamentei-me com uma angústia fingida. «Acho que agora vou ter de arranjar um namorado.» Julgo que só nós os três teríamos achado esta observação tão pertinente e tão reveladora.

A vida é um movimento irrefutável para a frente, uma seta de sentido único apontada para além dos que morreram. Durante meses, senti a violência do próprio tempo, como se algum grande barco que nos levava a todos tivesse deixado Caroline abandonada na margem. Um dia, enquanto estava a limpar as folhas do jardim, senti um vazio tão grande pelo que perdera que tive de parar e sentar-me na varanda. Toda esta matéria-prima, os rebentos novos transformando-se em adubo naquilo que parecia ser uma respiração única. De Caroline apenas restavam ossos e cinzas e recordações e eu recolhia as folhas mortas no abrigo do meu jardim enquanto os bolbos, pacientes e descuidados, esperavam para serem plantados. Parecia-me obsceno.

«Tiram-nos tudo», disse, a chorar, numa chamada telefónica interurbana para Louise. «Este simulacro de vida. E depois chegamos ao fim e descobrimos que a morte é ímpia, iminente e cruel.» Louise, que acima de tudo acreditava no poder das palavras, tomou nota enquanto eu falava. E, desta forma, registou para mim aquele momento que ninguém quer recordar, um momento que é, provavelmente, central para a sobrevivência. *E se morrer não for uma coisa má?* A morte de Caroline legara-me uma dádiva simultaneamente importante e terrível: como viver num mundo onde a perda, por vezes insuportável, é tão comum como o pó ou o luar.

E então, por fim, inconscientemente, a aceitação envolve o nosso coração. Mais tarde, naquele ano, deambulava por uma casa aberta na vizinhança e vi um soneto de Pablo Neruda, emoldurado na parede, que aludia a uma dimensão espacial da perda que eu nunca antes encontrara expressa. A morte de Caroline era um espaço vazio no coração, um lugar que eu não podia nem desejava preencher. Sentira-me confundida pelo predomínio destes sentimentos, a sensação de que a debilidade de Caroline era uma coisa muito própria, uma recordação delimitada por uma fita de polícia que seria um ultraje retirar. E aqui estava Neruda:

*Vive na minha ausência como se vivesses numa casa.*

*A ausência é uma casa tão vasta*

*Que lá dentro passarás através das paredes*

*E pendurarás quadros no ar.*

Vivi naquela casa de ausência, consolei-me com ela, até que a mágoa se tornou um substituto para o que havia perdido. «O sofrimento... recorda-me todas as suas partes amáveis», diz Constança em *O Rei João*, de Shakespeare, sobre a perda do filho. «Então tenho razões para apreciar o sofrimento.» Eu sabia que nunca voltaria a ter uma amiga como Caroline; suspeitava que nunca mais ninguém me conheceria tão bem. O facto de ela ser insubstituível tornou-se uma lealdade agridoce: a sua morte era o que eu tinha agora no seu lugar.

O sofrimento é fundamentalmente uma questão de egoísmo. Privado da sua fachada elegante – a investida inicial composta por flores, comida e compreensão – é um lugar de uma particularidade tal que a linha curva que descreve o seu percurso é tão complexa como o próprio relacionamento. As pessoas sentem a falta da presença quente na cama, do riso ao fim do dia, dos gestos, dos países ou do conhecimento partilhado

que percorreram juntas. Senti a falta de Caroline de muitas formas diferentes, mas em todas elas perpassava a ausência do diálogo constante, real ou imaginado. «Sinto falta de *nós*», dissera ela naquela manhã no exterior do hospital. Durante anos, através das dificuldades da escrita, do treino dos cães ou das vulgares mazelas da vida Caroline e eu tínhamos sido a voz calmante e modulada na cabeça uma da outra. Agora, os meus pensamentos ressoavam dentro de mim sem serem notados ou ouvidos, uma música solitária com um som demasiado grave. Durante meses, continuei a desejar telefonar-lhe, em parte imaginando que podia, para lhe dizer o que a sua ausência significara, o que a sua morte fizera à minha vida.

Não me recordo de muito do que fiz nesse primeiro ano após a morte de Caroline, para além dos rituais do costume que estavam agora ocultos sob um silêncio de veludo. Passear, ler, ver a luz a mudar. Sentava-me no sofá da sala de estar e lia cartas e postais enviados por pessoas que nos amavam às duas, depois voltava a lê-los para me conseguir lembrar de como éramos juntas. A minha amiga Andrea arrastou-me para reuniões de família nos dias que eu costumava passar com Caroline. Remava – meu Deus, remei até as minhas mãos ficarem como couro e todo o meu corpo doer com a fadiga que o meu coração sentia. Voltava para a doca dos barcos à luz do anoitecer, puxava o barco para fora da água, lavava-o e secava-o como se estivesse a fazer o aquecimento de um cavalo de corrida. Sei que escrevi, embora durante meses muito do que redigi não tivesse grande importância. Refleti, frequentemente e sozinha, sobre a existência de alguma promessa de consciência ou desígnio para lá do triunfo frio da biologia pura, lodo, criação, reprodução e depois lodo outra vez. Sobretudo, não podia suportar a incontestável ausência dela, ou a ideia insignificante de que a memória era tudo o que a vida eterna realmente significava, e passei demasiado tempo a tentar adivinhar onde é que as pessoas iam buscar a coragem ou a ilusão para seguirem em frente para além da imobilidade da morte. No início, a esperança parece ser uma violação da perda e, no entanto, sem ela não poderíamos sobreviver. Tinha uma amiga que anos antes perdera o seu primeiro filho ainda bebé, que me contou que uma das penosas consolações que recebeu nos estádios iniciais do sofrimento tinha vindo de um homem consciente da feroz lealdade que se sente para com os mortos. «O verdadeiro inferno», dissera-lhe, «é que

vai conseguir ultrapassar tudo isto.» Tal como uma estrela-do-mar, o coração resiste à amputação de uma das suas partes.

19 Epigrama japonês formado por dezassete sílabas, poema curto. (*N. da T.*)

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

.12.

Durante anos, tentara proteger-me da carga psíquica dos invernos da Nova Inglaterra mantendo-me dentro de casa com chá e aquecedores, até que arranjei um cão de trenó do Norte. *Clementine* fez-me sair para o mundo de muitíssimas maneiras, das quais a mais implacável tinha a ver com as estações do ano. Passeávamos durante tempestades de neve e por caminhos cobertos de gelo; caminhávamos na escuridão das seis da tarde e com temperaturas de um só dígito. Por causa dela eu aprendera a amar a luz no inverno – o dourado róseo do céu uma hora antes do anoitecer emoldurando os ramos minimalistas das árvores nuas cá em baixo. Estabeleci a minha rotina de acordo com a luz e com os desejos de *Clementine*. Depois da partida de Caroline jurei que faria as mesmas caminhadas, esperando encontrar algum consolo no espaço vazio a meu lado.

Assim, todos os dias quando acabava de escrever, o meu cão e eu percorríamos os poucos mas longos quarteirões até à beira de Fresh Pond, um oásis consagrado durante todo o ano mas, no inverno, povoado sobretudo por praticantes de *jogging* obstinados e pessoas que passeavam os seus cães. O nosso caminho habitual tinha cerca de três quilómetros no total; dávamos uma volta pelos bosques até ao campo de golfe deserto, onde *Clemmie* perseguia os gansos até lhe apetecer e ladrava ao rasto do escape dos aviões que cruzavam o céu.

Em finais de janeiro de 2004, numa sexta-feira à tarde, eu levava o carro e estacionara junto do campo de futebol, na extremidade do parque, a cerca de mil e seiscentos metros de casa; estavam nove graus negativos no exterior e eu queria seguir diretamente para o bosque. Os dias estavam maiores e a própria luz parecia mais brilhante, e nós caminhámos durante uma hora debaixo das nuvens que passavam rápida e suavemente, acenando ou cumprimentando os outros corajosos que passavam. *Clementine* tinha oito anos, estava naquele ponto da vida de um cão em que a dignidade e a vitalidade andam juntas, e raramente se afastava de mim, mesmo quando andava sem trela nos bosques. Quando fosse altura de sair do parque, tudo o que eu tinha de fazer era dizer, «Quieta», e ela parava onde quer que estivesse, de pé como um cavalo com as rédeas para baixo, enquanto eu lhe punha a trela.

Tínhamos acabado de sair dos bosques para o limite do campo de futebol quando ouvi um homem gritar: «Segure o seu cão!» *Clemmie* estava ao meu lado, sem trela, e ambas parámos abruptamente, em parte respondendo ao alarme da voz do homem. A cerca de nove metros de distância, ao pé das bancadas, vi um homem novo e musculado agachado no chão, tentando desesperadamente segurar dois cães de raça *pit bull* sem coleiras nem trelas. Um segundo depois, os cães libertaram-se das suas mãos e lançaram-se na nossa direção. O maior, um macho de um branco-acinzentado, deitou *Clementine* ao chão e agarrou-a pelo pescoço; o outro foi direito aos seus quartos traseiros. *Clemmie* pesava vinte e sete quilos e tinha a pelagem de inverno completa, o que num samoiedo representa uma camada dupla com uma altura de cerca de sete centímetros e meio, tão espessa como um tapete. Ela debatia-se violentamente, tentando abocanhar ambos, e eu berrava – «Leve os seus malditos cães!» – enquanto o homem tentava em vão controlar os *pit bulls*.

Eu ainda não sabia se *Clemmie* estava muito ferida, ou se o homem era um tipo duro ou um imbecil, e não havia mais ninguém em volta para ajudar. O homem conseguiu finalmente pôr um braço à volta do pescoço de cada cão e eu agarrei a coleira de *Clementine* e gritei: «Por favor, deixe-nos ir para o carro.» O campo era delimitado por uma vedação de arame que o separava da rua; eu sabia que tínhamos de chegar àquele portão. O homem lutava para manter os cães sob controlo e fez sinal que sim com a cabeça, sem fôlego. «Vão!», gritou. «Eu seguro-os.» *Clemmie* choramingava, arfando para se libertar, e eu segurei-a e começámos a correr através do campo.

Tínhamos chegado a meio caminho – menos de trinta metros – quando ouvi o homem gritar atrás de nós: «Cuidado!» Senti os pelos da nuca eriçarem-se. Voltei-me e avistei os dois cães precipitando-se na nossa direção a toda a velocidade. Então, vi um clarão cinzento voando pelo ar rumo a mim. A seguir, já só me recordo de estar no chão apoiada nas mãos e nos joelhos. O míssil cinzento era o macho maior, que pesava cerca de quarenta e cinco quilos; a fêmea fora atrás de *Clementine*. Quando me consegui pôr de pé, vi *Clemmie* no chão, a quase dois metros de distância, com os dois cães em cima dela. Um agarrava-a pela garganta e o outro tinha os dentes cravados na sua barriga. Não tinham emitido um único som.

A minha bexiga esvaziou-se como um balão de água. Vestia calças de ganga e percebi, com uma indiferença quase tranquila, que ficaram ensopadas. Estava naquele estado de vivacidade impregnada de adrenalina em que os olhos veem com nitidez mas a visão periférica é restrita e sentimos que conseguimos fazer seja o que for. O que eu sentia não era tanto medo mas uma espécie de horror selvagem e tive um *flash* de que lutar numa batalha devia ser assim: o sistema nervoso simpático mobiliza o corpo, que se livra de tudo o que não precisa. Sem qualquer esforço consciente da minha parte, eu entrara em modo de combate automático.

Juntei-me à luta e comecei a bater nas costas dos cães. Vestida para um tempo glacial, usava um pesado impermeável de penas e luvas sem dedos forradas com lã e toda a futilidade daquele momento foi capturada por essas luvas: lembro-me de olhar para baixo enquanto golpeava os cães e de pensar que as minhas mãos pareciam as de uma criança. Então o *pit bull* fêmea agarrou-me pelo antebraço, quase com indiferença, como para remover um obstáculo para longe da sua presa. A parte mais assustadora deste breve momento não foi a violência manifestada pelo cão mas o controlo – o meu braço bem podia ser um ramo, tão pouco era o interesse que lhe despertava. Geralmente, é possível avaliar a gravidade de um ataque perpetrado por um cão pelo barulho e pelo autodomínio – quanto mais silencioso é o ataque, mais mortífera é a intenção –, e eu soubera desde o início que esta situação era mortal. Os *pit bulls* estavam atrás de *Clementine*, não de mim. O facto de a fêmea me ter agarrado pelo braço deu a *Clementine* a oportunidade de lutar com o outro cão, afastando-o, e ela saiu furiosa, à velocidade de um cão de trenó, em direção aos bosques.

Por esta altura, o homem alcançara os cães e tentava controlá-los. Saí a correr atrás de *Clemmie*, ignorando a gravidade dos seus ferimentos ou para onde teria fugido em pânico. Comecei a chamar pelo seu nome e apercebi-me que, de tanto gritar, quase não tinha voz. Passava das cinco da tarde e começava a escurecer, e eu tropeçava através da neve num bosque a preto e branco. Não havia ninguém à vista. Recordo-me de pensar, numa lógica absurda, que provavelmente podia continuar à procura dela até às duas da manhã – que era esse o tempo que tinha antes de sentir a falta de água ou de comida ou antes de ficar fisicamente esgotada.

Passados alguns anos, a maior parte das memórias visuais daquela tarde têm uma nitidez cinematográfica – lembro-me do que tinha vestido, do sítio onde estava, de como sentia os braços e o rosto e a voz enquanto esquadrihava os bosques que escureciam à procura de um cão branco. Houve alguns pequenos momentos que desapareceram – lembro-me de ouvir a voz do meu amigo Peter na caixa de correio do seu telemóvel, mas não me lembro de lhe ligar ou de pensar em fazê-lo, apenas o som da sua mensagem gravada. Ele vivia a quatro casas de distância da minha e sabia mais sobre cães do que qualquer outra pessoa que eu já conhecesse, e ao ouvir a sua gravação consegui dizer algo como: «Fomos atacadas por *pit bulls* e *Clemmie* está ferida e perdida nos bosques.» Disse-me mais tarde que, quando ouviu a mensagem, quase não reconheceu a minha voz. A seguir liguei para Avery, que vivia na esquina perto do lago, e ela dirigiu-se imediatamente na minha direção. Quando chegou ao pé de mim, dez minutos depois, a primeira onda de adrenalina passara e eu percebera que *Clementine* estava perdida, e tremia dos pés à cabeça, finalmente apavorada. Como estava sem voz, Avery continuou a chamar por *Clemmie*, e então o meu telemóvel tocou e eu ouvi Peter, sem fôlego, dizer: «Vou já a correr ter contigo.»

Em todas as situações da nossa vida em que nos sentimos em queda livre, há momentos que se destacam como se uma mão se estendesse sobre o abismo, e este, para mim, foi um deles. Sem pensar, disse: «Não, vai primeiro a minha casa» – ele vivia mais abaixo na nossa rua, na direção do lago, que uma avenida principal separava das nossas casas. Daí a dois minutos o telefone voltou a tocar, tão depressa que eu sabia que tinham de ser boas ou más notícias. Então, ouvi-o gritar, «Já a tenho!», e os meus joelhos foram-se abaixo. Avery levou-me até ao meu carro e guiou até casa.

Sempre desejei que tivesse havido alguma testemunha daquele dia, alguém que me pudesse contar qual o caminho que *Clementine* havia percorrido. Assim que fugira dos cães, ela correria para os bosques junto ao parque, e tivera de atravessar um campo do outro lado dos bosques e depois uma via com quatro faixas, durante a hora de ponta do final da tarde. Em seguida, atravessara mais duas ruas até ao quarteirão em que vivíamos, uma viagem de mais de um quilómetro no meio do trânsito da cidade. Peter descobrira-a tremendo na minha varanda da frente. Estava a

sangrar, coberta de saliva dos *pit bulls*, e tinha encontrado o caminho para casa.

Quatro horas depois, o veterinário e a sua assistente tinham rapado metade do pelo de *Clemmie* e começado a fechar as feridas abertas no dorso e nos lados. Peter, cujo pai fora treinador de cavalos e que sabia como controlar um animal que se debate violentamente, segurou *Clemmie* enquanto a anestesiavam. As pessoas no consultório do veterinário conheciam-nos desde que ela era um cachorrinho: Beth, a minha veterinária, ficara em silêncio quando eu telefonara a descrever o ataque e as duas pessoas que ainda estavam na clínica tinham ficado até mais tarde para esperar por nós quando souberam o que acontecera. Eram quase dez horas da noite e ninguém comia há horas, embora eu me tivesse lembrado de agarrar um pão quando ia a sair de casa; sabia que ia ser uma longa noite. Depois de terem anestesiado *Clemmie*, deixei-me finalmente cair no chão da sala de operações com *Cleo* ao meu lado, o pastor belga de Peter. *Clemmie* estava coberta de feridas perfurantes nos quadris e no abdómen e tinha golpes profundos ao longo do dorso; a sua camada de pelo dupla e espessa tinha-lhe provavelmente salvo a vida. Quando, por fim, fecharam as feridas e ela começou a acordar da anestesia, agachei-me junto da mesa de operações para ela me poder ver e cheirar quando acordasse. Maggie, que estivera a ajudar o veterinário e a segurar *Clementine* enquanto ela estava anestesiada, sorriu-me do outro lado da mesa. «Sabe», disse-me, «está a aguentar-se muito melhor do que eu pensei.»

Eu estava radiante. «Está a brincar?», retorqui. «Ela está viva.»

Passou mais de uma semana antes que *Clementine* conseguisse passar, sem tremer, a entrada do caminho que levava a minha casa mas, como cão de trenó que era, tinha um forte instinto social, e penso que, psicologicamente, ela recuperou mais depressa e melhor do que eu. Para além do facto de me sentir dorida e exausta, o meu único legado físico do ataque fora uma meia-lua negra no antebraço, que descobrira na tarde seguinte, uma contusão do tamanho da mandíbula do *pit bull*, onde a fêmea me agarrara. O cão mordera através de um espesso impermeável de penas e duas camisolas para deixar a sua marca, mas eu não a senti nem notei senão no dia seguinte, quando a adrenalina fora substituída por um cansaço esmagador. Fui-me abaixo quando estava ao telefone com Louise, que adorava cães e me adorava a mim e sabia como cuidar de ambas as

espécies nas alturas mais difíceis. Enviou rosas brancas para a dor imediata e – como assistente implacável da narrativa – tinha uma solução ainda melhor para os danos de longo prazo. «Sei que isto parece insensível», disse durante a nossa primeira conversa, «mas estás a tomar notas?»

A minha intrépida mãe texana, que acabara de fazer noventa anos, mostrou um género de lealdade diferente, mais inclinada para o uso da espada do que da palavra e suficientemente feroz para me fazer rir com gratidão. Ela adorava *Clementine* e ficou horrorizada com o que nos acontecera. «Dá vontade de pegar numa arma, não dá?», disse-me, ao telefone, num dia em que eu estava particularmente abalada, e eu respondi, com a voz a tremer: «Sim, realmente dá.»

«Olha, querida», continuou, como se estivesse a tentar apaziguar uma criança decidida, «sabes que não podes.»

No dia seguinte ao ataque, os *pit bulls* tinham sido apanhados pelas autoridades e postos de quarentena. Tinha pela frente meses de deslocações ao tribunal, bem como uma longa campanha pela cidade para abater um dos cães e isolar permanentemente o outro. Para mim, haveria também *flashbacks* e medos e preocupações aparentemente inadequados, os restos do trauma que tendem a insinuar-se na psique só depois de o perigo ter passado. Eu já me tinha preparado instintivamente contra alguns destes resíduos através do poder simples da narrativa: a partir do momento em que telefonara a Peter, nos bosques, os acontecimentos daquele dia começaram a moldar-se numa verdade suportável. E Caroline, que durante muito tempo fora o espírito de busca-e-salvamento no meu panteão, foi tão vital como o ar no recontar da história.

Durante cerca de três semanas após o ataque, tive a certeza de que Caroline salvara *Clementine* naquele dia – que a tinha ajudado a fugir dos cães e conduzido, através do trânsito que circulava a grande velocidade, até ao ponto seguro. Acreditei nisto plena e categoricamente, com uma sinceridade que ajudou a proteger-me da iniquidade fortuita do sucedido. Alguns dias depois do ataque, *Clementine* alcançara um estatuto lendário na vizinhança, quer pelo horror da história, quer pela sua odisseia no regresso a casa, e as suas feridas e o pelo rapado atraíam tanto a atenção que até alguns desconhecidos paravam para saber de nós. Quando as pessoas que tinham conhecido Caroline nos viam no lago, eu dizia,

provavelmente com olhos de demente: «Acho que Caroline a salvou!» Não era meu costume fazer declarações destas, uma vez que me inclinava mais para o empírico do que para o místico, e se as pessoas pareciam surpreendidas quando fazia esta afirmação, eram suficientemente simpáticas para me deixar em paz. Tivera um sonho meia acordada nos primeiros dias após o ataque, no qual despertava de um sono profundo e dizia a Caroline, na escuridão do meu quarto: «Meu Deus, foste tu, não foste?» E ela respondia com o seu riso suave e inteligente, divertida pela minha lentidão em reconhecer o óbvio. Vesti a minha convicção como um escudo de *kryptonite* enquanto precisei dos seus poderes, até voltar a conseguir estar de pé com o cão num campo sem esquadrihar o horizonte à procura do desastre.

E agora? Duvido que alguma vez me convença, num sentido ou noutro. É uma história que ainda conto a mim mesma, emoldurada dentro do pensamento mágico próprio de uma história para crianças, onde as florestas são encantadas e os monstros podem ser vencidos e o amor e a coragem triunfam sempre sobre o perigo.

\* \* \*

«Os mortos protegem-nos», disse à minha amiga Andrea uma noite, ao jantar, quando aquele dia sombrio no campo tinha já sido ultrapassado, muito depois de ter cessado de anunciar que o espírito de Caroline nos conduzira até casa. As palavras saíram-me da boca com a certeza de uma litania, apesar de eu não estar completamente certa do que significavam nem ter tido consciência do que pensava até as pronunciar em voz alta. *Os mortos protegem-nos*. Sinto isto agora com um alívio quase feroz. A morte de Caroline forçara-me a assumir uma coragem debaixo de fogo; agora ela estava dentro de mim como uma sentinela silenciosa. E quer esta ligação possa ser atribuída à memória ou a Deus, ela oferece-nos uma consolação que eu nunca conhecera. Ele está comigo. «Tiram-nos tudo», chorara eu ao telefone com Louise naquela noite, abatida pelo desespero. Afinal, descobri que não nos tiram mesmo tudo.

O ataque a *Clementine* fez-me aprender algo que na altura me confundiu e alarmou. Depois de tanto medo e tanta violência, aqui estava o meu cão, a salvo e com vida e, no entanto, eu preocupava-me com ele com um exagero maternal que parecia eclipsar o meu sofrimento pelos mortos. Senti-me envergonhada pela natureza inconsolável da minha inquietação;

*Clemmie* estava viva e Caroline partira e, no entanto, a minha angústia naquele momento dirigia-se àquela que se salvara. Então, apercebi-me de uma outra coisa que não vem nos livros de instruções sobre o luto: que nós só nos afligimos com os vivos. Eu podia sofrer por causa de Caroline durante o resto da minha vida, mas já não me preocupava com ela.

Anos depois da sua morte, encontrei as dedicatórias que Caroline me redigira em dois dos seus livros – o primeiro escrito alguns meses depois de termos iniciado a nossa amizade, o segundo dois anos mais tarde. Julgo que soubemos desde o começo que esta amizade era diferente, que nos esforçaríamos por a tornar imune ao desgaste do tempo. «Para a minha querida Gail», escrevera ela no início de *Pack of Two*, «com mais amor e gratidão do que as palavras conseguem expressar. A tua presença – no mundo, nos bosques, neste livro – alterou a própria textura da minha vida. Obrigada por tudo o que partilhámos e que tenhamos ainda muitos anos e muitos quilómetros com as nossas lindas meninas.»

O barco de Caroline percorreu mais de três mil quilómetros desde que o levei rio acima naquele dia calmo de 2002. Agora tenho mais quinze anos do que Caroline jamais terá; remo mais devagar, mas quando hesito no início de cada época fecho os olhos e visualizo a precisão da sua remada, e então corrijo a minha. Ela ainda é a minha treinadora. Uma tarde em que acabara de remar oito quilómetros, enquanto guardava o barco, disse-lhe em voz alta: «Ficarias muito orgulhosa de mim.» O que isto significava era que eu não desistira de remar: a resistência era uma das características que admirávamos uma na outra. Mas hoje sei que me referia a algo mais para além do remo, algo comparável aos quilómetros percorridos apesar do cansaço, do desânimo e do tempo inclemente. Caroline ficaria muito orgulhosa de mim – orgulhosa de nós – porque eu também não desistira dela.

### .13.

*Clementine* ficou comigo durante mais quatro anos. Eu costumava deitar-me ao lado dela em cima do tapete persa da sala de jantar, colocar os meus braços à sua volta e dizer: «Vamos ver se consegues chegar aos treze. Achas que conseguimos?» E ela suspirava fundo e deitava-se de costas. Trouxera-a para casa, com oito semanas, no dia 3 de junho de 1995, o dia em que o meu pai fez oitenta e um anos. Na altura pensei que depois de ele morrer eu teria este aniversário duplo para suavizar a tristeza de o perder. Caroline morreu à meia-noite do dia 3 de junho, sete anos mais tarde, e a data assumiu um significado doloroso.

No primeiro ano em que tive o cachorrinho, mesmo antes de Caroline e eu nos tornarmos amigas, eu levava *Clementine* até Castle Island, um passeio ao longo da praia no porto de Boston, num dia ventoso de março. Percorremos um longo caminho construído por cima da água, quando o vento se levantou e eu vi que ela hesitava; olhou para mim, em busca de uma indicação quanto ao sentido a seguir, e depois continuou a bom ritmo. O primeiro ano de relacionamento entre um dono e o seu cão pode ser representado por uma curva relacional acentuada, em que cada um descobre quem é o outro e como serão juntos. Soube naquele instante, quando nos olhámos diretamente nos olhos e ela começou a avançar, levando-me atrás de si, que nos tínhamos tornado uma equipa e que ela também o sabia, e que me acompanharia onde quer que eu fosse.

Durante a década seguinte, *Clementine* fora parte integrante dos anos mais intensos e alegres da minha vida e testemunha de alguns dos mais tristes. Conduziu-me para os bosques com a melhor amiga que tive na vida, e estava sempre à minha espera quando eu voltava à noite do hospital onde Caroline estava a morrer. Foi a sentinela no final de cada viagem que fiz de volta ao Texas para cuidar dos meus pais, que envelheciam. Depois de ambos morrerem, enterrados ao lado um do outro sob o sol do Texas, voltei de avião para Cambridge e, quando entrei em casa, *Clementine* mordeu-me o nariz, uma mordidela amável de boas-vindas, e depois encostou-se a mim e mal saiu do meu lado durante dias.

Os cães velhos podem ser uma visão majestosa. Com o passar dos anos, a sua exuberância acalma e transforma-se numa nobreza amadurecida, as rotinas tornam-se tão ligadas às nossas que até parece o mais tranquilo e generoso dos casamentos. Quando fez onze anos, *Clementine* começou a

perder o pelo, um problema que pode suceder nas fêmeas mais velhas de raça samoiedo e, por isso, estava muito longe da imponente figura branca dos seus primeiros anos. Outrora um modelo para a sua raça, assemelhava-se agora a um coelho de veludilho, desgrenhado e feito de retalhos, e amado até ficar completamente puído. Por vezes, na rua, algumas pessoas mais insensíveis diziam, «Oh, o que aconteceu ao seu cão?», mais curiosos do que verdadeiramente preocupados, e eu respondia, só para os aborrecer: «Acho que ela se parece um pouco com a Katharine Hepburn, não acha?» Para mim, ela estava sempre na mesma. Nos últimos anos, os nossos passeios diários tornaram-se mais lentos e mais curtos. Às vezes íamos só até ao banco de Virginia Woolf, um assento de granito nos bosques de Fresh Pond com vista para a extremidade do lago e que tem escrita uma citação de *Orlando*, e *Clementine* deitava-se debaixo do banco no qual eu me sentava, observando os pinheiros altos e o céu por cima de mim. Ou então, ela deitava-se no jardim em frente de casa, ao meu lado, enquanto eu plantava flores, parecendo satisfeita por contemplar o mundo em vez de tentar correr nele.

Na primavera de 2008, *Clementine* começou a tossir com uma bronquite que não melhorava e eu soube que estávamos naquela altura da vida dos cães idosos, em que surgem uma multiplicidade de sintomas que pressagiam o resultado final. Não conseguia suportar a ideia de que ela podia deixar-me no dia 3 de junho e naquela noite deitei-me ao seu lado no chão, coloquei os meus braços à sua volta e disse-lhe: «Bem, conseguimos, querida, não foi?» Duas noites depois o seu estado começou a deteriorar-se rapidamente. Dei-lhe uma dose de Valium suficiente para aliviar a sua aflição e, quando entrei no Hospital Angell Memorial, à uma e meia da manhã, fi-lo com a boca seca e a certeza de que voltaria para casa com a trela e a coleira, mas sem ela. Tinha uma amiga chegada que era veterinária e que conhecera *Clementine* desde cachorrinho, e ela insistira para que eu lhe ligasse a meio da noite quando chegasse a altura. Por isso, Amy estava à minha espera no parque de estacionamento do hospital, pronta para me servir de navegador pelo terreno amargo da eutanásia e dos clínicos anónimos, e estava no chão ao nosso lado quando a deixámos partir. Eu chorava mais do que desejava e tinha receio de perturbar *Clementine*, mas ela manteve-se calma, com a pata no meu

braço. «Vai ter com Caroline», disse-lhe, e quando ela morreu esticou as pernas da frente na minha direção e voltou-se de modo a ficar nos meus braços, onde tenho a certeza de que permanecerá para sempre.

Não queria deixá-la ali. Depois de o corpo ter sido etiquetado, colocámo-la na carrinha de Amy para que ela a pudesse levar para o seu consultório naquela manhã, quando abrisse, para então ser cremada. Ficámos sentadas na carrinha durante muito tempo, do lado de fora das luzes brilhantes e acolhedoras do hospital falando e, por vezes, chorando, com o corpo de *Clementine* na bagageira como um consolo estranho. Eu olhava fixamente aquele espaço, demasiado familiar, de um mundo ainda fresco, com a incredulidade inicial que acompanha o sofrimento. Eram quase cinco da manhã quando regressei a pé à minha casa terrivelmente silenciosa, mais triste do que as lágrimas alguma vez poderão expressar, sabendo que me encontrava no corredor de algo bem maior do que eu e que tinha de o suportar e de ficar onde estava. Entrei no quarto e vi a fotografia de Caroline na minha cómoda. Olhei para ela através daquele enorme abismo que é a morte e disse «Apanha».

\* \* \*

«O *Carlo* morreu», escreveu Emily Dickinson ao seu amigo e mentor a propósito da morte do seu adorado cão de raça terra-nova. «Pode dizer-me o que hei de fazer?» Dizer que eu não era capaz de aguentar esta última partida é um comentário inútil, porque aguentar foi o que fiz e aguentar é o que todos fazemos; dizer que eu não acreditava que fosse capaz é talvez mais pertinente. Caroline e eu faláramos durante anos sobre a ideia impensável de perder *Clementine* e *Lucille*; a probabilidade de suportarmos juntas a morte dos nossos cães parecia-nos uma elegante coincidência temporal.

O cantinho preferido de *Clementine* no jardim das traseiras era debaixo de um teixo enorme, um arbusto que crescera tanto que uma roseira selvagem que nascera ao seu lado serpenteava por entre os seus ramos e à volta deles. Na primavera, visto da varanda do segundo andar, parece que o teixo dá flores brancas – um híbrido mágico com espinhos, flores e ramos sempre verdes. Por um truque de magia ou obra de Deus, hoje sei que há visões como esta em todo o lado. Talvez a questão seja a de aceitar a tristeza inerente à vida sem cair de cabeça dentro dela ou deixar que ela defina os nossos dias. O verdadeiro truque é permitir que a vida, com

todos os seus erros e desgostos habituais, seja sempre mais misteriosa e sedutora do que o seu fim.

Bem cedo na vida de *Clementine*, quando Caroline e eu tínhamos começado a forjar os laços profundos que nos uniam, aluguei uma casa por algumas semanas, durante o verão, nos bosques de Truro, em Cape Cod. Caroline e *Lucille* tinham ficado de se reunir connosco no dia seguinte. Na noite em que cheguei, as pessoas que zelavam a enorme casa existente na propriedade passaram por lá para me informar que também cuidavam de uma senhora idosa que ali vivia – uma senhora com mais de noventa anos e cada dia mais fraca. Não me devia alarmar, disseram, se ouvisse carros a ir e vir; a assistência era prestada em turnos de vinte e quatro horas.

Uma hora mais tarde, ao anoitecer, depois de eu ter descarregado o carro com *Clemmie* junto a mim, uma das enfermeiras voltou e bateu-me à porta. «A senhora C. pergunta se não se importa de passar por lá», disse, timidamente. «Ela quer ver o grande cão branco.» *Clemmie* crescera perto de um vizinho que estava numa cadeira de rodas, por isso, não me preocupava a possibilidade de ela não ser dócil, e quando entrámos na casa ela dirigiu-se à cadeira de rodas da senhora C. e colocou-se ao lado da sua mão. Os olhos enevoados da senhora iluminaram-se e ela sorria à medida que passava a mão pelo tufo de pelo de *Clementine* em volta do pescoço. «Gosto de um cão *grande*», disse, à laia de introdução; falava com uma autoridade decidida, como se apenas tivéssemos retomado uma longa conversa em que a sua opinião era de enorme importância. Por mais fraca que estivesse, toda a sua força se concentrava na voz. «Quando era pequena, tinha lobos-da-alsácia», disse-me, a voz animada com a lembrança. «Costumavam correr aqui pelos bosques e aterrorizar toda a gente.» Sorria ao contar esta história e, por um instante, pude vê-la quando ainda era rapariga, destemida nas regiões selvagens da Truro de meados do século XX, protegida pelos seus cães pastores e correndo livremente.

Sempre pensei que devia haver destinos bem piores do que o daquela mulher, curvada mas intrépida perante a realidade física da vida, as suas recordações e a sua presença imperiosa brilhando mais do que a luz que se desvanece ao envelhecer. Uma mulher ainda capaz de convocar para junto de si uma criatura quase mais pesada do que ela; ainda capaz de dizer,

com uma convicção feliz: «Gosto de um cão *grande*.» Também eu gosto de um cão grande.

«O coração parte-se em dois», disse-me um amigo a seguir à morte de *Clementine*. Hoje sei que nunca ultrapassa mos as grandes perdas: absorvemo-las e elas esculpem-nos até nos tornarmos uma pessoa diferente, frequentemente mais generosa. Por vezes penso que é a dor que gera a solução. O sofrimento e a memória criam a sua própria narrativa: esta é a verdade cintilante no íntimo de Freud e de Neruda, e de cada história de guerra contada. A morte comanda e origina a história pela mesma razão pela qual as tribos antigas costumavam enterrar flores com os seus mortos. Contamos a história para os termos de volta, para capturar os vestígios dos seus passos na neve.

Depois da morte de Caroline, fiz uma lista das coisas que queria realizar antes que a minha vida chegasse ao fim: escrever um livro, ir a Paris, encontrar um grande amor, ter o maior número de cães que pudesse. Ah, e encontrar Deus, disse a uma pessoa amiga, o pós-escrito que podia mudar completamente o mundo. Não era uma lista muito comprida, mas tudo nela me parecia essencial. Comecei a levar a cabo estas coisas de uma forma sistemática e inconsciente, inteirada de que o mapa da vida é feito de sorte, circunstância e determinação. Sempre dissera a Caroline que quando perdesse *Clementine* iria a Paris, choraria amargamente durante seis meses e depois regressaria a casa e arranjaría um cachorrinho.

Paris ainda está na lista. A primavera em que o estado de *Clemmie* se começou a deteriorar foi esgotante e desoladora e, quando ela partiu, eu não estava mais capaz de viajar para o estrangeiro do que estaria para ir à Lua de bicicleta. Em vez disso, passei o verão sob a influência negativa da mágoa e da angústia, perguntando-me como conseguiria continuar no mundo sem a sua presença. A minha própria existência parecia diminuída.

Coloquei as flores que as pessoas me ofereceram no seu cantinho junto ao teixo, e quando elas amareleceram empilhei mais flores em cima, de modo a haver uma cama de flores secas no local onde ela se deitara. Sentei-me na varanda e falei com ela, como falara com Caroline depois de ela morrer e com *Clemmie* durante toda a sua vida. Ao escutar as recordações e o silêncio, descobri que não me interessava grande coisa ir a Paris, pelo menos naquela altura. Que o que eu queria era sentir a respiração dentro de casa e o entusiasmo e as exigências de alguém que

precisava de mim. «É o teu amor», dissera o meu velho amigo Pete anos antes, quando eu estava a tentar sair de um mau relacionamento. «Pertence-te.» O meu amor: uma dádiva preciosa e solitária.

Uma tarde, passei uma hora ao telefone com um criador de *border collies*, um desconhecido que compreendeu a minha angústia e se manteve em contacto comigo durante os meses subsequentes sem qualquer outro objetivo senão o de ser amável. Peter, que ajudara a salvar *Clementine* naquele dia frio alguns anos antes, sabia o que eu perdera mas não o conseguia expressar, por isso, na maior parte dos dias, depois de ele e *Shiloh*, o seu jovem pastor belga, terminarem a sua corrida, abria a minha porta das traseiras e gritava: «Cão!» *Shiloh*, o meu pastor ajudante durante a manhã, que há muito me incluía na sua matilha e que provavelmente sentira a partida de *Clemmie* antes de ela morrer, entrava. Ficava deitado ao meu lado durante uma hora enquanto eu escrevia, tão tranquila e concentrada como uma enfermeira ao domicílio.

Os velhos tecelões navajos costumavam introduzir um fio desirmanado em cada um dos seus tapetes, uma cor contrastante que corre na direção da borda exterior. Pode distinguir-se um tapete autêntico por este defeito intencional, a que se chama linha do espírito, cujo objetivo é libertar a energia presa dentro do tapete e preparar o caminho para a criação seguinte.

Na vida, qualquer história que valha a pena guardar tem de ter uma linha do espírito. Podemos chamar-lhe esperança, amanhã ou o «e depois» da própria narrativa, mas sem isso – sem aquele facto brilhante e discordante que é o desconhecido, aquilo que não podemos controlar – a consciência e tudo o que ela implica – tombariam para dentro e implodiriam. O universo insiste em que o que é fixo é também finito.

\* \* \*

Num dia luminoso e quente do final do verão, viajei, não para Paris, mas para Baltimore, numa missão mais sinuosa e menos deslumbrante do que uma visita ao Louvre. Aluguei um automóvel no aeroporto de Baltimore e parti de Maryland através da Pensilvânia rural, para me encontrar com um criador de samoiedos cujos cães vira dez anos antes. Aquela parte do estado proporciona uma sensação rústica, própria do Sul, cheia de estradas secundárias e colinas verdes e ondulantes, com estrelas

de celeiro<sup>20</sup> em metade das casas. Eu estava a pé desde a madrugada e sentia-me sozinha e meia perdida, perguntando a mim própria que diabo estava a fazer nesta parte isolada da Pensilvânia quando podia estar em Itália, por exemplo, ou em Montana, ou no Sul de França. Passei por um pequeno sinal rodoviário na estrada principal, tão discreto como um sinal de trânsito, onde se lia LINHA MASON DIXON<sup>21</sup> e o meu coração começou a palpitar.

Logo a seguir ao sinal, do outro lado da estrada, havia uma loja de bebidas alcoólicas de aspeto desmazelado, que ostentava um letreiro de néon roxo. Viajei muito no tempo em que bebia – o álcool dava-me a coragem estimulante que me tornava capaz de ir a qualquer lado – e onde quer que chegasse, a primeira coisa que fazia, que tinha de fazer, era encontrar a loja de bebidas mais próxima. Sempre fingi que era uma missão de vontade, mas sentia que era como uma condenação. Quando passei sem parar por aquela loja na Pensilvânia, com o seu parque de estacionamento meio cheio de automóveis logo ao início da tarde, tive uma visão do que fora ser obrigada a fazer aquilo, encontrar o lugar que guardava a minha garrafa de esperança.

Mas a loja, com a sua luz brilhante – BEBIDAS –, também me trouxe uma outra lembrança, de alguns anos atrás, que quase me fez rir alto. No Texas, quando eu era pequena, sempre que alguém ia à loja de bebidas ou dava um pulo até ao carro para beber um copo, a expressão informal utilizada era: «Tenho de ir ver um sujeito por causa de um cão.» Agora, aqui estava eu, tantas décadas e quilómetros depois, sóbria e magoada e ainda viva, e tinha realmente de ir ver uma pessoa por causa de um cão. Fazia parte de uma ninhada que nascera em junho, e apesar de ainda não a ter visto, já lhe tinha dado um nome: *Tula*, um maravilhoso nome antigo do Sul, de que eu sempre gostara. Pesquisara as suas origens e ficara a gostar dele ainda mais. *Tula* deriva do sânscrito e significa «equilíbrio», ou de «*tulayati*», que quer dizer «levantar».

As nuvens corriam à minha frente e eu dirigi-me a Gettysburg, um lugar cujo solo e memória são tão sagrados que a minha própria vida foi relegada para o horizonte nebuloso onde pertencia. Entrei com o carro no parque militar, fui até aos velhos campos de batalha e parei no cemitério o

tempo suficiente para prestar a minha homenagem. Depois, regressei ao carro e continuei o meu caminho.

20 Objeto decorativo, geralmente com a forma de uma estrela de cinco pontas, pendurado na porta dos celeiros e considerado um símbolo de boa sorte. (*N. da T.*)

21 Antiga linha de demarcação entre estados, que se tornou parte da fronteira entre os estados abolicionistas e escravagistas, utilizada simbolicamente como fronteira cultural entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos. (*N. da T.*)

## AGRADECIMENTOS

A minha editora, Kate Medina, compreendeu a visão deste livro desde o início; o meu obrigada está em todas as páginas. Louise Erdrich, irmã escondida, foi inestimável como escritora e amiga. A minha agente, Lane Zachary, contribuiu com a sua mistura habitual de entusiasmo e serenidade budista. Andrea Cohen, poeta e brincalhona, recordou-me sempre a importância do humor.

A resistência emocional de que eu precisava para contar esta história surgiu de muitas fontes. Pela sua gentileza e bondade, dentro da própria história e depois para comigo, o meu enorme obrigada e o meu amor para Mark Morelli, Sandra Shea, Rebecca Knapp e David Herzog.

A minha vida continuou graças ao cuidado e atenção de um conjunto excecional de amigos: Peter e Pat Wright, Kathy e Leo De Natale, Avery Rimer, Rick Weissbourd, Peter James, Marjorie Gatchell, Eliza Gagnon, Louisa Williams e o grupo de sábado à noite. Amy Kantor e Beth Sheperd cuidaram de mim de todas as formas possíveis. Sei que Caroline ficaria feliz por esta lista ser tão longa e preenchida. Finalmente, o meu amor e gratidão vão para Dick Chasin, que conheceu a profundidade do meu sofrimento bem como a minha viagem através dele.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)